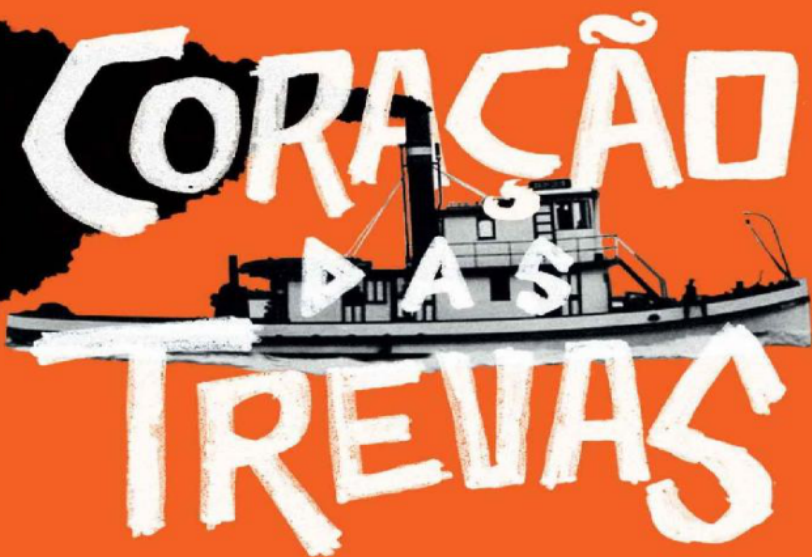


CORACÃO DAS TREVAS



JOSEPH CONRAD



UM ROMANCE
de
**JOSEPH
CONRAD**

ILUSTRAÇÕES
por
**CLAUDIO
DANTAS**

TRADUÇÃO
de
**JOSÉ RUBENS
SIQUEIRA**

Coordenação editorial **ROBERTO JANNARELLI**
Preparação **NATÉRCIA PONTES**
Revisão **ERIKA NOGUEIRA LUISA SUASSUNA**
Projeto gráfico e diagramação **ILUSTRARTE**
Capa **PEDRO INOUE**

Textos de

FILIPE NOBRE FIGUEIREDO
CHRISTIAN DUNKER
ANA MARIA BAHIANA
SILVIO ALMEIDA

Expedição ao desconhecido idealizada por

DANIEL LAMEIRA
LUCIANA FRACCHETTA
RAFAEL DRUMMOND
&
SERGIO DRUMMOND

ANTOFÁGICA

CORAÇÃO DAS TREVAS

JOSEPH CONRAD

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Chapter I

Chapter II

Chapter III

COLONIZAÇÃO E LOUCURA

DA FOZ À NASCENTE: UMA JORNADA PARA TODOS OS TEMPOS

IMPERIALISMO, COLONIZAÇÃO E RACISMO

APRESENTAÇÃO

por

FILIPPE NOBRE FIGUEIREDO

Coração das trevas talvez seja o maior exemplo de como o ser humano pode ignorar a realidade brutal que o cerca. Para qualquer apaixonado por História com o desejo de entender a cabeça das pessoas em seus tempos e lugares, este livro de Joseph Conrad é um documento não apenas histórico, mas também sentimental. E não necessariamente em um bom sentido, já que repulsa, confusão e espanto são reações comuns a essa leitura e às reflexões que ela levanta.

Falando como um desses apaixonados, que teve o privilégio de transformar sua paixão em ofício, meu primeiro contato com uma obra de Conrad foi ainda adolescente, com *Os duelistas*; primeiro o filme, depois o conto. Cheguei em *Coração das trevas* no início da graduação, quando se acredita já ser um adulto. Publicada em livro originalmente em 1902, a obra se passa no então belga Estado Independente do Congo, que não era um Estado, tampouco independente.

Coração das trevas abriu uma janela, uma das primeiras de sua época, para que o mundo olhasse a violência do imperialismo na África. Hoje, as expressões “imperialismo”, “violência na África” e similares, soam como um clichê para muitas pessoas, infelizmente. Na época da publicação original da obra, tudo isso era visto, no máximo, como um pequeno e necessário efeito colateral da presença “civilizadora” dos europeus, o “fardo do homem branco”: tomar os “primitivos” pelas mãos e conduzi-los rumo à cultura e à fé. Paradoxalmente, para levar os pagãos ao seu Deus, os europeus se travestiram de um.

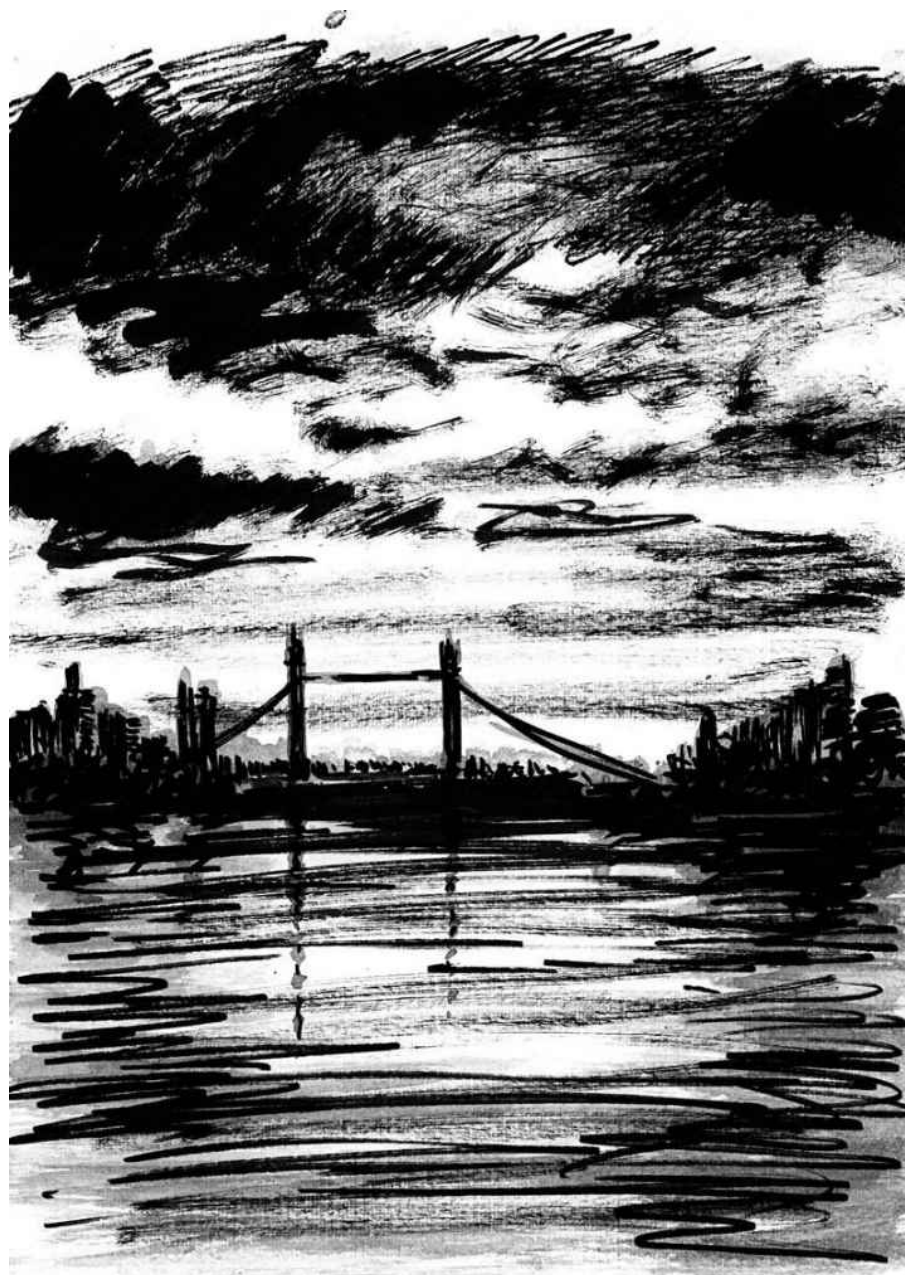
A “violência colateral” desse impulso ideológico sustentava o aumento do fornecimento de insumos para a industrialização europeia e a melhora da vida metropolitana. No Congo belga, então propriedade privada do rei Leopoldo II, cerca de dez milhões de vidas foram ceifadas de forma direta ou indireta. Execuções, trabalho até a exaustão, negligência, doenças. A ganância pela borracha introduziu no continente africano uma prática vista até hoje: a punição pelo decepar de mãos ou antebraços, uma “invenção” belga.

Tudo isso enquanto a maioria desfrutava de sua ignorância ou

escolhia olhar para o outro lado, procurando confortos relativistas. Conrad, por sua vez, decidiu fazer algo diferente; usou sua escrita para denunciar o que viu em seus anos no Congo, iniciando um movimento de pressão sobre o governo belga. Outros autores e políticos se juntaram a ele e, eventualmente, tiveram algum sucesso. Sua obra também é uma denúncia de como os europeus, mesmo esclarecidos, como o autor, desconheciam os africanos.

A experiência de ler *Coração das trevas* é, como dito antes, a de olhar por uma janela, que nos permite ver o abismo da mente humana; o medo do desconhecido; a violência e barbárie que o homem é capaz de infligir mesmo em nome da civilização; como isso era, e é, normalizado; como criamos imagens em nossas cabeças em vez de entender a realidade e sua complexidade. Conrad nos deu uma obra que pode ser lida como uma aventura, como um soco no estômago e como uma amostra do que nos cerca.

FILIPPE NOBRE FIGUEIREDO é tradutor, jornalista e escritor. Formado em História, colabora para a *Gazeta do Povo* e está à frente do podcast Xadrez Verbal, além de participar do canal do Youtube Nerdologia.



I

A *Nellie*, uma escuna de cruzeiro, balançou em sua âncora sem nenhum movimento das velas, e serenou. A maré tinha subido, o vento estava quase calmo, e, como ia descer o rio, a única coisa a fazer era ficar e esperar a virada da maré.

O estuário do Tâmesa se estendia à nossa frente como o começo de um canal interminável. No horizonte, o mar e o céu fundiam-se sem emenda, e no espaço luminoso as velas tostadas das barcas que deslizavam rio acima com a maré pareciam paradas em grupos vermelhos de lona em picos, com brilhos de espichas envernizadas. Uma névoa repousava nas margens baixas que corriam para o mar em planuras evanescentes. O ar estava escuro acima de Gravesend e mais para trás parecia condensado em uma escuridão tristonha, pairando imóvel sobre a maior e melhor cidade da Terra.

O Diretor das Companhias era nosso capitão e anfitrião. Nós quatro olhávamos afetuosamente as suas costas ali, parado na proa, contemplando o mar. Em todo o rio, não havia nada que fosse tão náutico. Ele parecia um piloto, o que, para um marinheiro, é a confiança em pessoa. Era difícil entender que seu trabalho não se dava ali no estuário luminoso, mas atrás dele, na escuridão ameaçadora.

Havia entre nós, como eu já disse em algum lugar, o elo do mar. Além de manter ligados nossos corações por longos períodos de separação, tinha o efeito de nos fazer tolerantes com as lorotas — e até mesmo com as convicções — uns dos outros. O Advogado, o melhor dos velhos companheiros, devido a seus muitos anos e muitas virtudes, tinha a única almofada no convés e estava em cima do único tapete. O Contador já havia tirado uma caixa de dominós e brincava arquitetonicamente com as pedras. Marlow estava sentado de pernas cruzadas à direita da popa, encostado no mastro de mezena. Tinha bochechas encovadas, compleição amarelada, costas retas, aspecto ascético e, com braços pendentes, palmas das mãos voltadas para fora, parecia um ídolo. O Diretor, satisfeito porque a âncora estava bem presa, foi para a proa e sentou-se entre nós. Trocamos umas palavras sem compromisso. Depois, fez-se silêncio a bordo. Por uma razão ou outra não começamos o jogo de dominó. Estávamos meditativos e sem

disposição para nada além de uma plácida contemplação. O dia estava terminando numa serena e bela luminosidade. A água brilhava pacificamente; o céu, sem uma nuvem, era uma imensidão benigna de luz impoluta; mesmo a névoa do pântano de Essex era como um tecido transparente e radioso, pendurado nas elevações arborizadas terra adentro, envolvendo as margens baixas em dobras diáfanas. Só a escuridão a oeste, pairando sobre as partes elevadas, ficava mais sombria a cada minuto, como se raivosa pela aproximação do sol.

E por fim, em sua queda curva e imperceptível, o sol baixou e, do branco cintilante, passou para um vermelho desbotado, sem raios e sem calor, como se prestes a apagar de repente, tocado pela morte daquela escuridão que se estendia sobre uma multidão de homens.

Imediatamente deu-se uma mudança sobre a água, e a serenidade ficou menos brilhante, porém mais profunda. O velho rio, em sua vastidão, permanecia impassível diante do declínio do dia, depois de eras de bons serviços prestados à espécie que povoava suas margens, espalhada na tranquila dignidade da via aquática que levava aos confins da Terra. Olhávamos a corrente venerável não no fluxo vivo de um dia breve que vem e vai para sempre, mas à luz augusta de memórias permanentes. E de fato nada é mais fácil para um homem que, como costumam dizer, “se fez no mar”, com reverência e afeto, do que evocar o grande espírito do passado sobre os baixios do Tâmis. A corrente da maré corre para lá e para cá em seu serviço incessante, povoada de lembranças de homens e navios que conduziu ao descanso do lar ou às batalhas do mar. Conhecera e servira todos os homens de que a nação se orgulha, de sir Francis Drake a sir John Franklin, cavaleiros todos, titulados e não titulados, os grandes cavaleiros errantes do mar. Conduzira todos os navios cujos nomes são como joias que cintilam na noite do tempo, desde o *Golden Hind*, voltando com os flancos arredondados cheios de tesouros, para ser visitado por Sua Alteza, a rainha, e assim se tornar uma lenda gigantesca, até o *Erebus* e o *Terror*, destinados a outras conquistas e que nunca retornaram. Conhecera os navios e os homens. Tinham partido de Deptford, de Greenwich, de Erith, os aventureiros e os colonizadores; navios de reis e navios mercantis; capitães, almirantes, os sombrios “atravessadores” do comércio com o Oriente e os “generais” comissionados das frotas da Índia Oriental. Caçadores de ouro ou perseguidores da fama, todos partiram daquele rio, portando a espada e muitas vezes a tocha, mensageiros da força da Terra, portadores da centelha do fogo sagrado. Quanta grandeza flutuara desde a maré daquele rio para o mistério de uma terra desconhecida!... Os sonhos dos homens, a semente de nações, os germes de impérios.

O sol se pôs; a noite baixou sobre o rio, e começaram a aparecer

luzes nas margens. O farol de Chapman, uma coisa de três pernas erigida num lodaçal, brilhava forte. Luzes de navios deslocavam-se ao longe, um grande movimento de luzes subindo e descendo. E mais para oeste, nas partes mais altas, o local da monstruosa cidade ainda era marcado como um agouro no céu, uma tristeza ao sol, um lívido fulgor sob as estrelas.

— E este também — Marlow falou de repente — foi um dos lugares sombrios da Terra.

Ele era o único homem entre nós que ainda “se fazia no mar”. O pior que se podia dizer dele é que não representava sua classe. Era um homem do mar, mas um errante também, enquanto a maioria dos homens do mar levam, se assim é possível dizer, uma vida sedentária. Suas mentes são da espécie caseira, e seu lar está sempre com eles: o navio; e também seu país: o mar. Um navio é muito parecido com o outro, e o mar é sempre o mesmo. A imutabilidade dos arredores em costas estrangeiras, os rostos estrangeiros, a cambiante imensidão da vida, passam deslizando, veladas não por uma sensação de mistério, mas por uma ignorância ligeiramente desdenhosa; pois não há nada misterioso para um homem do mar a não ser o próprio mar, senhor de sua existência e tão inescrutável quanto o Destino. De resto, depois de suas horas de trabalho, um passeio ou uma escapada casual à costa são suficientes para desvendar para ele o segredo de todo um continente, e, em geral, ele conclui que não vale a pena conhecer o segredo. As histórias de marinheiros têm uma simplicidade direta, cujo sentido inteiro reside dentro da casca de uma noz aberta. Mas Marlow não é típico (se excetuarmos sua propensão a inventar histórias), e para ele o sentido de um episódio não está dentro, como uma semente, mas fora, apenas envolvendo a lenda que o expôs, como um fulgor traz uma névoa, à semelhança de um daqueles halos enevoados que às vezes se tornam visíveis na luz espectral do luar.



Sua observação não pareceu nada surpreendente. Era bem do Marlow. Foi aceita em silêncio. Ninguém se deu ao trabalho sequer de soltar um grunhido; e então ele disse, muito devagar:

— Eu estava pensando em tempos muitos antigos, quando os romanos chegaram aqui, mil e novecentos anos atrás, outro dia... Sai luz desse rio desde que... os cavaleiros, vocês acham? É; mas como uma chama que percorre a planície, como um raio nas nuvens. Nós vivemos no relâmpago... que ele dure enquanto a velha Terra continuar rodando! Mas as trevas estavam aqui ontem. Imaginem a sensação do comandante de um belo... como é que se chamava mesmo?... trirreme no Mediterrâneo, que de repente recebe ordens de ir para o norte; passar correndo por terra pelos gauleses; encarregado de um desses barcos que os legionários, que deviam ser um punhado maravilhoso de homens hábeis, costumavam construir, ao que parece às centenas, em um mês ou dois, se pudermos acreditar no que lemos a respeito. Imagine esse homem aqui, neste fim de mundo, o mar cor

de chumbo, o céu cor de fumaça, um tipo de barco tão rígido quanto uma sanfona, e, seguindo este rio acima com estoques, ou encomendas, ou seja lá o que for. Bancos de areia, pântanos, florestas, selvagens, muito pouco de comer para um homem civilizado, nada além da água do Tâmis para beber. Nada de vinho falerno aqui, nada de ir à terra. Aqui e ali acampamentos militares perdidos na mata, como uma agulha num palheiro, frio, neblina, tempestades, doença, exílio e morte, morte à espreita no ar, na água, no mato. Devem ter morrido como moscas aqui. Ah, ele conseguiu, sim. E muito bem, sem dúvida, sem pensar muito também, a não ser depois, para se vangloriar do que tinha passado em sua época, talvez. Eram homens capazes de enfrentar a escuridão. E talvez animado pela expectativa de uma promoção para a frota da Ravena, se tivesse bons amigos em Roma e sobrevivesse ao clima horrendo. Ou pensem num cidadão jovem e decente, de toga, talvez chegado demais aos dados, vocês sabem, vindo para cá na trilha de algum prefeito, ou coletor de impostos, ou mesmo comerciante, para recuperar sua fortuna. Para num pântano, marcha por florestas e, em algum posto do interior, sente que a selvageria, a absoluta selvageria, se fechou em torno dele, toda aquela misteriosa vida da mata que se agita na floresta, nas selvas, nos corações de homens selvagens. E não há iniciação para esses mistérios. Ele tem de viver em meio ao incompreensível, que é também detestável. E tem também uma fascinação que vai agir sobre ele. A fascinação do abominável, vocês sabem. Imaginem os remorsos cada vez maiores, o desejo de escapar, a repulsa impotente, a derrota, o ódio.



Ele fez uma pausa.

— Vejam — retomou, um braço erguido a partir do cotovelo, a palma da mão para a frente, de forma que, com as pernas dobradas diante dele, tinha a pose de um buda pregando em roupa europeia e sem a flor de lótus. — Vejam, nenhum de nós se sentiria exatamente assim. O que nos salva é a eficiência, a devoção à eficiência. Mas esses

sujeitos não eram grande coisa na verdade. Não eram colonizadores; a administração deles era mera exploração, mais nada, eu acho. Eram conquistadores, e para isso é preciso apenas força bruta, nada para se orgulhar uma vez que a sua força é um mero acidente que brota da fraqueza dos outros. Eles agarravam o que podiam só porque estava ali. Era apenas roubo com violência, agravado por assassinato em massa, e homens partindo em direção a isso às cegas, como é bem apropriado aos que enfrentam as trevas. A conquista da terra, que significa principalmente tomar daqueles que têm compleição diferente ou narizes ligeiramente mais chatos do que os nossos, não é uma coisa bonita quando se olha bem para ela. O que redime é apenas a ideia. Uma ideia no fundo disso; não uma desculpa sentimental, mas uma ideia; e uma convicção generosa na ideia: uma coisa que você pode elevar, se curvar diante dela e oferecer sacrifício...

Ele se calou. Chamas deslizaram pelo rio, pequenas chamas verdes, chamas vermelhas, chamas brancas, perseguindo, ultrapassando, se juntando, se cruzando, depois se separando devagar ou depressa. O tráfego da grande cidade continuava na noite que se aprofundava sobre o rio insone. Ficamos olhando, pacientemente à espera, não havia mais nada a fazer até a maré baixar; mas foi só depois de um longo silêncio, quando ele disse, com voz hesitante, “acho que vocês se lembram, meus amigos, que eu certa vez fui marinheiro de água doce por algum tempo”, que entendemos que antes de a maré começar a subir estávamos destinados a ouvir uma das experiências inacabadas de Marlow.

— Não quero aborrecer muito vocês com o que aconteceu comigo — começou, revelando com essa observação a fraqueza de muitos contadores de histórias que parecem tantas vezes não perceber o que sua plateia mais gostaria de ouvir. — Mas para entender o efeito que teve sobre mim, vocês precisam saber como eu cheguei lá, o que eu vi, como subi aquele rio até o lugar onde encontrei o coitado. Era o ponto mais distante de navegação e o ponto culminante da minha experiência. De alguma forma, parecia lançar certa luz sobre tudo à minha volta e em meus pensamentos. Era bem sombrio também e lamentável, não excepcional, de jeito nenhum, nem muito claro também. Não, não muito claro. E mesmo assim parecia lançar uma certa luz.

— Na época, como vocês se lembram, eu tinha acabado de voltar para Londres, depois de muito tempo no oceano Índico, no Pacífico, nos mares da China... uma boa dose de Oriente... seis anos ou quase, e estava vadiando por aí, atrapalhando o trabalho de vocês e invadindo suas casas, como se tivesse uma missão celeste de civilizar vocês. Foi muito bom por um tempo, mas depois fiquei cansado de descansar. Então comecei a procurar um navio; tinha de pensar no

trabalho mais duro da Terra. Mas os navios nem olhavam para mim. E me cansei desse jogo também.

— Ora, quando eu era pequeno tinha uma paixão por mapas. Ficava olhando horas para a América do Sul, para a África ou para a Austrália, e me perdia nas glórias da exploração. Naquela época, havia muitos espaços vazios na Terra e, quando eu via um que parecia especialmente convidativo no mapa (mas todos pareciam assim), punha o dedo em cima dele e dizia “quando crescer, eu vou aqui”. Eu me lembro que o polo norte era um desses lugares. Bom, ainda não estive lá e não é agora que vou tentar. Acabou-se o encanto. Outros lugares ficavam espalhados pelos hemisférios. Estive em alguns deles e... bom, não vamos falar disso. Mas restava um, o maior e mais vazio, por assim dizer, pelo qual eu ainda ansiava.

— É verdade que àquela altura não era mais um espaço vazio. Tinha sido preenchido desde minha infância com rios, lagos e nomes. Havia deixado de ser um espaço em branco de delicioso mistério, uma mancha branca para um menino sonhar gloriosamente. Tinha se transformado num lugar tomado pelas trevas. Mas havia nele um rio em especial, um grande rio poderoso que se podia ver no mapa, que parecia uma imensa cobra desenrolada com a cabeça no mar, o corpo em repouso curvado até muito longe por um vasto campo e a cauda perdida nas profundezas da Terra. E, olhando para o seu mapa numa vitrine, ele me fascinou como uma cobra fascina um passarinho, um passarinho bobo. Então me lembrei que havia um grande negócio, uma companhia para comércio nesse rio. Minha nossa!, eu pensei comigo, eles não podem atuar sem usar algum tipo de barco naquele monte de água doce; barcos a vapor! Por que não tentar me encarregar de um? Segui pela rua Fleet, mas não conseguia esquecer a ideia. A cobra tinha me enfeitiçado.





— Vejam bem, aquela companhia de comércio era uma empresa com sede no continente; mas eu conheço muita gente que vive no continente porque é barato e não é tão horrível como parece, pelo que dizem.

— Sinto reconhecer que comecei a preocupá-los. Aquilo era uma coisa nova para mim. Não estava acostumado a conseguir as coisas desse jeito, vocês sabem. Sempre segui meu próprio caminho, com minhas próprias pernas, onde quisesse ir. Eu mesmo não podia acreditar; mas aí, vejam vocês, eu senti que tinha de chegar lá de qualquer jeito. Então deixei todos preocupados. Os homens diziam “meu querido amigo” e não faziam nada. Então, vocês acreditam?, tentei as mulheres. Eu, Charlie Marlow, botei as mulheres para trabalhar, para conseguir um emprego. Nossa! Bom, vejam, a ideia me animava. Eu tinha uma tia, uma alma cheia de entusiasmo. Ela escreveu: “Será um prazer. Estou pronta para fazer qualquer coisa, qualquer coisa por você. É uma ideia gloriosa. Conheço a esposa de um alto funcionário na Administração e também um homem muito influente” etc. Ela estava decidida a importuná-los até conseguir que me nomeassem capitão de um barco a vapor do rio, se fosse esse o meu desejo.



— Consegui a nomeação, claro; e bem depressa. Parece que a Companhia tinha recebido informação de que um dos seus capitães tinha morrido num choque com os nativos. Foi a minha chance, e me deixou ainda mais ansioso para ir. Só depois de meses e meses, quando fiz a tentativa de recuperar o que tinha sobrado do corpo dele, fiquei sabendo que o conflito original tinha surgido por causa de um desentendimento a respeito de umas galinhas. É, duas galinhas pretas. Fresleven (era esse o nome do sujeito, um dinamarquês) se sentiu de

alguma forma prejudicado no negócio, então deixou o barco e começou a bater no chefe da aldeia com um pau. Ah, não foi nenhuma surpresa saber disso e ao mesmo tempo ser informado que esse Fresleven era a criatura mais gentil e mais tranquila deste mundo. Era mesmo; mas já fazia dois anos que estava empenhado na nobre causa, vocês sabem, e deve ter sentido enfim a necessidade de afirmar seu autorrespeito de alguma forma. Ele então espancou o velho negro impiedosamente, enquanto uma multidão da gente dele olhava, atônita, até alguém, me disseram que o filho do chefe, desesperado com os gritos do velho, tentou um golpe de lança no homem branco que, claro, penetrou fácil entre as escápulas. Em seguida, o povo todo sumiu dentro da floresta, esperando que fosse acontecer todo tipo de calamidade, enquanto, por outro lado, o vapor que o Fresleven comandava também partiu em pânico, comandado pelo maquinista, acho. Mais tarde, ninguém pensou muito sobre os restos mortais do Fresleven, até eu aparecer e assumir o posto dele. Eu, porém, não podia deixar a coisa parar aí; mas, quando surgiu afinal a oportunidade de conhecer meu predecessor, a grama crescia pelo meio das costelas dele, tão alta a ponto de esconder seus ossos. Eles estavam todos lá. Aquele ser sobrenatural não tinha sido tocado depois que caiu. E a aldeia estava deserta, as cabanas pretas vazias, apodrecendo, espalhadas dentro da cerca caída. Havia sofrido uma calamidade, decerto. As pessoas tinham desaparecido. Espalhadas por um louco terror, homens, mulheres e crianças, pelo meio do mato, e não voltaram nunca. Também não sei o que aconteceu com as galinhas. Imagino que a causa do progresso as tenha alcançado, de algum jeito. De qualquer maneira, foi com esse glorioso ocorrido que consegui meu cargo, antes mesmo de começar a esperar por ele.





— Voei por todo lado como um louco para me aprontar e, menos de quarenta e oito horas depois, estava atravessando o Canal para me apresentar aos meus empregadores e assinar o contrato. Em poucas horas cheguei a uma cidade que sempre me faz pensar num sepulcro caído. Preconceito, sem dúvida. Não tive dificuldade para encontrar o escritório da Companhia. Era a maior coisa da cidade, e todo mundo que eu encontrava estava ligado a ele. Iam controlar um império ultramarino e fazer dinheiro sem fim com o comércio.

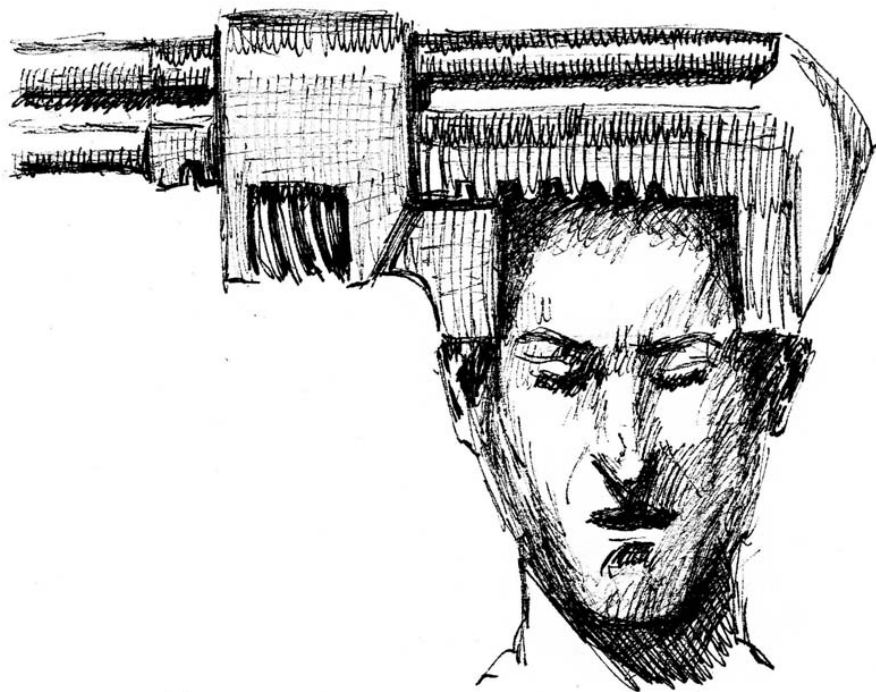
— Uma rua estreita e deserta em sombra profunda, casas altas, inúmeras janelas com venezianas, um silêncio mortal, grama crescendo à direita e à esquerda, imensas portas duplas mantidas pesadamente semiabertas. Deslizei por uma dessas frestas, subi uma escada varrida e despojada, árida como um deserto, e abri a primeira porta a que cheguei. Duas mulheres, uma gorda e outra magra, estavam sentadas em cadeiras de palha, tricotando lã preta. A magra se levantou e veio diretamente até mim, ainda tricotando de olhos baixos, e, quando comecei a pensar em sair de sua frente, como se faria com um sonâmbulo, ela parou e ergueu os olhos. Seu vestido era tão simples como uma capa de guarda-chuva; ela se virou sem falar uma palavra e entrou na minha frente em uma sala de espera. Dei o meu nome e olhei em torno. Mesa de pinho no centro, cadeiras simples a toda a volta encostadas nas paredes, de um lado um grande mapa brilhante, marcado com todas as cores do arco-íris. Havia grande quantidade de vermelho, o que é bom de se ver a qualquer momento, porque se fica sabendo que trabalho de verdade é feito ali, outro tanto de azul, um pouco de verde, manchas de laranja e, na costa leste, um trecho roxo para mostrar onde os alegres pioneiros do progresso bebem a alegre cerveja *lager*. No entanto, eu não ia para nenhum desses. Eu ia para o amarelo. Bem no centro. E o rio estava lá... fascinante... mortal... como uma cobra. Ugh! Uma porta se abriu, apareceu uma cabeça secretarial grisalha, com uma expressão tolerante, e um indicador magro me convocou a entrar no santuário. A luz ali era fraca e uma pesada escrivania ocupava o centro. De trás dessa estrutura saiu um vulto pálido e rechonchudo de sobrecasaca. O grande homem em pessoa. Um metro e setenta de altura, pelo que calculei, e tinha nas mãos o controle de outros tantos milhões. Apertou minha mão e murmurou vagamente, creio que satisfeito com meu francês. *Bon voyage*.



— Em cerca de quarenta e cinco segundos, me vi de novo na sala de espera com o compreensivo secretário que, cheio de desolação e solidariedade, me fez assinar um documento. Acredito que me comprometi, entre outras coisas, a não revelar nenhum segredo comercial. Bom, não vou mesmo.

— Comecei a me sentir ligeiramente inquieto. Vocês sabem que não estou acostumado a essas cerimônias, e havia alguma coisa de mau agouro na atmosfera. Era como se eu tivesse sido levado a alguma conspiração... não sei... algo não inteiramente correto; e fiquei contente de sair dali. Na sala externa, as duas mulheres tricotavam febrilmente a lã preta. Chegaram umas pessoas, e a mais nova ia para lá e para cá, fazendo as apresentações. A mais velha permanecia sentada em sua cadeira. Seus chinelos de pano chatos estavam encostados num aquecedor de pés, e um gato repousava em seu colo. Ela usava na cabeça uma touca branca engomada, tinha uma verruga numa face e óculos de aro de prata na ponta do nariz. Olhou para mim por cima dos óculos. A rápida e indiferente placidez daquele olhar me perturbou. Dois rapazes de aspecto bobo e alegre eram orientados, e ela lançou a eles o mesmo olhar enviesado de indiferente sabedoria. Ela parecia saber tudo a respeito deles e a meu respeito também. Uma sensação estranha me dominou. Ela parecia estranha, sinistra. Lá longe, muitas vezes eu pensava nessas duas, guardando a porta das Trevas, tricotando lã preta para uma mortalha quente, uma orientando, orientando continuamente o desconhecido, a outra perscrutando os rostos alegres e bobos com velhos olhares indiferentes. *Ave! Velha tricoteira de lã preta. Morituri te salutant.* Não foram muitos para quem ela olhou que viram a velha outra vez... nem metade, nem de longe.

— Havia ainda uma visita ao médico. “Simples formalidade”, me garantiu o secretário, com um ar de quem compartilhava intensamente de minhas preocupações. Um rapaz com o chapéu inclinado sobre a sobranceira esquerda, algum escriturário, pensei, devia haver escriturários na empresa, embora a casa parecesse mais parada que um cemitério, veio oportunamente de algum lugar no andar superior e me conduziu. Estava malvestido e descuidado, com manchas de tinta nas mangas do paletó, a gravata grande revolta debaixo de um queixo em forma de bico de bota velha. Era um pouco cedo para o médico, então propus bebermos alguma coisa, o que produziu nele uma veia de jovialidade. Sentados diante de nossos vermes, ele glorificou a Companhia, e acabei expressando casualmente minha surpresa por ele não ir para lá. De imediato, ele ficou muito frio e contido ao mesmo tempo. “Não sou tão tolo quanto pareço, disse Platão a seus discípulos”, declarou decidido, antes de esvaziar o copo com grande determinação, e nos levantamos.



— O velho médico tomou meu pulso, evidentemente pensando em alguma outra coisa o tempo todo. “Bom, bom para lá”, resmungou e então com certo empenho me perguntou se permitiria que medisse a minha cabeça. Bastante surpreso, eu disse que sim, então ele pegou uma coisa que parecia um compasso, tomou as medidas da frente para trás, em todas as direções, e anotou cuidadosamente. Era um homenzinho com a barba por fazer, com um jaleco surrado como uma capa de chuva, os pés calçando chinelos, e achei que fosse um tolo inofensivo. “Eu sempre peço permissão, no interesse da ciência, para medir o crânio dos que estão indo para lá”, disse. “E quando voltam também?”, perguntei. “Ah, nunca vejo ninguém na volta”, ele observou; “e, além disso, as mudanças acontecem por dentro, sabe.” Ele deu um sorriso, como se de uma piada discreta. “Então vai para lá. Ótimo. E interessante.” Lançou-me um olhar investigativo e fez outra anotação. “Alguma loucura na família?”, perguntou em tom direto. Fiquei muito incomodado. “É uma pergunta no interesse da ciência também?” “Seria interessante para a ciência”, ele respondeu, sem notar minha irritação, “observar as mudanças mentais nos indivíduos no local, mas...” “O senhor é um alienista?”, interrompi. “Todo médico deveria ser — um pouco”, respondeu aquele homem original, imperturbável. “Eu tenho uma pequena teoria que os senhores que vão para lá devem me ajudar a comprovar. É a minha parcela das

vantagens que meu país deve colher da posse de um território tão magnífico. A simples riqueza deixo para outros. Perdoe minhas perguntas, mas o senhor é o primeiro inglês sob minha observação...” Depressa garanti a ele que eu não era nem um pouco típico. “Se eu fosse”, falei, “não estaria conversando assim com o senhor.” “O que diz é bastante profundo e provavelmente errado”, retrucou ele, com uma risada. “Evite a irritação mais que a exposição ao sol. *Adieu*. Como vocês ingleses dizem, hein? *Good-bye*. Ah! *Good-bye*. *Adieu*. Nos trópicos, é preciso antes de tudo manter a calma...” Ergueu um dedo em alerta... “*Du calme, du calme. Adieu.*”

— Restava mais uma coisa a fazer: me despedir de minha excelente tia. Ela estava triunfante. Tomei uma xícara de chá, a última xícara de chá decente em muitos dias, e, numa sala com a exata aparência aconchegante que se espera da sala de estar de uma dama, tivemos uma longa conversa diante da lareira. No decorrer dessas confidências, ficou bem claro para mim que eu tinha sido retratado à esposa do alto dignitário, e sabe Deus a quantas pessoas mais, como uma criatura dotada e excepcional, uma grande sorte para a Companhia, um homem que não se encontra todo dia. Deus do céu! E eu ia assumir um vaporzinho fluvial sem importância com um apito vagabundo! Mas parecia que eu era também um dos Trabalhadores, com T maiúsculo, sabem? Algo como um emissário da luz, algo como uma espécie de apóstolo menor. Naquela época, muitas baboseiras desse tipo vinham circulando na imprensa e em conversas, e aquela excelente mulher, vivendo bem no centro de toda essa agitação, se deixou levar. Ela falou tanto em “libertar aqueles milhões de ignorantes de seus modos horrendos”, até, juro mesmo, me deixar muito incomodado. Arrisquei insinuar que a Companhia existia apenas para lucrar.

— “Você se esquece, meu querido Charlie, que o trabalhador vale o quanto ganha”, disse ela, animada. Estranho como as mulheres não têm contato com a realidade. Elas vivem num mundo próprio e não existe nada igual, nem nunca vai haver. No geral, isso é bonito demais, e se elas conseguissem que esse mundo fosse estabelecido, ele cairia aos pedaços antes do primeiro pôr do sol. Qualquer adversidade com que nós homens convivemos muito bem, desde o dia da criação, derrubaria a coisa toda.

— Depois disso eu recebi um abraço, ouvi que devia usar roupas de flanela, cuidar de escrever sempre, e assim por diante, e fui-me embora. Na rua, não sei por quê, me veio uma estranha sensação de que eu era um impostor. Muito estranho eu, que costumava partir para qualquer parte do mundo com vinte e quatro horas de antecedência, sem pensar mais do que a maioria dos homens pensam para atravessar a rua, tive um momento... não digo de hesitação, mas

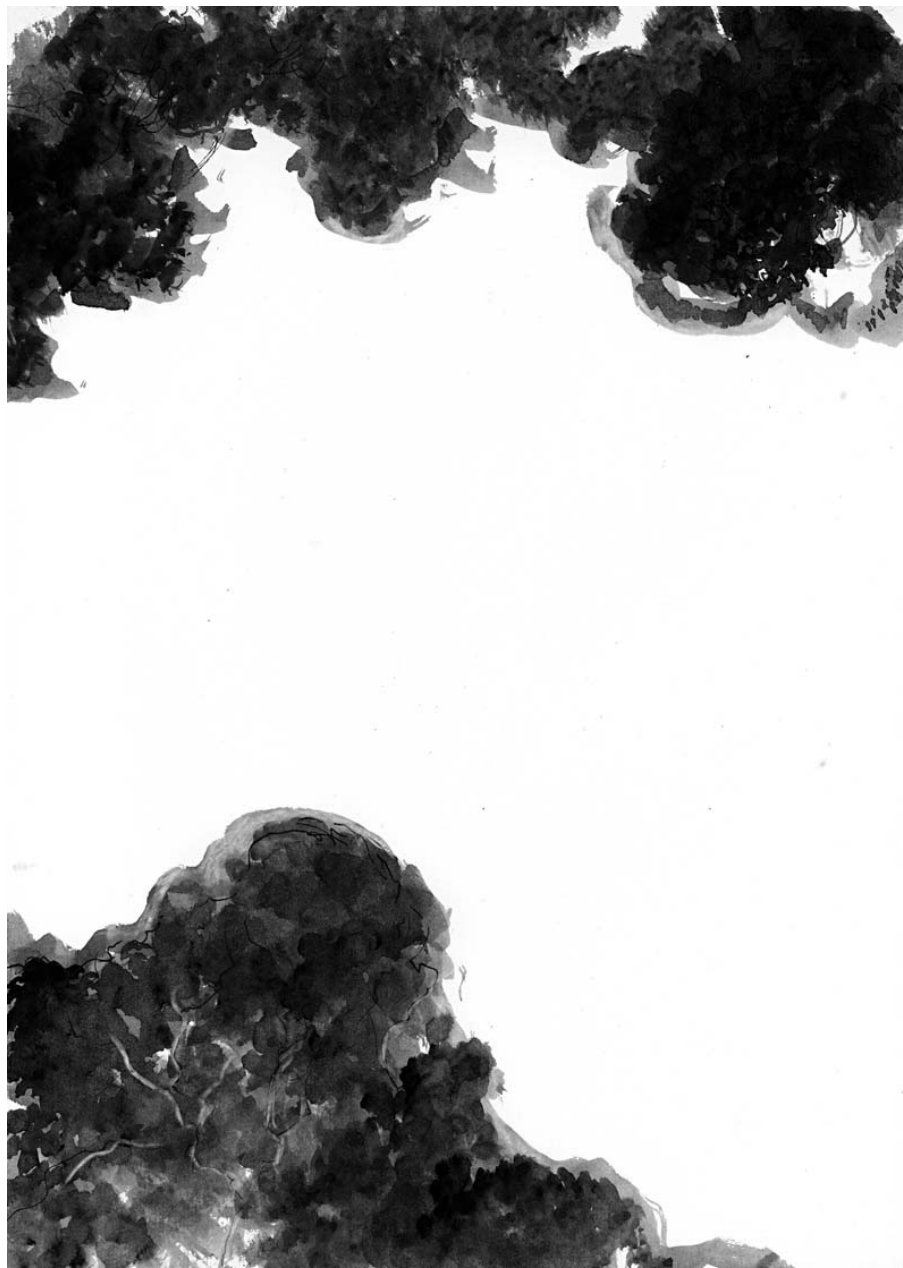
de uma pausa surpresa, diante dessa questão comum. A melhor explicação que posso dar é dizer que, por um ou dois segundos, senti como se, em vez de ir para o centro do continente, estivesse partindo para o centro da Terra.

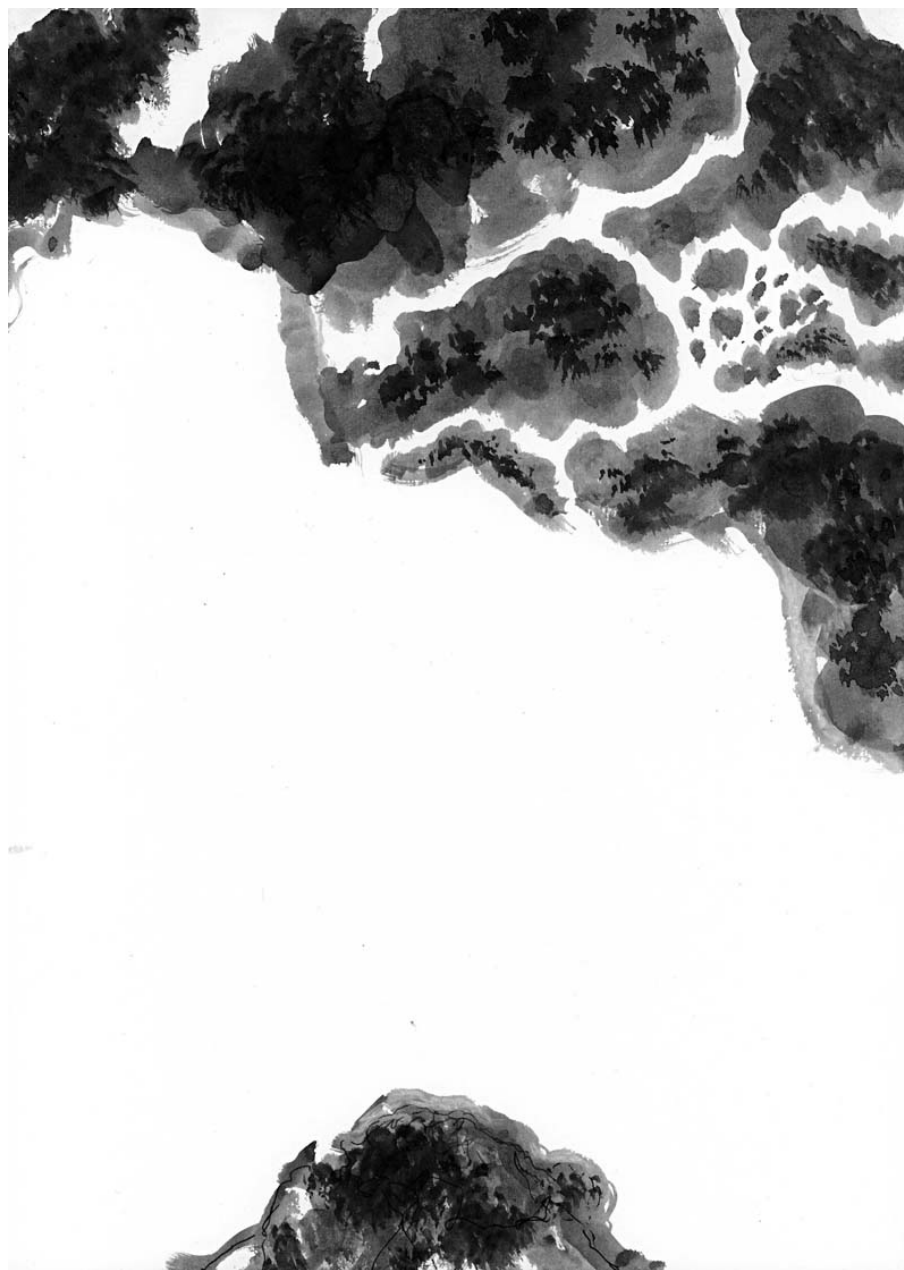


— Embarquei num vapor francês que parou em cada bendito porto que existe por lá com o único propósito, pelo que pude ver, de desembarcar soldados e funcionários alfandegários. Observei a costa. Observar a costa enquanto ela desliza pelo navio é como tentar desvendar um enigma. Lá está ela, na sua frente, sorrindo, franzindo a testa, convidando, grandiosa, mesquinha, insípida ou selvagem, e sempre muda com um ar de sussurro. “Venha e descubra.” Aquela era quase indefinida, como se ainda estivesse em obras, com um aspecto de monótona escuridão. A margem de uma selva colossal, verde tão escuro que chegava a ser quase negro, bordejada de espuma branca, corria reta, como uma linha de régua, até muito, muito longe pelo mar azul, cujo brilho uma névoa se insinuava a borrar. O sol era feroz, a terra parecia brilhar e gotejar com vapor. Aqui e ali, manchas branco-acinzentadas surgiam aglomeradas dentro das ondas brancas, talvez com uma bandeira tremulando acima delas. Assentamentos centenários e mesmo assim não maiores que cabeças de alfinete na vastidão intocada do fundo. Passamos, paramos, desembarcamos soldados; continuamos, desembarcamos fiscais da alfândega para cobrar impostos no que parecia um sertão esquecido por Deus, com um barracão de lata e um mastro de bandeira ali perdido; desembarcamos mais soldados — para tomar conta dos funcionários da alfândega, talvez. Alguns, ouvi dizer, morreram afogados nas ondas; mas, se morriam ou não, ninguém parecia se importar especialmente. Eram apenas jogados ali, e seguíamos em frente. Todos os dias a costa parecia a mesma, como se não tivéssemos nos deslocado; no entanto, passamos por vários lugares, postos comerciais com nomes como Gran’ Bassam, Little Popo; nomes que pareciam pertencer a alguma sórdida farsa representada diante de uma sinistra cortina preta. A ociosidade de um passageiro, meu isolamento entre todos esses homens com quem eu não tinha nenhum ponto de contato, o mar oleoso e lânguido, a melancolia uniforme da costa pareciam me manter longe da verdade das coisas, sob a influência de uma ilusão lamentável e sem sentido. A voz das ondas, ouvida de vez em quando, era um claro prazer, como a fala de um irmão. Era algo natural, que tinha sua razão, que tinha um sentido. De quando em quando, um barco do litoral fornecia um contato momentâneo com a realidade. Era remado por negros. Via-se de longe o branco de seus olhos brilhando. Eles gritavam, cantavam; os corpos manchados de transpiração; seus rostos pareciam máscaras grotescas... esses camaradas; mas tinham ossos, músculos, uma vitalidade selvagem, uma intensa energia de movimento, que era tão natural e verdadeira quanto a arrebentação de seu litoral. Não precisavam de desculpa para estar ali. Eram um grande conforto para os olhos. Durante algum tempo, eu ainda sentia pertencer a um mundo de fatos objetivos; mas

a sensação não ia durar muito. Alguma coisa surgiria para afastá-la. Uma vez, eu me lembro, topamos com um navio de guerra ancorado perto da costa. Não havia nem um barracão ali, e o navio bombardeava a mata. Parece que os franceses travavam uma de suas guerras nos arredores. A insígnia do navio pendia mole como um trapo; as bocas dos longos canhões de seis polegadas projetavam-se por toda a parte inferior do casco; as ondas oleosas, viscosas o erguiam e baixavam, balançando os mastros finos. Na imensidão vazia da terra, do céu e da água, lá estava ele, incompreensível, atirando contra um continente. “Bum”, fazia um dos canhões de seis polegadas; uma pequena chama se projetava e sumia, uma pequena fumaça branca desaparecia, um minúsculo projétil dava um guincho tênue... e nada acontecia. Nada podia acontecer. Havia um toque de loucura no processo, uma sensação de brincadeira lúgubre no que se via; e isso não se dissipava com alguém a bordo para me garantir que de fato havia um acampamento de nativos — que eles chamavam de inimigos! — escondido em algum lugar.







— Entregamos as cartas à tripulação do navio (ouvi dizer que os homens naquela embarcação solitária estavam morrendo de febre na base de três por dia) e seguimos adiante. Paramos em alguns outros lugares com nomes farsescos, onde a alegre dança da morte e do comércio ocorre num clima parado e terreno como o de uma catacumba superaquecida. Ao longo de toda a costa amorfa circundada por arrebentação perigosa, como se a própria Natureza tentasse alertar os intrusos; entrando e saindo de rios, correntes da morte em vida, cujas margens apodreciam em lama, cujas águas, grossas de limo, invadiam mangues retorcidos, que pareciam convulsionar para nós no extremo de um desespero impotente. Em nenhum lugar paramos o suficiente para ter uma impressão definida, mas a sensação geral de vago e opressivo assombro crescia dentro de mim. Era como uma peregrinação cansativa por entre insinuações de pesadelos.

— Passaram-se mais de trinta dias antes que eu visse a foz do grande rio. Ancoramos na sede do governo. Mas meu trabalho só começaria uns trezentos quilômetros adiante. Então, assim que pude, parti para um lugar uns cinquenta quilômetros mais à frente.

— Fiz a passagem num pequeno vapor marítimo. O capitão era um sueco e, sabendo que eu era um homem do mar, me convidou para o passadiço. Era um jovem magro, claro e moroso, com cabelo escorrido e passo arrastado. Assim que deixamos aquele cais lamentável, ele indicou desdenhosamente a margem com a cabeça. “Morando aí?”, perguntou. Eu disse: “Estou.” “Que beleza esses sujeitos do governo, não?”, ele continuou, falando inglês com grande precisão e considerável amargura. “Engraçado o que algumas pessoas fazem por alguns francos por mês. Imagino o que acontece com esse tipo de gente quando vai para o interior.” Eu disse a ele que esperava saber disso logo mais. “Se-e-e-ei!”, ele exclamou. “Não tenha tanta certeza”, continuou. “Outro dia levei um homem que se enforcou na estrada. Era sueco também.” “Se enforcou! Por quê, pelo amor de Deus?”, exclamei. Ele continuou olhando para frente, vigilante. “Quem sabe? Sol demais para ele, ou talvez tenha sido o país.”

— Por fim, abrimos alguma distância de través. Apareceu um rochedo escarpado, montes de terra revirada na margem, casas numa encosta, outras com telhado de ferro em meio a uma perdição de escavações, ou penduradas no declive. Um ruído contínuo das corredeiras rio acima pairava sobre essa cena de devastação habitada. Uma porção de gente, a maioria negros e nus, perambulava como formigas. Um ancoradouro se projetava rio adentro. Um sol ofuscante afogava isso tudo de tempos em tempos em uma súbita recrudescência de luz. “A estação da sua Companhia fica ali”, disse o sueco, e apontou para três barracões de madeira na encosta rochosa. “Vou mandar suas

coisas. Quatro caixas, o senhor disse? Muito bem. Adeus.”

— Encontrei uma caldeira afundada no mato, depois achei uma trilha que levava morro acima. Contornava os rochedos e também um pequeno vagão ferroviário caído de costas com as rodas para o ar; faltava uma delas. A coisa parecia tão morta quanto a carcaça de um animal. Topei com mais peças de maquinaria quebrada, uma pilha de trilhos enferrujados. À esquerda, um grupo de árvores formava um ponto sombreado, onde coisas escuras pareciam se mover tenuemente. Pisquei, a trilha era íngreme. Uma sirene soou à direita, e vi os negros correrem. Uma detonação pesada e surda sacudiu o chão, um jato de fumaça saiu do rochedo e foi tudo. Não apareceu nenhuma mudança na face da rocha. Estavam construindo uma ferrovia. O rochedo não estava no caminho nem nada; mas a explosão sem objetivo era o único trabalho em curso.

— Um ligeiro tinir atrás de mim fez com que eu virasse a cabeça. Seis negros avançavam em fila, com dificuldade pelo caminho. Caminhavam eretos e lentos, equilibrando pequenos cestos cheios de terra na cabeça, e o tinido acompanhava o ritmo de seus passos. Traziam trapos pretos enrolados no quadril, cujas pontas posteriores balançavam para lá e para cá, como se fossem rabos. Dava para ver cada costela, as juntas de seus membros como nós numa corda; cada um tinha um colar de ferro no pescoço, todos ligados por uma corrente cujas curvas balançavam entre eles, tinindo de maneira compassada. Outra explosão no rochedo me fez lembrar daquele navio de guerra que tinha visto atirando na costa. Era o mesmo som de agouro; mas aqueles homens não podiam por nenhum exagero de imaginação ser chamados de inimigos. Eram chamados de criminosos, e a lei que ultrajavam, assim como as explosões, tinha caído sobre eles como um mistério insolúvel do mar. Todos os peitos magros ofegavam juntos, as narinas violentamente dilatadas tremiam, os olhos fixos no alto. Passaram a centímetros de mim sem um olhar, com aquela indiferença completa, mortal, do selvagem infeliz. Por trás dessa matéria bruta, um dos recuperados, produto das novas forças em ação, passeava desanimado, carregando um rifle pelo meio. Tinha paletó de farda ao qual faltava um botão, e, ao ver um homem branco no caminho, ergueu a arma ao ombro com entusiasmo. Era por simples prudência, já que os homens brancos são tão parecidos de longe que ele não conseguia dizer quem eu era. Logo se tranquilizou e, com um sorriso grande, branco e malicioso e um olhar aos seus comandados, pareceu me tomar como um parceiro de extrema confiança. Afinal, eu também era parte da grande causa desses elevados e justos procedimentos.



— Em vez de subir, eu me virei e desci à esquerda. Minha ideia era deixar aquele bando acorrentado sumir de vista antes de subir a encosta. Sei que não sou particularmente sensível; já tive de bater e me defender. Tive de resistir e atacar às vezes — é o único jeito de resistir — sem calcular o custo exato, de acordo com as exigências do tipo de vida em que caí. Vi o demônio da violência, o demônio da cobiça, o demônio do desejo ardente; mas, por todas as estrelas!, eram demônios fortes, luxuriosos, de olhos vermelhos, que influenciavam e conduziam os homens — homens, digo. Mas, parado ali naquela encosta, previ que, sob o sol ofuscante, eu viria a conhecer um demônio mole, dissimulado, com o olho fraco de uma loucura ávida e impiedosa. E o quanto ele pode ser insidioso eu só descobriria vários meses mais tarde e quase dois mil quilômetros mais longe. Por fim, desci o morro, obliquamente, na direção das árvores que eu tinha visto.

— Evitei passar por um vasto buraco artificial que alguém cavara na encosta, cujo propósito achei impossível adivinhar. De qualquer maneira, não era uma pedreira ou um tanque de areia. Era apenas um buraco. Podia estar ligado ao desejo filantrópico de dar aos criminosos alguma coisa para fazer. Não sei. Então, quase caí numa ravina muito estreita, pouco mais que uma cicatriz no morro. Descobri que uma porção de canos de drenagem para o assentamento tinha sido jogada ali. Não havia nenhum que não estivesse quebrado. Era uma destruição injustificada. Finalmente cheguei debaixo das árvores. Meu propósito era passear à sombra um momento; mas assim que cheguei me pareceu que tinha entrado no círculo sombrio de algum inferno. As corredeiras estavam perto, e um barulho ininterrupto, uniforme, impetuoso e apressado preenchia o silêncio melancólico do bosque, onde nada se movia, nem uma folha se mexia com a brisa, produzindo um som misterioso, como se o ritmo dilacerado da Terra tomada de repente se tornasse audível.

— Havia formas negras agachadas, deitadas, sentadas entre as árvores, encostadas nos troncos, grudadas à terra, metade visível, metade apagada dentro da luz mortíça, em todas as atitudes de dor, abandono e desespero. Outra mina disparou no rochedo, seguida por um ligeiro estremecimento do solo debaixo de meus pés. O trabalho continuava. O trabalho! E aquele era o lugar para onde alguns dos ajudantes tinham se retirado para morrer.

— Estavam morrendo lentamente, era muito claro. Não eram inimigos, não eram criminosos, eram nada mais que entes terrenos agora — nada mais que sombras negras de doença e da fome deitadas confusamente na penumbra esverdeada. Trazidos de todos os recessos da costa com toda a legalidade de contratos temporários, perdidos em um ambiente incompatível, alimentados com comida que não

conheciam, adoeceram, ficaram ineficientes e então tiveram permissão para se arrastar para longe e descansar. Essas formas moribundas eram livres como o ar, e quase tão rarefeitas. Comecei a distinguir o brilho dos olhos debaixo das árvores. Então, ao baixar o olhar, vi um rosto perto de minha mão. Os ossos negros reclinavam estendidos, um ombro contra a árvore, lentamente as pálpebras se ergueram e os olhos fundos me fixaram, enormes e vazios, uma espécie de cintilar cego, branco, na profundidade das órbitas, que se apagou devagar. O homem parecia jovem, quase um menino, mas vocês sabem que presumir suas idades é difícil. Não me ocorreu nada mais que eu pudesse fazer além de oferecer um dos bons biscoitos que peguei no navio do sueco, guardados no meu bolso. Os dedos se fecharam devagar sobre ele e o seguraram: não houve nenhum outro movimento e nenhum outro olhar. Ele tinha amarrado um pedaço de lã branca no pescoço — por quê? Onde tinha arrumado aquilo? Era um emblema? Um ornamento? Um talismã? Um gesto propiciatório? Havia alguma ideia ligada a ele? Chamava atenção em volta de seu pescoço negro aquele pedaço de fio branco de além-mar.

— Perto da mesma árvore, dois outros amontoados de ângulos agudos estavam sentados com as pernas dobradas. Um deles, com o queixo apoiado nos joelhos, olhava o vazio de um jeito intolerável e terrível; seu irmão fantasma apoiava a testa como se se sentisse esgotado por um grande cansaço; e a toda volta outros espalhados em poses de contorcido colapso, como numa imagem de massacre ou pestilência. Parado ali, horrorizado, vi uma daquelas criaturas se pôr sobre as mãos e os joelhos para ir, de quatro, beber água no rio. Bebeu com as mãos, sentou-se ao sol, as canelas cruzadas à frente, e depois de algum tempo deixou a cabeça lanosa cair sobre o peito.

— Eu não quis me demorar mais à sombra e fui depressa para a estação. Já perto dos prédios, encontrei um homem branco vestido de maneira tão inesperadamente elegante que num primeiro momento o tomei por alguma visão. Vi um colarinho alto engomado, punhos brancos, um paletó claro de alpaca, calças brancas como a neve, gravata limpa e botas envernizadas. Sem chapéu. Cabelo repartido, escovado, com goma, debaixo de um guarda-sol debruado de verde, segurado por uma grande mão branca. Ele era impressionante e tinha uma caneta atrás da orelha.



— Troquei um aperto de mãos com esse milagre e fiquei sabendo que era o contador-chefe da Companhia e que toda a contabilidade era feita naquela estação. Ele tinha saído por um momento, disse, “para respirar um pouco de ar fresco”. A expressão soou incrivelmente estranha, com sua sugestão de uma vida sedentária de escritório. Eu não teria mencionado esse sujeito a vocês se não tivesse sido de sua boca que ouvi pela primeira vez o nome do homem tão indissolúvelmente ligado às lembranças desse tempo. Além disso, eu respeitei o sujeito. Sim, respeitei o colarinho, os grandes punhos, o cabelo escovado. Sua aparência era, decerto, a de um manequim de cabeleireiro; mas na grande desmoralização daquela terra ele cuidava de sua aparência. Isso é fundamental. Seus colarinhos engomados e petilho elegante eram conquistas de caráter. Ele estava fora do país havia quase três anos, e, mais tarde, não pude deixar de perguntar como conseguia manter as roupas tão limpas. Ele corou apenas ligeiramente e disse, com modéstia: “Ensinei uma das mulheres nativas da estação. Foi difícil. Ela tinha certa aversão ao trabalho.” Esse homem havia, portanto, conquistado alguma coisa. E era devotado a seus livros, que estavam em ordem impecável.

— Todo o resto da estação estava em desordem: cabeças, coisas, prédios. Fileiras de negros empoeirados, com os pés chatos, chegavam e partiam; um fluxo de produtos manufaturados, peças de algodão barato, contas e fios de metal seguiam para as profundezas das trevas, e em troca escorria um precioso gotejamento de marfim.

— Tive de esperar dez dias na estação, uma eternidade. Morava numa cabana no pátio, mas para escapar do caos ficava às vezes na sala do contador. Era construída com tábuas horizontais e tão mal montadas que, curvado sobre sua escrivaninha alta, ele era banhado da cabeça aos pés por estreitas faixas de luz solar. Não precisava abrir a grande veneziana para enxergar. E também era quente ali; grandes moscas zuniam, demoníacas, e não picavam: apunhalavam. Eu geralmente sentava no chão, enquanto ele, com aparência impecável (e até ligeiramente perfumado), empoleirado em seu banco alto, escrevia, escrevia. Às vezes, se levantava para se exercitar. Quando uma cama de rodinhas com um doente (algum agente inválido do norte) foi colocada ali, ele demonstrou uma delicada irritação. “Os gemidos dessa pessoa doente”, disse, “distraem minha atenção. E sem atenção é extremamente difícil evitar erros de escrituração neste clima.”

— Um dia, ele observou, sem erguer a cabeça: “No interior, o senhor sem dúvida vai encontrar o sr. Kurtz.” Quando perguntei quem era o sr. Kurtz, ele disse que era um agente de primeira classe; e, ao ver minha decepção diante desse dado, acrescentou devagar, enquanto pousava a pena: “É uma pessoa muito notável.” Outras perguntas

arrancaram dele que o sr. Kurtz era, no momento, encarregado de um posto comercial, um posto muito importante, bem no território do marfim, “em seu ponto mais profundo. Ele manda tanto marfim para cá quanto todos os outros juntos...”. O contador começou a escrever. O homem doente estava mal demais até para gemer. As moscas zuniam com muita paz.

— De repente, houve um murmúrio crescente de vozes e muitos pés batendo. Uma caravana havia entrado. Do lado de fora das tábuas, irrompeu uma violenta algaravia de vozes rústicas. Todos os carregadores falavam ao mesmo tempo, e, em meio ao tumulto, ouvia-se a voz lamentosa do agente-chefe “desistindo de tudo”, às lágrimas, pela vigésima vez naquele dia... Ele se levantou devagar. “Que confusão horrível”, disse. Atravessou a sala com delicadeza para olhar o doente, voltou-se e falou para mim: “Ele não escuta.” “O quê? Morreu?”, perguntei, perplexo. “Não, ainda não”, ele respondeu com grande compostura. Depois, indicando com um movimento de cabeça o tumulto no pátio da estação, completou: “Quando uma pessoa precisa fazer anotações corretas, ela passa a odiar esses selvagens... um ódio mortal.” Ficou pensativo durante um momento. “Quando encontrar o sr. Kurtz”, continuou, “diga, de minha parte, que aqui está tudo...”, olhou para a escrivãzinha, “muito satisfatório. Não gosto de escrever para ele. Com esses nossos mensageiros, nunca se sabe quem pode pegar sua carta naquela Estação Central.” Ele olhou para mim um momento, com seus olhos suaves, saltados. “Ah, ele vai muito longe, muito longe”, continuou. “Não demora muito, vai ser alguém na Administração. Eles lá em cima, o Conselho na Europa, sabe?, querem isso.”

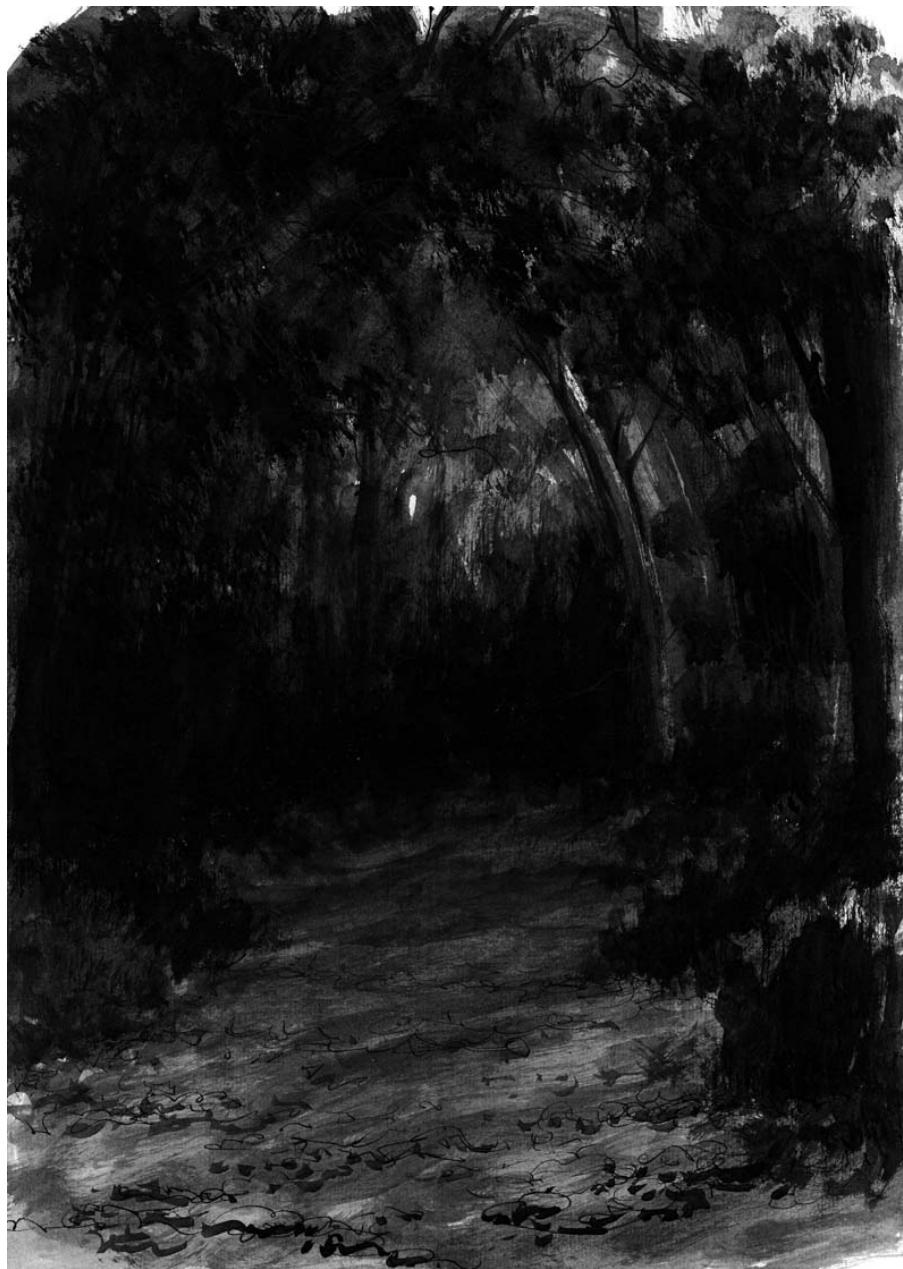
— Retomou o trabalho. O barulho lá fora cessou, e então, ao sair, parei na porta. Em meio ao zumbido constante das moscas, o agente que ia voltar para casa jazia corado e insensível; o outro, curvado sobre seus livros, fazia as anotações corretas de transações perfeitamente corretas; e quinze metros abaixo da porta eu podia ver as copas das árvores do bosque da morte.

— No dia seguinte, finalmente parti da estação com uma caravana de sessenta homens para uma marcha de mais de trezentos quilômetros.

— Não preciso falar muito sobre isso para vocês. Trilhas, trilhas, por toda parte; uma teia de trilhas pisadas que se espalhava pela terra vazia, através do mato alto, da grama queimada, das moitas, descendo e subindo ravinas assustadoras, subindo e descendo morros rochosos chamejantes de calor; e uma solidão, uma solidão, ninguém, nem uma cabana. A população desaparecida há muito tempo. Bom, se uma porção de negros misteriosos, providos com todo tipo de armas assustadoras, de repente passasse a viajar na estrada entre Deal e

Gravesend, capturando os camponeses a torto e a direito, obrigando-os a carregar seus fardos pesados, acredito que todas as fazendas e choupanas da região logo estariam vazias. Só que as habitações tinham desaparecido também. Ainda assim, passei por várias aldeias abandonadas. Há algo de pateticamente infantil nas ruínas de paredes de junco. Dia após dia, o bater e arrastar de sessenta pares de pés descalços atrás de mim, cada par debaixo de um fardo de trinta quilos. Acampar, cozinhar, dormir, levantar acampamento, marchar. De vez em quando, um carregador morto em serviço, repousando no mato alto junto à trilha, com uma cabaça de água vazia e o longo bastão a seu lado. Um grande silêncio em torno e acima. Talvez em alguma noite tranquila, o rumor de tambores distantes, baixando, subindo, um rumor vasto, tênue; um som estranho, atraente, sugestivo e selvagem... talvez com um sentido tão profundo quanto o som de sinos em terra cristã. Uma vez, um homem branco com farda desabotoada estava acampado na trilha com uma escolta armada de magros zanzibaritas, muito hospitaleiro e festivo, para não dizer bêbado. Cuidava da manutenção da estrada, declarou. Não posso dizer que tenha visto qualquer estrada, nem qualquer manutenção, a menos que o corpo de um negro de meia-idade com um buraco de bala na testa, no qual eu literalmente tropecei cinco quilômetros adiante, possa ser considerado uma melhoria permanente. Eu tinha também um companheiro branco, que não era mau sujeito, só que um tanto gordo demais e com o costume exasperante de desmaiar nas encostas ensolaradas, a quilômetros de qualquer mínima sombra e água. É irritante, sabe, ter de segurar seu próprio paletó como guarda-sol acima da cabeça de um homem enquanto ele volta a si. Certa vez, não pude deixar de perguntar o que passara pela sua cabeça quando aceitou estar ali, afinal. “Ganhar dinheiro, claro. O que o senhor acha?”, respondeu, com desdém. Depois, ficou com febre e teve de ser carregado numa rede pendurada num pau. Como pesava cem quilos, foi um sem-fim de discussões com os carregadores. Eles empacavam, fugiam, escapavam durante a noite com seus fardos, um motim e tanto. Então, uma noite, fiz um discurso em inglês, com gestos, que não podia deixar de ser entendido pelos sessenta pares de olhos diante de mim, e, na manhã seguinte, mandei a rede na frente. Uma hora depois, topei com a coisa toda caída numa moita: homem, rede, gemidos, cobertas, horrores. O pau pesado tinha ralado seu pobre nariz. Ele estava muito ansioso para que eu matasse alguém, mas não havia nem sombra de carregadores por perto. Me lembrei do velho médico: “Seria interessante para a ciência observar as mudanças mentais nos indivíduos no local.” Senti que eu estava me tornando interessante do ponto de vista científico. No entanto, nada disso teve importância. No décimo quinto dia, visualizei o grande rio outra vez e

me arrastei para a Estação Central. Ficava num remanso cercado por mato e floresta, com uma bela borda de lama malcheirosa de um lado, e era fechado dos outros três lados por uma louca cerca de juncos. Uma abertura esquecida era o único portão que havia, e logo à primeira vista já era possível identificar o diabo gorducho que dava as ordens ali. Homens brancos com longos bastões nas mãos apareceram languidamente entre as edificações, avançaram para me espiar e depois sumiram de vista. Um deles, um sujeito corpulento, agitado, de bigode negro, me informou com grande loquacidade e muitas digressões, assim que me identifiquei, que meu vapor estava no fundo do rio. Fiquei atônito. O quê? Como? Por quê? Ah, estava “tudo bem”. O “próprio gerente” estava lá. Tudo muito correto. “Todo mundo tinha se comportado maravilhosamente! Maravilhosamente! O senhor precisa encontrar o gerente-geral imediatamente”, disse, agitado. “Ele está esperando!”





— Não percebi de imediato o significado real daquele naufrágio. Acho que o entendo agora, mas não tenho certeza, nenhuma certeza. Pensando bem, sem dúvida era uma ocorrência idiota demais para ser inteiramente natural. Ainda assim... mas no momento parecia apenas um maldito aborrecimento. O vapor tinha afundado. Tinham partido dois dias antes numa pressa repentina rio acima, com o gerente a bordo, a cargo de algum capitão voluntário, e, depois de três horas de viagem, rasgaram seu casco nas pedras e o barco afundou perto da margem sul. Perguntei o que eu devia fazer ali, agora que meu barco estava perdido. Na verdade, eu tinha muito a fazer para pescar o barco sob meu comando de dentro do rio. Tinha de começar logo no dia seguinte. Isso e os consertos, depois que transportei os pedaços para a estação, levaram alguns meses.



— Minha primeira entrevista com o gerente foi curiosa. Ele não me convidou para sentar depois da minha caminhada de mais de trinta quilômetros naquela manhã. Tinha um aspecto normal, nos traços, nas maneiras e na voz. Altura mediana e constituição comum. Os olhos, de um azul costumeiro, eram talvez notavelmente frios, e ele sem dúvida sabia fazer seu olhar cair cortante e pesado como um machado sobre alguém. Mas mesmo nesses momentos, o resto de sua pessoa parecia negar essa intenção. Fora isso, havia apenas uma ligeira expressão indefinível nos lábios, algo dissimulado... um sorriso... um não

sorriso... eu me lembro, mas não consigo explicar. Era inconsciente, aquele sorriso, embora logo depois de ele dizer alguma coisa o mesmo sorriso se intensificasse por um instante. Vinha no fim das falas como um selo aplicado às palavras para fazer o sentido da mais comum das frases parecer absolutamente inescrutável. Era um comerciante comum, desde a juventude empregado naquela região, nada além disso. Era obediente, mas não inspirava nem amor, nem medo, nem mesmo respeito. Inspirava inquietação. Era isso! Inquietação. Não uma desconfiança definida, apenas inquietação, nada mais. Não fazem ideia de como essa... essa... faculdade pode ser eficiente. Não tinha talento para organização, para iniciativa ou mesmo para autoridade. Isso ficava evidente em coisas como o estado deplorável da estação. Ele não tinha formação, nem inteligência. O cargo lhe viera... por quê? Talvez porque ele nunca ficasse doente... Tinha servido três períodos de três anos ali... Porque saúde triunfante na derrocada geral das constituições era uma espécie de poder em si. Quando ia para casa de folga, ele tumultuava em larga escala, pomposamente. Um marinheiro em terra, de um jeito diferente, na aparência apenas. Isso se podia deduzir de sua conversa habitual. Ele não criava nada; conseguia manter a rotina, só isso. Mas era ótimo. Era ótimo por essa ninharia de que era impossível dizer o que podia controlar um homem desses. Ele nunca revelou esse segredo. Talvez não houvesse nada dentro dele. Essa desconfiança fazia qualquer um hesitar, porque naquele lugar não havia controle externo. Uma vez, quando várias doenças tropicais tinham derrubado quase todos os “agentes” da estação, ele falou: “Quem vem para cá não pode ter entranhas.” E selou essa declaração com aquele sorriso, como se fosse uma porta para a escuridão que tinha sob sua guarda. Você pensava que estava vendo coisas, mas a abertura já tinha sido fechada. Quando aborrecido com as constantes disputas entre os brancos acerca de precedência na hora das refeições, ele ordenou que fizessem uma imensa mesa redonda, para a qual foi preciso construir uma casa especial. Era o refeitório da estação. O lugar principal era onde ele sentava, o resto era em qualquer lugar. Dava a sensação de que isso era sua convicção inalterável. Ele não era polido nem impolido. Era quieto. Permitia que seu “menino”, um jovem negro superalimentado do litoral, tratasse os brancos com uma insolência provocativa, bem debaixo de seu nariz.

— Ele começou a falar assim que me viu. Eu tinha demorado muito na estrada, e ele não podia esperar. Teve de começar sem mim. As estações rio acima precisavam ser atendidas. Os atrasos tinham sido tantos que ele não sabia mais quem estava morto, quem estava vivo, como estavam indo, e assim por diante. Não deu nenhuma atenção às minhas explicações e, brincando com um sinete, repetiu várias vezes que a situação era “muito grave, muito grave”. Havia

rumores de que uma estação muito importante corria perigo, e que seu chefe, o sr. Kurtz, estava doente. Esperava-se que não fosse verdade. O sr. Kurtz era... Eu estava cansado e irritado. Kurtz que se dane, pensei. Eu o interrompi e disse que tinha ouvido falar do sr. Kurtz no litoral. “Ah, então falam dele lá”, murmurou para si mesmo. Retomou e me garantiu que o sr. Kurtz era o melhor agente que ele tinha, um homem excepcional, da maior importância para a Companhia; portanto, eu podia entender sua ansiedade. Ele disse que estava “muito, muito inquieto”. De fato, se agitava bastante em sua cadeira, e exclamou “Ah, o sr. Kurtz!”, quebrou o sinete e pareceu aturdido pelo acidente. Em seguida, quis saber “quanto tempo levaria para...”, eu o interrompi outra vez. Porque estava com fome, sabem, e em pé. Estava ficando irritado. “Como posso saber?”, respondi. “Ainda nem vi o naufrágio... alguns meses, sem dúvida.” Toda essa conversa me pareceu muito inútil. “Alguns meses”, ele disse. “Bom, digamos três meses para podermos partir. É. Isso deve resolver o caso.” Saí de sua cabana (ele morava sozinho numa cabana de barro com uma espécie de varanda) resmungando para mim mesmo minha opinião sobre ele. Era um idiota falastrão. Depois, voltei atrás quando compreendi surpreso a extrema exatidão com que ele havia estimado o tempo necessário para “o caso”.



— Fui trabalhar no dia seguinte, dando as costas para aquela estação, por assim dizer. Me pareceu que só dessa forma eu poderia preservar os fatos redentores da vida. Mesmo assim, é preciso olhar em torno às vezes; e então vi aquela estação, aqueles homens passeando sem rumo, ao sol, no pátio. Eu me perguntei algumas vezes o que tudo aquilo queria dizer. Eles vagavam para lá e para cá com seus absurdos bastões longos nas mãos, como uma porção de peregrinos sem fé enfeitiçados dentro de uma cerca podre. A palavra “marfim” ressoava no ar, era sussurrada, suspirada. Dava para pensar que rezavam para ela. Um tom de imbecil voracidade perpassava tudo, como a emanção de algum cadáver. Por Deus! Nunca vi nada tão irreal em minha vida. E lá fora, a mata silenciosa que cercava aquele grão de terra limpa me pareceu algo grande e invencível, como o mal ou a verdade, pacientemente à espera do fim daquela fantástica invasão.

— Ah, esses meses! Bom, não importa. Várias coisas aconteceram. Num fim de tarde, o barracão de sapê cheio de algodão, tecidos estampados, contas e não sei o que mais irrompeu em chamas tão repentinamente que parecia que a terra tinha se aberto para deixar um fogo vingativo consumir toda aquela tralha. Eu estava fumando meu cachimbo, sossegado, junto ao meu vapor desmantelado e vi todos eles dando cambalhotas na luz, com os braços muito erguidos, quando o homem atarracado de bigode veio correndo até o rio, balde de lata na mão, me garantiu que todo mundo estava se “comportando esplendidamente, esplendidamente”, recolheu um pouco de água e voltou correndo. Notei que havia um buraco no fundo do balde.



— Subi caminhando. Não tinha pressa. Sabem, a coisa tinha se consumido como uma caixa de fósforos. Desde o comecinho não havia esperança. A chama saltou alta, afastou a todos, iluminou tudo... e se apagou. O barracão já era um monte de brasas brilhantes, ferozes. Um negro era espancado ali perto. Disseram que ele tinha provocado o incêndio de alguma forma; fosse o que fosse, ele gritava terrivelmente. Eu o vi durante vários dias, sentado num trecho de sombra parecendo muito doente e tentando se recuperar; depois, levantou-se e foi embora. E sem nenhum som a mata o acolheu em seu seio outra vez. Quando me aproximei das brasas, vindo do escuro, me vi atrás de dois homens que conversavam. Ouvi pronunciarem o nome de Kurtz, depois as palavras “aproveitar este infeliz acidente”. Um dos homens era o gerente. Dei-lhe boa-noite. “Já viu uma coisa dessas, hein? É incrível”, ele disse e afastou-se. O outro homem ficou. Era um agente de primeira classe, jovem, cavalheiro, um pouco reservado, com uma barbinha bifurcada e nariz adunco. Ele mantinha distância dos outros agentes, e eles, por sua vez, diziam que era o espião do gerente entre eles. Quanto a mim, mal havia falado com ele antes. Começamos a conversar e acabamos nos afastando das ruínas que chiam. Então ele me convidou ao seu quarto, que ficava no prédio principal da estação. Ele riscou um fósforo e percebi que aquele jovem aristocrata tinha não só uma frásqueira com contornos de prata como também uma vela inteira só para ele. Naquele momento, o gerente era o único homem que devia ter qualquer direito a velas. Esteiras nativas cobriam as paredes de barro; pendurada como troféu, uma coleção de lanças, azagaias, escudos e facas. Pelo que tinha sido informado, a tarefa confiada a esse sujeito era a fabricação de tijolos; mas não havia nem um fragmento de tijolo em lugar nenhum da estação, e ele estava ali havia mais de um ano, à espera. Parece que ele não conseguia fazer tijolos sem alguma coisa, não sei o quê, palha talvez. De qualquer forma, não se encontrava isso ali e, como não era provável que fossem mandar da Europa, não ficou claro para mim o que ele estava esperando. Um ato de criação especial talvez. No entanto, estavam todos esperando alguma coisa, todos os dezesseis ou vinte peregrinos; e, para falar a verdade, não parecia uma ocupação desagradável pela maneira como era aceita por eles, embora a única coisa que lhes viesse fosse a doença... pelo que pude perceber. Eles passavam o tempo murmurando e fazendo intrigas uns contra os outros de um jeito bobo. Havia um ar de conspiração na estação, mas sem nenhuma consequência, claro. Era tão irreal quanto todo o resto, como a falsa filantropia de todo o empreendimento, como a fala deles, como o seu governo, como a sua demonstração de trabalho. O único sentimento real era um desejo de conseguir ser nomeado para um posto comercial onde se obtivesse marfim, de forma a poderem ganhar porcentagens.

Faziam intrigas, mentiam e se odiavam apenas por essa razão, mas quanto a efetivamente erguerem um dedinho para fazer algo... ah, não. Céus! No fim das contas, existe algo no mundo que permite a um homem roubar um cavalo, enquanto outro nem sequer pode olhar para um cabresto. Roubar um cavalo com o maior atrevimento. Muito bem, ele fez isso. Talvez ele saiba montar. Mas há um jeito de olhar para um cabresto que faz o mais caridoso dos santos explodir de raiva.

— Eu não fazia ideia de por que ele queria ser tão sociável, mas, enquanto conversávamos ali, de repente me ocorreu que o sujeito estava querendo chegar a alguma coisa; na verdade, estava me sondando. Aludia constantemente à Europa, às pessoas que eu devia conhecer por lá, fazia perguntas interessadas sobre meus relacionamentos na cidade sepulcral, e assim por diante. Seus olhinhos brilhavam como discos de mica, por curiosidade, embora ele tentasse manter certa altivez. De início, fiquei assombrado, mas logo fiquei incrivelmente curioso para ver o que ele descobriria através de mim. Não podia imaginar o que havia em mim que merecesse o empenho dele. Foi muito divertido ver como ele se decepcionou, porque na verdade meu corpo estava apenas cheio de friagem, e minha cabeça não tinha nada além daquela bendita história do vapor. Era evidente que ele me tomava por um prevaricador totalmente desavergonhado. Por fim, ele se zangou e, para encobrir um movimento de furioso aborrecimento, bocejou. Eu me levantei. Então notei um pequeno esboço a óleo, num painel, representando uma mulher envolta em um pano e vendada, que erguia uma tocha acesa. O fundo era sombrio, quase preto. O movimento da mulher era majestoso, e o efeito da luz da tocha em seu rosto era sinistro.



— A pintura me interessou, e ele parou civilizadamente, segurando a meia garrafa de champanhe (confortos medicinais) com a vela espetada. À minha pergunta, respondeu que o sr. Kurtz tinha pintado aquilo, naquela mesma estação, mais de um ano antes, enquanto esperava o transporte para seu posto comercial. “Me diga, por favor”, falei, “quem é esse sr. Kurtz?”.

— “É o chefe da Estação do Interior”, ele respondeu em tom seco, desviando os olhos. “Muito obrigado”, eu disse, rindo. “E o senhor é o fabricante de tijolos da Estação Central. Todo mundo sabe disso.” Ele ficou calado um momento. “Ele é um prodígio”, disse afinal. “É um emissário da compaixão, da ciência, do progresso e sabe-se lá do que mais. Precisamos”, ele começou a declamar de repente, “para a orientação da causa que nos foi confiada pela Europa, digamos assim, de inteligência superior, ampla comiseração e unicidade de

propósito.” “Quem disse isso?”, perguntei. “Muita gente”, ele respondeu, “alguns até escrevem isso; e então *ele* vem para cá, um ser especial, como o senhor deve saber.” “Por que eu devo saber?”, interrompi, realmente surpreso. O agente não deu atenção. “É. Hoje ele chefia a melhor estação, no ano que vem vai ser gerente-assistente, mais dois anos e... mas acredito que o senhor sabe o que ele será dentro de dois anos. O senhor é do grupo, o grupo da virtude. As mesmas pessoas que mandaram especialmente o sr. Kurtz recomendaram também o senhor. Ah, não diga que não. Só posso confiar nos meus próprios olhos.” Baixou-me uma luz. As relações influentes de minha tia estavam produzindo um efeito inesperado sobre aquele jovem. Quase explodi numa gargalhada. “O senhor lê a correspondência confidencial da Companhia?”, perguntei. Ele não disse uma palavra. Foi muito divertido. “Quando o sr. Kurtz for gerente-geral”, continuei em tom severo, “o senhor não terá mais a oportunidade.”

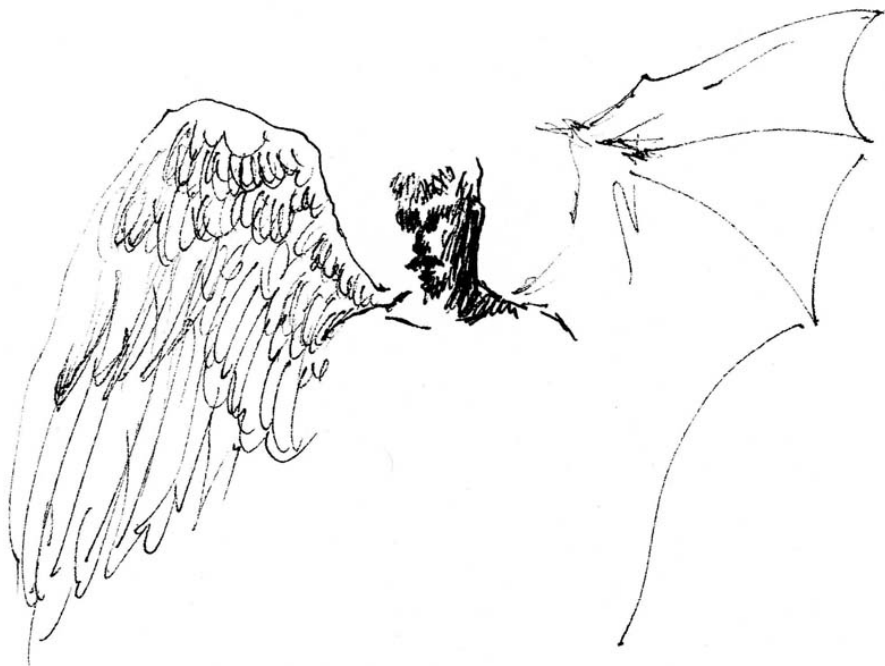
— Ele soprou a vela de repente e saímos. A lua tinha surgido. Vultos negros passeavam, inquietos, despejando água na luminescência, de onde vinha um som chiado; o vapor subia para o luar, o negro espancado gemia em algum lugar. “Que barulheira faz esse selvagem!”, disse o incansável homem de bigode ao surgir novamente perto de nós. “Para ele aprender: transgressão — castigo — banguê! Sem pena, sem pena. É o único jeito. Isso vai prevenir incêndios no futuro. Eu estava dizendo para o gerente...” O sujeito de bigode notou quem era o meu companheiro e de repente desanimou. “Ninguém foi para a cama ainda”, ele disse com uma espécie de animação servil; “é tão natural. Ah! Perigo, agitação!” E desapareceu. Continuei indo para a margem do rio, e o outro me acompanhou. Ouvi um murmúrio ferino em meu ouvido: “Bando de incompetentes, droga.” Dava para ver os peregrinos em grupos, gesticulando, discutindo. Vários ainda com os bastões na mão. Acredito de verdade que eles levavam esses bastões para a cama. Além da cerca, a floresta se erguia espectral ao luar, e através do rumor tênue, através dos sons abafados daquele pátio lamentável, o silêncio da Terra tocava o próprio coração da gente, seu mistério, sua grandeza, a incrível realidade de sua vida oculta. O negro ferido gemia baixo em algum lugar próximo e depois deu um suspiro profundo que me fez caminhar para longe. Senti uma mão tomando o meu braço. “Meu caro senhor”, disse o sujeito, “não quero ser mal compreendido, e principalmente pelo senhor, que vai encontrar o sr. Kurtz muito antes de eu ter esse prazer. E não gostaria que ele tivesse uma ideia errada a meu respeito...”

— Deixei que ele continuasse, aquele Mefistófeles de papel machê, e me pareceu que, se eu tentasse, podia trespassá-lo com o dedo sem

encontrar nada a não ser um pouco de terra solta, talvez. Ele, vocês não imaginam, vinha planejando ser gerente-assistente sob as ordens do atual gerente, e percebi que a vinda daquele Kurtz tinha incomodado bastante os dois. Ele falou de modo precipitado, e não tentei interrompê-lo. Eu estava com os ombros apoiados nos restos do meu vapor, içado na encosta como a carcaça de algum animal ribeirinho. O cheiro de lama, de lama primitiva, por Deus!, estava em nossas narinas, a alta imobilidade da floresta primeva diante dos meus olhos; havia trechos brilhantes na negra enseada. A lua tinha espalhado sobre tudo uma fina camada de prata, sobre o capim denso, sobre a lama, sobre a parede de vegetação emaranhada, mais alta que a parede de um templo, sobre o grande rio que eu conseguia ver através de uma abertura sombria, brilhando, brilhando, enquanto seguia seu fluxo vasto e sem nem mesmo um murmúrio. Era tudo grande, promissor, mudo, enquanto o homem tagarelava sobre si próprio. Eu me perguntei se a calma diante da imensidão que olhava para nós dois significava um apelo ou uma ameaça. O que éramos nós, desgarrados ali? Conseguiríamos controlar aquela coisa muda, ou ela nos controlaria? Senti como era grande, perturbadoramente grande, aquela coisa que não podia falar e que talvez fosse surda também. O que havia lá? Eu conseguia ver um pouco de marfim saindo dali e tinha ouvido dizer que o sr. Kurtz estava lá. E tinha ouvido o bastante acerca disso, só Deus sabe! No entanto, de alguma forma aquilo não trazia nenhuma imagem, não mais do que se tivessem me dito que ali havia um anjo ou um demônio. E eu acreditei, do mesmo jeito que um de vocês pode acreditar que existem habitantes no planeta Marte. Certa vez, conheci um fabricante de velas escocês que tinha certeza, certeza absoluta, de que havia gente em Marte. Quando perguntavam se ele tinha alguma ideia de sua aparência e seu comportamento, ele ficava muito tímido e resmungava alguma coisa sobre “andar de quatro”. Se você desse um sorriso que fosse, ele se propunha, embora fosse um homem de sessenta anos, a lutar com você. Eu não chegaria ao ponto de lutar pelo sr. Kurtz, mas por ele cheguei bem perto de uma mentira. Vocês sabem que eu odeio, detesto, não suporto mentira, não porque eu seja mais correto que os outros, mas simplesmente porque me aterroriza. Há uma mancha de morte, um sabor de mortalidade em mentiras, que é exatamente o que odeio e detesto no mundo, o que eu quero esquecer. Me deixa muito triste e enjoado, como se tivesse mordido algo podre. Temperamento, eu acho. Bom, cheguei bem perto disso ao deixar o jovem idiota imaginar o que quisesse a respeito de minha influência na Europa. Em um instante, me tornei tão falso quanto o resto dos peregrinos enfeitiçados. Simplesmente porque eu intuía que, de alguma forma, seria útil para aquele Kurtz, que na época eu não

conhecia, entendem? Ele era apenas uma palavra para mim. Eu não via o homem no nome mais do que vocês. Vocês veem esse homem? Veem a história? Veem alguma coisa? Mais parece que estou contando um sonho, fazendo uma vã tentativa, porque nenhum relato de um sonho consegue passar a sensação do sonho, aquela mistura de absurdo, surpresa e espanto num tremor de angustiante revolta, a ideia de ser capturado pelo inacreditável que é da mesma essência dos sonhos...





Ele ficou em silêncio um momento.

—... Não, é impossível; é impossível passar a sensação viva de qualquer época determinada da nossa existência: o que faz a sua verdade, o seu sentido, a sua essência sutil e penetrante. É impossível. Vivemos como sonhamos: sozinhos...

Fez outra pausa, como se refletisse, depois acrescentou:

— Claro que nisto vocês, amigos, veem mais do que eu pude ver na época. Vocês me veem, me conhecem...

Tinha ficado tão escuro que nós, ouvintes, mal podíamos ver uns aos outros. Já por muito tempo, ele, sentado afastado, não passava de uma voz. Não se ouvia uma palavra de ninguém. Os outros podiam estar dormindo, mas eu estava acordado. Eu escutei, escutei alerta à frase, à palavra que me daria uma pista para a tênue inquietação inspirada por essa narrativa que parecia tomar forma por conta própria, sem lábios humanos, no pesado ar noturno do rio.

—... Eu deixei, sim, que ele continuasse — prosseguiu Marlow — e pensasse o que quisesse sobre os poderes que havia por trás de mim. Deixei! E não havia nada atrás de mim! Não havia nada além daquele vapor maldito, velho, destrozado, no qual eu me encostava enquanto ele falava fluentemente sobre “a necessidade que todo homem tem de progredir”. “E, quando se vem para cá, o senhor deve imaginar, não é para ficar contemplando a lua.” O sr. Kurtz era um “gênio universal”, mas mesmo um gênio acharia mais fácil trabalhar com “ferramentas adequadas: homens inteligentes”. Ele não fabricava tijolos; afinal,

havia uma impossibilidade física ali, como eu bem sabia; e, se fazia trabalho de secretário para o gerente, era porque “nenhum homem sensato rejeita arbitrariamente a confiança de seus superiores”. Se eu percebia isso? Eu percebia. O que mais eu queria? O que eu queria de fato eram rebites, Deus do céu!, rebites. Para continuar o trabalho, para tapar o buraco. Queria rebites. Havia caixotes deles no litoral, caixotes, empilhados, estourados, abertos! Chutava-se um rebite solto a cada passo no pátio daquela estação no morro. Rebites que rolavam para o bosque da morte. Dava para encher os bolsos com rebites apenas se abaixando para pegá-los, e não se encontrava um único rebite onde era necessário. Nós tínhamos chapas de metal que serviriam, mas nada com que prendê-las. E toda semana o mensageiro, um negro solitário, sacola de correspondência ao ombro e bastão na mão, partia de nossa estação para o litoral. E várias vezes por semana vinha do litoral uma caravana com mercadorias para troca: tecidos de chita assustadoramente lustrados que faziam estremecer só de olhar, contas de vidro no valor de um pêni por quarto de galão, lenços de algodão com estampas de bolinhas. E nada de rebites. Três carregadores podiam trazer tudo o que era preciso para pôr aquele vapor fluando.

— Ele começou a ficar mais íntimo, mas acho que deve ter se exasperado com minha atitude indiferente, porque achou necessário me informar que não temia nem Deus nem o diabo, muito menos um simples homem. Eu disse que podia ver isso muito bem, mas o que eu queria era uma certa quantidade de rebites, e na verdade rebites era o que o sr. Kurtz queria, se ele ao menos soubesse. Ora, toda semana cartas eram enviadas para o litoral... “Meu caro senhor”, ele exclamou, “escrevo sob ordens.” Eu precisava de rebites. Havia um jeito, para um homem inteligente. Ele mudou de atitude; ficou muito frio e de repente começou a falar de um hipopótamo; se perguntava se eu não ficava perturbado de dormir a bordo do vapor (eu não me afastava dos meus destroços noite e dia). Havia um velho hipopótamo que tinha o mau hábito de sair para a margem e vagar à noite pela área da estação. Os peregrinos se juntavam e esvaziavam nele todo rifle que tinham à mão. Alguns ficavam de tocaia à noite à espera dele. Mas toda essa energia era desperdiçada. “Aquele animal tem uma vida encantada”, ele disse; “mas isso só se pode dizer das feras nesta terra. Nenhum homem, o senhor me entende?, nenhum homem aqui tem uma vida encantada.” Ele ficou ali um momento ao luar, com seu delicado nariz adunco um pouco torto, os olhos de mica brilhando sem piscar e, em seguida, afastou-se com um boa-noite seco. Percebi que ele estava incomodado e consideravelmente intrigado, o que me deixou mais esperançoso do que me sentia havia dias. Foi um grande alívio me afastar daquele sujeito e voltar para o meu amigo

influyente, danificado, retorcido, arruinado, vapor de lata. Subi com dificuldade a bordo. O casco rangeu sob os meus pés como uma lata vazia de biscoitos Huntley & Palmer chutada na sarjeta; sua estrutura não era tão sólida, e sua forma bem menos bonita, mas eu havia empenhado trabalho o bastante ali para sentir amor por ele. Nenhum amigo influente me serviria melhor. Ele tinha me dado a chance de sair um pouco, de descobrir o que eu era capaz de fazer. Não, não gosto de trabalho. Preferia vagabundear e pensar em todas as coisas boas que se podia fazer. Não gosto de trabalhar, nenhum homem gosta, mas gosto do que existe no trabalho: a chance de se encontrar. Sua própria realidade, para si mesmo, não para os outros, aquilo que nenhum homem jamais pode saber. Eles só podem ver a mera demonstração, e nunca dizer o que significa de fato.



— Não fiquei surpreso ao ver alguém sentado no convés, em direção à popa, com as pernas balançando acima da lama. Sabem, eu me dava muito bem com os poucos mecânicos que havia na estação, que os outros peregrinos naturalmente desprezavam, por conta dos seus modos imperfeitos, acredito. Esse era o contramestre, um fabricante de caldeiras por profissão, um bom trabalhador. Era um homem magro, ossudo, de face amarela, com grandes olhos intensos. Seu aspecto era preocupado, e a cabeça tão calva quanto a palma da minha mão; mas parecia que seu cabelo, ao cair, tinha grudado no queixo e prosperado na nova localidade, porque a barba descia até a cintura. Era viúvo, com seis filhos pequenos (que tinha deixado ao encargo de uma irmã), e a paixão de sua vida era corrida de pombos. Era um entusiasta e um conhecedor. Delirava sobre pombos. Depois do trabalho, às vezes costumava vir de sua cabana para falar sobre os filhos e os pombos; no trabalho, quando tinha de engatinhar na lama debaixo do fundo do vapor, ele amarrava aquela barba com uma espécie de guardanapo branco, com alças para prendê-lo atrás das orelhas, que trazia consigo para esse fim. Ao anoitecer, podia ser visto agachado à margem, lavando esse envoltório no ribeirão com muito cuidado, e depois o estendendo solenemente num arbusto para secar.

— Dei-lhe um tapa nas costas e gritei: “Vamos receber rebites!”. Ele se pôs de pé e exclamou: “Não! Rebites!”, como se não pudesse acreditar no que ouvia. Depois, em voz baixa: “O senhor... hein?”. Não sei por que nos comportamos como loucos. Encostei o dedo num lado do nariz e balancei a cabeça, misterioso. “Parabéns!”, ele exclamou e estalou os dedos acima da cabeça e ergueu um pé. Eu tentei uns passos de dança. Saltamos pelo convés de ferro. Aquele casco fazia um barulho assustador, e a floresta virgem do outro lado do ribeirão devolvia um rolar de trovão sobre a estação adormecida. Deve ter feito alguns peregrinos acordarem em suas choupanas. Um vulto escuro tapou a porta iluminada da cabana do gerente, desapareceu e depois, talvez um segundo depois, a porta em si desapareceu também. Paramos de pular, e o silêncio afastado pelo bater de nossos pés fluiu de novo dos recessos da Terra. A grande muralha de vegetação, uma massa exuberante e emaranhada de troncos, galhos, folhas, ramos, festões, imóveis ao luar, parecia uma tumultuada invasão de vida sem som, o rolar de uma onda de plantas, empilhadas, crestadas, prontas para tombar sobre o ribeirão, para arrebatá-lo de sua pequena existência cada homenzinho como nós. E não se movia. Uma explosão ensurdecadora de espadanar na água e roncões nos chegou de longe, como se um ictiossauro estivesse tomando um banho de brilho no grande rio. “Afinal”, disse o fabricante de caldeiras em tom razoável, “por que não receberíamos os rebites?” De fato, por que não? A meu ver não havia nenhum motivo.

“Vão chegar dentro de três semanas”, eu disse, confiante.

— Mas não chegaram. Em vez de rebites, veio uma invasão, um castigo, uma visita. Veio em divisões durante as três semanas seguintes, cada divisão liderada por um burro montado por um homem branco com roupa nova e sapatos marrom-claro, curvando-se daquela altura à direita e à esquerda para os peregrinos impressionados. Um bando de negros mal-humorados, briguentos e com os pés doloridos seguia na trilha do burro; uma porção de barracas, banquinhos de campanha, caixas de latas, malas brancas, fardos marrons despejados no pátio e o ar de mistério se aprofundava um pouco sobre a desordem da estação. Vieram cinco dessas parcelas, com seu ar absurdo de fuga desordenada com o butim de inúmeras lojas de enxovais e depósitos de mercadorias que, podia-se pensar, depois de um ataque estavam arrastando até a mata para uma partilha igualitária. Era um emaranhado volume de coisas decentes em si mesmas, mas que a loucura humana fazia parecer o espólio de um roubo.

— Aquele bando dedicado se chamava Expedição Exploratória do Eldorado, e acredito que tinham um juramento de segredo. Sua fala, porém, era a fala de sórdidos piratas: era descuidada sem ousadia, ávida sem audácia e cruel sem coragem; não havia nem um átomo de precaução ou intenção séria em todo aquele grupo, e eles pareciam não ter consciência de que essas coisas são desejáveis para o funcionamento do mundo. Arrancar tesouros do ventre da Terra era o desejo deles, sem nenhum outro propósito moral em si do que haveria em ladrões invadindo um cofre. Não sei quem pagava as despesas dessa nobre empresa; mas o tio de nosso gerente era o líder dessa turma.

— Por fora, ele parecia o açougueiro de um bairro pobre, e seus olhos tinham um ar de sonolenta astúcia. Ele portava sua grande barriga com ostentação em cima das pernas curtas e, durante o tempo em que seu bando assolou a estação, não falou com ninguém além de seu sobrinho. Os dois eram vistos perambulando o dia inteiro com as cabeças próximas em interminável confabulação.

— Desisti de me preocupar com os rebites. A capacidade para esse tipo de loucura é mais limitada do que se pode imaginar. Eu disse “dane-se!”, e deixei as coisas correrem. Tinha muito tempo para meditação, e de vez em quando pensava um pouco em Kurtz. Não tinha muito interesse nele. Não. Mesmo assim, estava curioso para ver se esse homem, que viera equipado com ideias morais de algum tipo, chegaria de fato ao topo e como conduziria seu trabalho quando lá chegasse.

II

— Uma noite, quando estava deitado de costas no convés do meu vapor, ouvi vozes se aproximando, e lá estavam o sobrinho e o tio passeando pela margem. Deitei a cabeça no braço outra vez e tinha quase me perdido num cochilo quando alguém disse como se fosse em meu ouvido: “Sou tão inofensivo como uma criancinha, mas não gosto que mandem em mim. Sou o gerente ou não sou? Recebi ordem para mandá-lo para lá. É incrível...” Me dei conta de que os dois estavam parados à margem junto à parte dianteira do vapor, bem debaixo de minha cabeça. Não me mexi; não me ocorreu me mexer: eu estava com sono. “É, sim, desagradável”, resmungou o tio. “Ele pediu à Administração para ser mandado para lá”, disse o outro, “com a ideia de mostrar do que é capaz; e eu recebi as mesmas ordens. Veja a influência que esse homem deve ter. Não é assustador?” Os dois concordaram que era assustador e depois fizeram várias observações bizarras: “Chova ou faça sol... um homem... o Conselho... pelo nariz” — pedaços de frases absurdas penetraram minha sonolência, de maneira que eu estava quase totalmente acordado quando o tio disse: “O clima pode resolver para você essa dificuldade. Ele está lá sozinho?”. “Está, sim”, respondeu o gerente, “mandou o assistente rio abaixo com um recado para mim nestes termos: ‘Livre-se desse pobre-diabo e não se dê ao trabalho de mandar mais ninguém desse tipo. Prefiro ficar sozinho a receber esse tipo de homem de que você pode dispor para mim.’ Isso foi mais de um ano atrás. Você pode imaginar tamanho descaramento?” “Alguma notícia desde então?”, perguntou o outro, rouco. “Marfim”, soltou o sobrinho; “grande quantidade, da melhor qualidade, muito, muito irritante, vindo dele.” “E então?”, questionou a voz pesada. “Fatura”, foi a resposta disparada, por assim dizer. Depois, silêncio. Eles estavam falando de Kurtz.

— A essa altura eu estava completamente acordado, deitado perfeitamente à vontade, continuei quieto, sem nenhum impulso de mudar de posição. “Como esse marfim veio parar aqui?”, grunhiu o homem mais velho, que parecia muito contrariado. O outro explicou que tinha vindo numa frota de canoas a cargo de um funcionário mestiço inglês que Kurtz mantinha; que Kurtz parecia ter a intenção

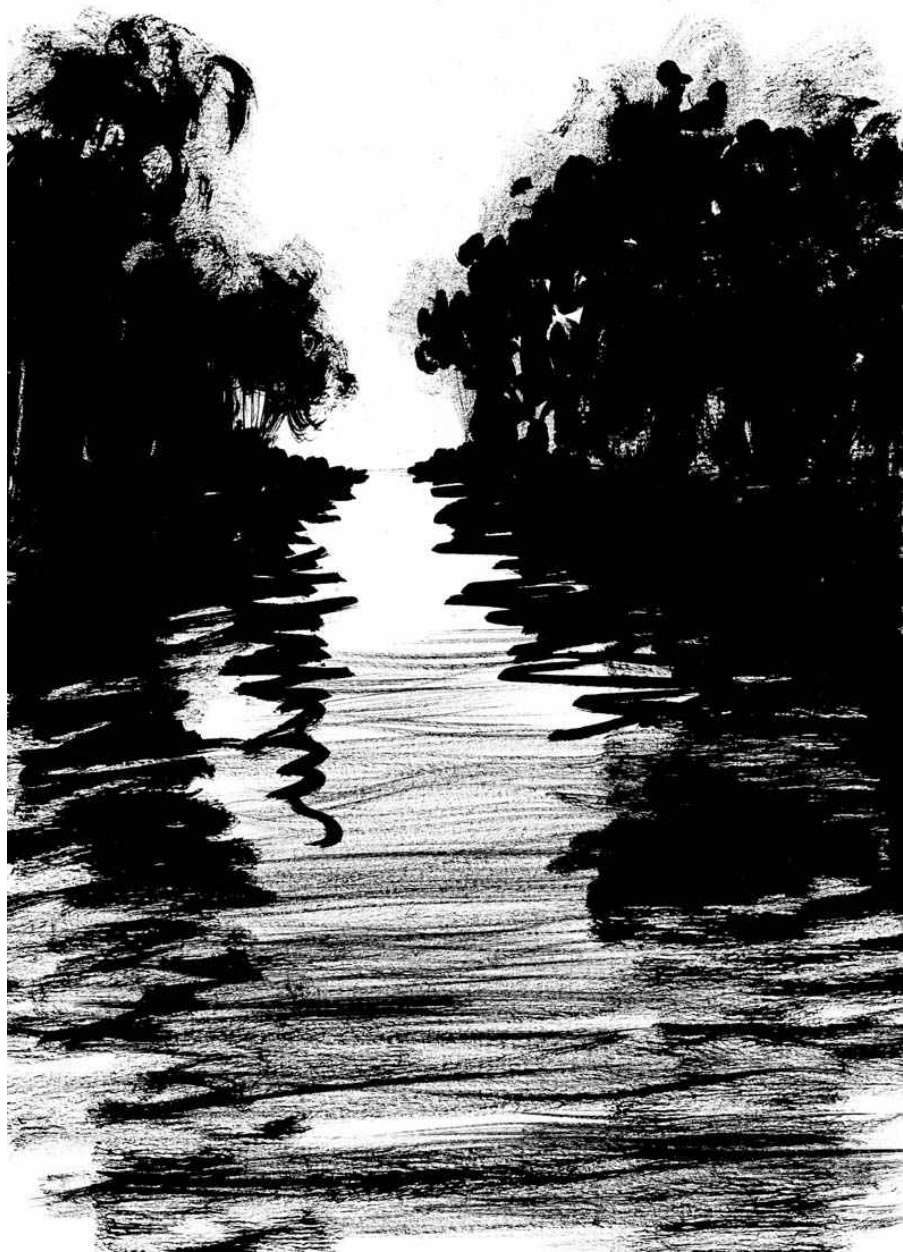
de voltar ele próprio, uma vez que a estação naquela época estava desprovida de mercadorias e suprimentos, mas, depois de viajar quase quinhentos quilômetros, de repente ele resolveu voltar, o que começou a fazer sozinho numa canoa pequena com quatro remos, deixando o mestiço continuar rio abaixo com o marfim. Os dois sujeitos então pareceram ficar assombrados de alguém fazer uma coisa dessas. Não conseguiam ver nenhum motivo adequado para isso. Quanto a mim, parecia que estava vendo Kurtz pela primeira vez. Era um relance nítido: a canoa, os quatro selvagens remadores e o homem branco solitário que voltava de repente para seu quartel-general, para descansar, pensando em seu lar, talvez; em direção às profundezas da mata, para a estação vazia e desolada. Eu não sabia o motivo. Talvez ele fosse simplesmente um bom sujeito que se dedicava ao trabalho pelo trabalho. O nome dele, vocês sabem, não foi pronunciado nem uma vez. Era “aquele homem”. O mestiço que, pelo que entendi, tinha concluído a viagem difícil com grande prudência e determinação, era mencionado sempre como “aquele patife”. O “patife” havia contado que o “homem” havia ficado muito doente, e não tinha se recuperado perfeitamente... Os dois abaixo de mim se afastaram alguns passos e começaram a andar de um lado para o outro, a certa distância. Ouvi: “Posto militar... médico... trezentos quilômetros... bem sozinho agora... atrasos inevitáveis... nove meses... sem notícias... boatos estranhos.” Aproximaram-se de novo, e o gerente dizia: “Ninguém, pelo que eu sei, a não ser uma raça de vendedor ambulante, uma peste de sujeito, que rouba marfim dos nativos.” De quem estavam falando agora? Pelos fragmentos concluí que era de algum homem que devia estar no distrito de Kurtz e que o gerente não aprovava. “Não vamos nos livrar desse tipo de concorrência desonesta enquanto um desses sujeitos não for enforcado para dar o exemplo”, ele disse. “Claro”, grunhiu o outro; “que seja enforcado. Por que não? Qualquer coisa... se pode fazer qualquer coisa neste país. É isso que eu digo; ninguém aqui, entende, *aqui*, pode colocar em risco a sua posição. E sabe por quê? Porque você suporta o clima... você viverá mais que todos eles. O perigo está na Europa; mas lá, antes de partir, eu tomei o cuidado de...” Eles se afastaram e trocaram sussurros, depois as vozes ficaram mais altas de novo. “Essa série extraordinária de atrasos não é culpa minha. Eu fiz o melhor possível.” O gordo suspirou. “Muito triste.” “E o absurdo pestilento do discurso dele”, continuou o outro; “ele me incomodou bastante quando esteve aqui: ‘Cada estação deve ser como um farol na estrada para coisas melhores, um centro de comércio, claro, mas também de humanização, progresso, instrução.’ Veja o senhor, aquele imbecil! E ele quer ser gerente! Não, é...” Nessa altura, engasgou-se com o excesso de indignação, e eu ergui a cabeça um pouquinho. Fiquei surpreso ao ver como estavam próximos, bem

debaixo de mim. Eu podia cuspir em seus chapéus. Olhavam o chão, absortos em pensamentos. O gerente batia na perna com um graveto; seu parente sagaz ergueu a cabeça. “Você passou bem desde que veio desta última vez?”, perguntou. O outro se sobressaltou. “Quem? Eu? Ah! Perfeitamente, perfeitamente. Mas os outros... ah, meu Deus! Todos doentes. E eles morrem tão depressa que não tenho nem tempo de mandá-los para fora, é incrível!” “Hmm. Sei”, grunhiu o tio. “Ah! Meu rapaz, confie nisto aqui, isso que eu digo, confie nisto aqui.” Vi quando ele estendeu o braço curto como uma barbatana, num gesto que abrangia a floresta, o riacho, a lama, o rio, que parecia invocar, com um desonroso floreio diante da face ensolarada da Terra, um apelo traiçoeiro à espreita da morte, ao mal oculto, às trevas profundas da floresta. Foi tão incrível que me pus de pé e olhei para a beira da floresta, como se esperasse algum tipo de resposta àquela demonstração sombria de confiança. Vocês sabem o tipo de ideia boba que nos ocorre às vezes. A altiva quietude confrontava essas duas figuras com sua funesta paciência, à espera do desenrolar de uma invasão fantástica.



— Os dois praguejaram juntos em voz alta, por puro susto, acredito, depois fingiram que não sabiam de minha existência, voltaram para a estação. O sol estava baixo; e inclinados para baixo, lado a lado, eles pareciam arrastar penosamente morro acima suas duas ridículas sombras de tamanho desigual, que se arrastavam devagar atrás deles no mato alto sem dobrar uma única folha.

— Poucos dias depois, a Expedição Eldorado penetrou na mata paciente, que se fechou sobre ela como o mar se fecha sobre um mergulhador. Muito tempo depois, veio a notícia de que todos os burros tinham morrido. Não sei nada sobre o destino dos animais menos valiosos. Eles, sem dúvida, como o resto de nós, encontraram o que mereciam. Não investiguei. Nesse momento, eu estava muito excitado com a perspectiva de logo encontrar Kurtz. Quando digo logo é em termos comparativos. Passaram-se apenas dois meses entre o dia da nossa partida do riacho e a chegada à margem abaixo da estação de Kurtz.



— Subir aquele rio era como viajar de volta aos primórdios do começo do mundo, quando a vegetação cobria desordenadamente a Terra e as grandes árvores eram rainhas. Um rio vazio, um grande silêncio, uma floresta impenetrável. O ar estava quente, denso, pesado, lento. Não havia alegria no brilho do sol. O rio corria extenso, deserto, na penumbra das distâncias sombreadas. Em bancos de areia prateados, hipopótamos e crocodilos tomavam sol lado a lado. As

vastas águas corriam em meio a uma multidão de ilhas arborizadas; naquele rio você se perdia como num deserto, topava o dia inteiro com baixios na tentativa de encontrar o canal, até achar que estava enfeitado e separado para sempre de tudo o que conheceu em algum lugar, longe, em outra existência talvez. Havia momentos em que o passado voltava à mente, como volta às vezes quando não se tem um momento para si mesmo; mas vinha na forma de um sonho inquieto e ruidoso, lembrado com assombro entre as opressivas realidades desse mundo estranho de plantas, água e silêncio. E essa calma de vida em nada parecia paz. Era a calma de uma força implacável meditando sobre uma intenção inescrutável. Olhava para você com um aspecto vingativo. Depois, eu me acostumei; não via mais isso; não tinha tempo. Eu precisava adivinhar onde estava o canal, discernir, sobretudo por inspiração, os sinais de bancos de areia escondidos; vigiava por pedras submersas; estava aprendendo a cerrar bem os dentes para que meu coração não saísse pela boca quando passava por um triz por algum furtivo tronco velho que teria arrancado a vida do vapor de lata e afogado todos os peregrinos; e tinha de estar alerta aos sinais de madeira morta que poderíamos cortar à noite para o vapor do dia seguinte. Quando se tem de cuidar de coisas assim, os meros incidentes da superfície, a realidade, a realidade, estou dizendo, desaparece. A verdade interior se esconde... felizmente, felizmente. Mas eu sentia a realidade mesmo assim; sentia sempre na misteriosa calma que vigiava minhas macaquices, assim como vigia vocês em suas respectivas cordas bambas... por quanto? Meia coroa cada pirueta...

— Tente ser civilizado, Marlow — rosou uma voz, e eu percebi que pelo menos um ouvinte estava acordado além de mim.

— Peço desculpas. Esqueci a tristeza que constitui o resto do preço. E de fato o que importa o preço, se o malabarismo é bem feito? Vocês executam seus malabarismos muito bem. E eu também não me dei mal, já que consegui não afundar o vapor na minha primeira viagem. E ainda me admiro disso. Imagine um homem vendado tendo de conduzir um carro por uma estrada ruim. Eu suava e tremia bastante, confesso. Afinal, para um marinheiro, raspar o fundo daquilo que deve fazer flutuar o tempo todo sob seus cuidados é um pecado imperdoável. Talvez ninguém perceba, mas você nunca se esquece do baque... não é? Um golpe no coração mesmo. Você se lembra, sonha com isso, acorda à noite e pensa nisso... anos depois... e o corpo todo esquentava e esfriava. Não vou dizer que aquele vapor flutuou o tempo todo. Mais de uma vez tive de vadear um trecho, com vinte canibais espadanando em torno, empurrando. No caminho, tínhamos convocado aqueles sujeitos como tripulação. Bons sujeitos, os canibais, em seu devido lugar. Eram homens com quem se podia trabalhar, e

sou grato a eles. E, afinal, eles não comeram uns aos outros na minha frente: tinham trazido provisão de carne de hipopótamo que apodreceu e fez o mistério da mata feder em nossas narinas. Pfu! Ainda sinto aquele fedor. Eu estava com o gerente a bordo, e mais três ou quatro peregrinos com seus bastões, todos completos. Às vezes, topávamos com uma estação próxima à margem, pendurada à barra do desconhecido, e os homens brancos que saíam correndo de suas cabanas avariadas com grandes gestos de alegria, surpresa e boas-vindas pareciam muito estranhos; davam a impressão de estarem ali prisioneiros de algum feitiço. A palavra marfim retinha no ar por um tempo, e de novo seguíamos rumo ao silêncio, ao longo de recantos vazios, contornando curvas tranquilas, entre as altas paredes de nosso caminho tortuoso, reverberando nos baques surdos do bater pesado da roda de popa. Árvores, árvores, milhões de árvores, compactas, imensas, muito altas; e aos seus pés, abraçando a margem contra a corrente, esgueirava-se o pequeno vapor sujo de fuligem, como um besouro lento se arrastando no chão de um pórtico majestoso. Fazia a gente se sentir muito pequeno, muito perdido e, no entanto, não era uma sensação totalmente deprimente. Afinal de contas, sendo pequeno, o besouro sujo seguiu em frente, exatamente o que se queria que ele fizesse. Não sei para onde os peregrinos imaginavam que ele se arrastava. Para algum lugar onde eles esperavam conseguir alguma coisa. Aposto! Para mim, ele se arrastava na direção de Kurtz, exclusivamente; mas, quando os canos de vapor começaram a vazar, nosso avanço foi muito lento. O curso do rio se abria diante de nós e depois se fechava atrás, como se a floresta tivesse avançado com tranquilidade sobre a água para bloquear o caminho de nossa volta. Penetramos mais e mais fundo no coração das trevas. Era muito silencioso lá. À noite, às vezes, o soar de tambores atrás da cortina de árvores percorria o rio e permanecia tenuemente suspenso, como se pairando no ar acima de nossas cabeças, até a primeira luz do dia. Se queria dizer guerra, paz ou prece não sabíamos dizer. As auroras eram anunciadas pelo baixar de uma fria quietude; os cortadores de lenha dormiam, suas fogueiras queimavam baixas; qualquer estalar de um ramo assustava. Éramos errantes numa Terra pré-histórica, numa Terra que exibia o aspecto de um planeta desconhecido. Podíamos nos considerar os primeiros homens que tomam posse de uma herança maldita, a serem subjugados à custa de profunda angústia e trabalho excessivo. Mas, de repente, ao fazer uma curva com dificuldade, havia um relance de paredes de junco, de coberturas pontiagudas de palha, uma explosão de gritos, uma agitação de membros negros, uma massa de mãos batendo palmas, de pés batendo o chão, de corpos dançando, de olhos girando debaixo da cortina de folhagem pesada e imóvel. O vapor se esforçava lentamente à margem de um delírio negro e

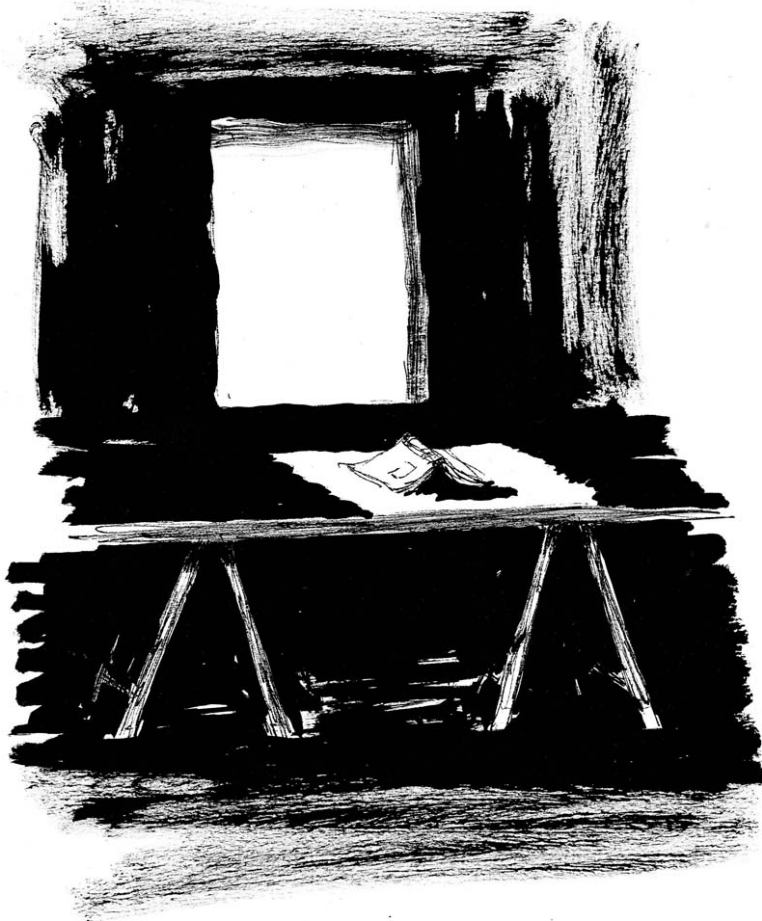
incompreensível. O homem pré-histórico nos insultava, rezava para nós, nos dava boas-vindas... quem poderia saber? Estávamos isolados da compreensão de nossos arredores; passamos deslizando como fantasmas, admirados e secretamente horrorizados, como homens são ficariam diante de uma entusiástica rebelião de um hospício. Não conseguíamos entender porque tínhamos ido longe demais e não conseguíamos lembrar porque estávamos viajando na noite das primeiras eras, das eras que passaram sem deixar nem um sinal, e nem lembranças.

— A terra parecia sobrenatural. Estávamos acostumados a ver a forma acorrentada de um monstro subjugado, mas ali... ali podia-se ver uma coisa monstruosa e livre. Era sobrenatural e os homens... Não, não eram desumanos. Bom, vocês sabem, isso era o pior, essa desconfiança de que não fossem humanos. Ela vinha aos poucos para a gente. Eles uivavam, pulavam, giravam, faziam caretas horríveis; mas o que impressionava era só a ideia da humanidade deles, como a nossa, a ideia de nossa remota proximidade com aquele tumulto selvagem e apaixonado. Feio. Era, sim, bem feio; mas se fôssemos homens para admitir para nós mesmos que havia em nós ao menos um pequeno traço de reação à terrível franqueza daquele barulho, uma tênue desconfiança de existir naquilo um sentido que nós, nós, tão distantes da noite das primeiras eras, éramos capazes de entender. E por que não? A mente do homem é capaz de qualquer coisa porque tem tudo dentro dela, todo o passado assim como todo o futuro. O que havia ali, afinal? Alegria, medo, tristeza, devoção, coragem, raiva... quem poderia saber?, senão a verdade, a verdade despida de seu manto de tempo. Os tolos que abram a boca e estremeçam: o homem sabe e pode assistir sem pestanejar. Mas precisa ser ao menos tão homem quanto aqueles que víamos na margem. Precisa enfrentar aquela verdade com a própria verdade que existe dentro de si, com a sua força inata. Princípios? Princípios não servem. Aquisições, roupas, lindos trapos... trapos que saíam voando ao primeiro sacudir forte. Não: o que se quer é uma crença determinada. Um atrativo para mim naquela balbúrdia demoníaca... existe? Muito bem; eu ouço; eu admito, mas tenho a minha voz, sim, e para o bem ou para o mal a minha mensagem não pode ser silenciada. Um tolo, claro, por puro medo e bons sentimentos está sempre a salvo. De quem é aquele grunhido? Vocês se perguntam se eu fui à terra para berrar e dançar? Bom, não, não fui. Bons sentimentos, vocês acham? Os bons sentimentos que se danem! Eu não tinha era tempo. Tinha de me virar com alvaiade e tiras de cobertores de lã para ajudar a enfaixar aqueles canos de vapor que vazavam, isso é o que eu digo. Tinha de vigiar a pilotagem e circundar aqueles troncos submersos e levar em frente aquela lata de qualquer jeito. Havia nessas coisas uma verdade

superficial capaz de salvar um homem mais sensato. E de quando em quando eu tinha de cuidar do selvagem que era o foguista. Era um espécime melhorado; sabia acender uma caldeira vertical. Ele estava logo abaixo de mim e, juro mesmo, olhar para ele era tão edificante quanto ver um cachorro com uma paródia de calção e chapéu de plumas andar nas patas traseiras. Poucos meses de treinamento tinham bastado para aquele sujeito bom de verdade. Ele apertava os olhos para olhar o manômetro de vapor e o manômetro de água com um evidente esforço de intrepidez; e tinha os dentes lixados também, o pobre-diabo, a carapinha da cabeça com estranhos desenhos raspados e três cicatrizes ornamentais em cada face. Ele devia estar batendo palmas e batendo os pés na margem, mas em vez disso trabalhava duro, escravo de estranha bruxaria, cheio de conhecimentos aprimorados. Era útil porque tinha sido treinado; e o que ele sabia era: que se a água desaparecesse naquela coisa transparente, o espírito mau dentro da caldeira ia se zangar por causa da imensidão de sua sede e se vingaria de maneira terrível. Então ele suava, acendia o fogo e observava o vidro com medo (com um talismã improvisado, feito de trapos, amarrado ao braço, e um pedaço de osso polido, do tamanho de um relógio, cravado no lábio inferior), enquanto as margens arborizadas passavam por nós devagar, o breve ruído deixado para trás, os intermináveis quilômetros de silêncio; e seguíamos em frente, na direção de Kurtz. Mas os troncos submersos eram grossos, a água traiçoeira e rasa, a caldeira parecia mesmo ter um diabo irritado dentro dela e assim nem o foguista nem eu tínhamos tempo de contemplar nossos pensamentos assustadores.

— Uns oitenta quilômetros abaixo da Estação Interior, topamos com uma cabana de junco, um poste inclinado e melancólico, com o trapo irreconhecível do que tinha sido algum tipo de bandeira esvoaçando, e uma pilha de lenha bem arrumada. Isso era inesperado. Fomos à margem, e na pilha de lenha encontramos uma tábua com alguma coisa meio apagada escrita. Quando a decifrei, a mensagem dizia: “Lenha para vocês. Depressa. Cheguem com cuidado.” Havia uma assinatura, mas era ilegível, não de Kurtz, um nome muito mais longo. “Depressa.” Para onde? Rio acima? “Cheguem com cuidado.” Não tínhamos feito isso. Mas o alerta não podia indicar o lugar que só seria encontrado depois de nos aproximarmos. Tinha alguma coisa errada. Mas o quê? E quanto? A questão era essa. Comentamos contrariados a imbecilidade daquele estilo telegráfico. O mato em torno não dizia nada e não deixava enxergar muito além. Havia uma cortina de sarja vermelha na porta da cabana que tremulava tristemente diante de nós. A habitação estava desmontada; mas dava para ver que um homem branco tinha vivido ali havia pouco tempo. Restava uma mesa rústica, uma tábua em cima de dois cavaletes, um

monte de lixo depositado num canto escuro e, perto da porta, encontrei um livro. Tinha perdido as capas e as páginas haviam sido folheadas até chegarem a um estado de macia e extrema sujeira; mas a lombada havia sido amorosamente costurada de novo com linha branca de algodão, que ainda parecia limpa. Era um achado extraordinário. O título do livro era *Uma investigação sobre alguns pontos de navegação*, de um homem chamado Towser, ou Towson, algo assim, Mestre da Marinha de Sua Majestade. O assunto parecia uma leitura bem enfadonha, com diagramas ilustrativos e repulsivas tabelas de números; o exemplar tinha sessenta anos. Segurei aquela incrível antiguidade com a maior ternura possível, para que não dissolvesse em minhas mãos. No interior, Towson ou Towser investigava com empenho a sobrecarga de correntes e guinchos de navios, e outros assuntos afins. Não era um livro muito interessante; mas, à primeira vista, dava para ver ali uma sinceridade de intenção, um interesse honesto no jeito certo de trabalhar, que dava àquelas humildes páginas, concebidas tantos anos antes, uma luminosidade diferente da luminosidade profissional. O simples e velho marinheiro, com sua conversa de correntes e talhas, me fez esquecer da selva e dos peregrinos com uma deliciosa sensação de ter topado com algo inconfundivelmente real. Um livro desses encontrado ali era uma maravilha; mas ainda mais assombrosas eram as notas a lápis nas margens, e claramente referentes ao texto. Eu mal podia acreditar no que via! Estavam em código! É, parecia um código. Incrível um homem levar com ele um livro dessa natureza até aquele lugar nenhum, estudá-lo, tomar notas, cifradas ainda por cima! Era um mistério extravagante.



— Havia já algum tempo eu estava vagamente consciente de um ruído perturbador e, quando ergui os olhos, vi que a pilha de lenha tinha sumido e o gerente, ajudado por todos os peregrinos, gritava para mim da margem do rio. Pus o livro no bolso. Garanto que parar de ler foi como me arrancar do abrigo de uma velha e sólida amizade.

— Dei partida no motor defeituoso. “Deve ser aquele atravessador desgraçado; aquele intruso”, exclamou o gerente, olhando com malevolência para o lugar que havíamos deixado. “Ele deve ser inglês”, eu disse. “O que não vai impedir que se meta em problemas se não tomar cuidado”, murmurou o gerente, de modo sombrio. Observei com pretensa inocência que ninguém neste mundo está a salvo de problemas.

— A correnteza estava mais rápida agora, o vapor parecia em seus últimos suspiros, a roda da popa batia languidamente, e me surpreendi ouvindo com todo cuidado a próxima batida do barco, pois, sendo sincero, eu esperava que a maldita coisa sucumbisse a qualquer momento. Era como testemunhar os últimos estertores de

uma vida. Mas ainda assim nos arrastávamos. Às vezes, eu escolhia uma árvore um pouco adiante para medir nosso avanço até Kurtz, mas a perdia invariavelmente quando avançávamos. Manter os olhos tanto tempo numa coisa só era demais para a paciência humana. O gerente demonstrava uma bela resignação. Eu me agitava e me zangava, e comecei a discutir comigo mesmo se ia ou não falar abertamente com Kurtz; mas antes que eu pudesse chegar a qualquer conclusão, me ocorreu que meu discurso ou meu silêncio, qualquer ação de minha parte, de fato, seria mera futilidade. Que importava o que qualquer pessoa soubesse ou ignorasse? Que importava quem era o gerente? De vez em quando se tem um lampejo de compreensão súbita. O essencial nessa questão estava bem abaixo da superfície, além do meu alcance e além da minha capacidade de interferir.

— No fim da tarde do segundo dia, calculamos que estávamos a uns treze quilômetros da estação de Kurtz. Eu queria continuar; mas o gerente parecia circunspecto e me disse que a navegação rio acima era tão perigosa que seria aconselhável, uma vez que o sol já estava muito baixo, esperar ali onde estávamos até a manhã seguinte. Além disso, observou que, se levássemos em conta o alerta de aproximação cautelosa, chegaríamos lá com a luz do dia, não ao entardecer ou no escuro. Isso era bem sensato. Treze quilômetros significavam para nós quase três horas, e eu podia ver também ondulações suspeitas ao longe e à frente. Mesmo assim, fiquei extremamente aborrecido com o atraso, e sem nenhuma razão, uma vez que uma noite a mais não faria grande diferença depois de tantos meses. Como tínhamos bastante lenha e cautela era a palavra de ordem, ancorei no meio da corrente. O remanso era estreito, reto, com barrancos altos como um recorte de ferrovia. O escurecer veio deslizando por ele muito antes do pôr do sol. A correnteza seguia suave e rápida, mas nas margens pousava uma imobilidade silenciosa. As árvores vivas atadas pelas trepadeiras e cada arbusto do mato pareciam ter se transformado em pedra, até o mais fino dos ramos, até a folha mais leve. Não era sono; parecia antinatural, como um estado de transe. Não se ouvia o menor som de qualquer tipo. Olhávamos em torno, intrigados, e começávamos a desconfiar que estávamos surdos, quando então a noite chegou de repente e nos deixou cegos também. Por volta das três da manhã, algum peixe grande saltou e me fez dar um pulo como se tivessem disparado uma arma. Quando o sol nasceu, apareceu uma névoa branca, muito quente e úmida, e mais ofuscante do que a noite. Não se movia nem avançava; apenas permanecia parada ali à nossa volta como se fosse algo sólido. Às oito ou nove horas, talvez, subiu como se sobe uma persiana. Vimos de relance uma multidão de árvores muito altas, da imensa selva emaranhada, com a bolinha ardente do sol pairando lá em cima, tudo perfeitamente imóvel, e então a persiana

branca voltou a baixar, suavemente, como se deslizesse por fendas lubrificadas. Mandei que a corrente, que tínhamos começado a recolher, fosse baixada de novo. Antes que ela parasse de correr com um estrépito abafado, um grito, um grito muito alto, como de desolação infinita, flutuou devagar no ar opaco. E cessou. Um clamor de protesto, modulado em selvagem dissonância, encheu nossos ouvidos. A mera surpresa daquilo pôs meus cabelos em pé debaixo do gorro. Não sei como afetou os outros: para mim parecia que a própria névoa havia gritado, tão repentino, e esse rugido tumultuado e lamentoso parecia subir de todos os lados. Culminou numa rápida explosão de guinchos quase intoleráveis, que parou de súbito e nos deixou paralisados numa variedade de atitudes idiotas, ouvindo obstinadamente o silêncio que era quase tão assustador e excessivo. “Meu Deus! O que é isso...”, gaguejou a meu lado um dos peregrinos, um homenzinho gordo com cabelo loiro cor de areia e suíças ruivas, que usava bota impermeável e pijama cor-de-rosa enfiado nas meias. Dois outros ficaram de boca aberta um minuto inteiro, depois correram para dentro da pequena cabine e logo voltaram e se puseram parados, lançando olhares apavorados, com winchesters preparadas nas mãos. Só dava para ver o vapor em que estávamos, seus contornos borrados como se estivesse a ponto de se dissolver, uma faixa enevoadada de água, de talvez uns sessenta centímetros, e isso era tudo. O resto do mundo não estava em parte alguma, no que dizia respeito a nossos olhos e ouvidos. Em parte alguma. Tinha sumido, desaparecido; varrido sem deixar para trás nem um sussurro ou uma sombra.



— Fui à proa e mandei que encurtassem a corrente de forma a estar pronto para recolher a âncora e deslocar o vapor se necessário. “Eles vão atacar?”, sussurrou uma voz assombrada. “Vamos ser todos trucidados nessa neblina”, murmurou outra. Os rostos se contraíam de tensão, as mãos tremiam ligeiramente, os olhos se esqueciam de piscar. Era muito curioso ver o contraste de expressão entre os brancos e os negros de nossa tripulação, que eram tão estranhos quanto nós àquela parte do rio, embora suas casas ficassem a mil e duzentos quilômetros dali. Os brancos, claro, muito transtornados, exibiam além do mais um curioso olhar de choque aflitivo com um tumulto tão excessivo. Os outros tinham uma expressão alerta, naturalmente interessada; mas seus rostos estavam de fato tranquilos, mesmo os daqueles um ou dois que sorriam ao subir a corrente. Vários trocavam frases curtas, resmungadas, que pareciam assentar a questão de maneira satisfatória. O chefe deles, um jovem negro de peito largo, severamente envolto em panos debruados em tom azul-marinho, com narinas ferozes e o cabelo todo arranjado artisticamente em cachos oleosos, estava a meu lado. “Aha!”, eu disse, por mero companheirismo. “Pega eles”, retrucou o rapaz, com um arregalar de olhos congestionados e um brilho de dentes afiados... “Pega eles. Dá

eles pra nós.” “Para vocês, é?”, perguntei; “e o que vão fazer com eles?” “Nós come!”, respondeu de maneira seca e, com o cotovelo apoiado na amurada, olhou a neblina com uma atitude digna e profundamente pensativa. Sem dúvida, eu teria ficado devidamente horrorizado se não tivesse me ocorrido que ele e seus companheiros deviam estar com muita fome: que deviam estar cada vez mais famintos sobretudo durante o último mês. Estavam contratados havia seis meses (não acho que nenhum deles tivesse uma ideia clara de tempo, como nós temos depois de eras incontáveis. Eles ainda pertenciam aos primórdios do tempo, não tinham herdado nenhuma experiência que os ensinasse, por assim dizer) e, claro, contanto que houvesse um pedaço de papel escrito de acordo com uma ou outra farsa de lei criada ali no rio, não passava pela cabeça de ninguém se preocupar com a maneira como eles iam viver. Decerto tinham trazido com eles um pouco de carne de hipopótamo apodrecida, que, de qualquer forma, não teria durado muito, mesmo que uma quantidade considerável não tivesse sido jogada na água pelos peregrinos, em meio a uma chocante agitação. Parecia um procedimento arbitrário, mas era na realidade um caso de legítima defesa. Não é possível respirar hipopótamo morto acordado, dormindo, comendo e ao mesmo tempo manter uma ligação precária com a vida. Além disso, tinham dado a eles toda semana três pedaços de arame de cobre, cada um de quase vinte e cinco centímetros, e em teoria eles deviam comprar provisões com essa moeda nas aldeias da margem. Vocês podem imaginar como *isso* funcionava. Ou não havia aldeias, ou os habitantes eram hostis, ou o diretor que, como todos nós, comia enlatados, complementados por um bode velho ocasional, não queria parar o barco por alguma razão mais ou menos recôndita. Então, a menos que comessem o próprio arame, ou fizessem com ele anzóis para pegar peixes, não vejo que vantagem recebiam com esse salário extravagante. Devo dizer que era pago com uma regularidade digna de uma companhia comercial grande e honrada. De resto, a única coisa para comer, embora não parecesse nem um pouco comestível, que eu via na posse deles eram uns bocados de alguma coisa que lembrava uma massa semicozida, de um arroxado sujo, que mantinham embrulhados em folhas e de vez em quando engoliam um pedaço, mas tão pequeno que parecia ser mais pela aparência da coisa do que por qualquer finalidade séria de sustento. Por quê, em nome de todos os famintos diabos-da-tasmânia, eles não vinham para cima de nós, eram trinta contra cinco, e faziam uma boa comilança, é coisa que me intriga quando penso até hoje. Eram homens grandes e fortes, sem muita capacidade de pesar as consequências, com a coragem, com a força, mesmo não tendo mais a pele o mesmo brilho, nem os músculos a mesma rigidez. E vi que algo restritivo, um daqueles segredos

humanos que confundem a probabilidade, estava em ação ali. Eu olhava para eles com um interesse prontamente renovado, não porque me tivesse ocorrido que podia ser devorado dentro de pouco tempo, embora eu deva admitir que naquele instante me dei conta, sob uma nova luz, por assim dizer, do quanto os peregrinos pareciam doentios e, eu esperava, sim, esperava mesmo, que meu aspecto não fosse muito... como posso dizer? muito... insosso: um toque de vaidade fantástica que combinava bem com toda a sensação de sonho que perpassava meus dias nessa época. Talvez eu estivesse também um pouco febril. Ninguém pode viver para sempre tomando o próprio pulso. Muitas vezes eu tinha “um pouco de febre” ou um toquezinho de outras coisas: as patadas brincalhonas da mata, as insignificâncias preliminares antes do ataque mais sério que veio em seu devido tempo. É; eu olhava para eles como se olha para qualquer ser humano, com curiosidade por seus impulsos, motivações, capacidades, fraquezas, quando confrontados com o teste de uma inexorável necessidade física. Moderar! Como era possível moderar? Era superstição, asco, paciência, medo ou algum tipo de honra primitiva? Nenhum medo consegue enfrentar a fome, nenhuma paciência consegue esgotá-la, o asco simplesmente não existe onde existe a fome; e quanto à superstição, convicções e o que se pode chamar de princípios, são menos que uma palha ao vento. Vocês sabem como é demoníaca a fome prolongada, seu exasperante tormento, suas ideias negras, sua ferocidade sombria e tristonha? Pois eu sei. É preciso toda a fortaleza inata de um homem para combater devidamente a fome. É realmente mais fácil enfrentar a privação, a desonra ou a perda da alma do que esse tipo de fome prolongada. Triste, mas verdade. E, além disso, aqueles sujeitos não tinham nenhuma razão para qualquer tipo de escrúpulo. Moderação! Eu podia esperar mais moderação de uma hiena perambulando entre os corpos num campo de batalha. Mas havia o fato diante de mim; o fato ofuscante, a ser visto, como a espuma no fundo do mar, como uma onda de um enigma insondável, um mistério maior, quando penso nele, do que a nota curiosa e inexplicável de desesperada tristeza naquele clamor selvagem que se abateu vindo da margem do rio, por trás da brancura ofuscante da neblina.



— Dois peregrinos discutiam em sussurros apressados qual era a margem. “Esquerda.” “Não, não; como pode? Direita, direita, claro.” “É muito sério”, disse a voz do gerente atrás de mim; “eu ficaria desolado se acontecesse alguma coisa com o sr. Kurtz antes da nossa chegada.” Olhei para ele e não tive a menor dúvida de que estava sendo sincero. Era simplesmente o tipo de homem que deseja manter as aparências. Essa era a sua moderação. Mas quando resmungou algo a respeito de partir imediatamente, não me dei nem ao trabalho de responder. Eu sabia, e ele sabia, que era impossível. Se abandonássemos nossa segurança da água funda, ficaríamos absolutamente no ar, no espaço. Não conseguiríamos dizer para onde estávamos indo, se corrente acima ou abaixo, ou de través, até atingirmos uma margem ou outra e aí não saberíamos de imediato qual. Claro que não fiz nada. Não tinha a intenção de entrar em

choque. Difícil imaginar um lugar mais mortal para um naufrágio. Podíamos nos afogar de imediato ou não, mas com certeza iríamos perecer rapidamente, de um jeito ou de outro. “Eu autorizo você a assumir todos os riscos”, disse ele, depois de um breve silêncio. “Eu me recuso a assumir qualquer um”, respondi, seco; exatamente a resposta que ele esperava, embora possa ter se surpreendido com o tom. “Bom, tenho de aceitar sua decisão. O senhor é o capitão”, disse ele com uma civilidade notável. Voltei o ombro para ele em sinal de concordância e fitei a neblina. Quanto tempo ia durar? Era a mais desesperada perspectiva. A aproximação àquele Kurtz que vinha recolhendo marfim na maldita mata vinha cercada de tantos perigos como se ele fosse uma princesa encantada dormindo num castelo fabuloso. “Você acha que vão atacar?”, perguntou o gerente em tom confidencial.

— Não achei que fossem atacar por diversas razões óbvias. A neblina espessa era uma delas. Se partissem da margem com suas canoas, iriam se perder nela, como nós também se tentássemos prosseguir. Ainda assim, eu também havia julgado a mata das duas margens impenetrável; mas havia olhos nela, olhos que nos vigiavam. Os arbustos na margem eram certamente muito espessos; mas o mato atrás deles era evidentemente penetrável. Porém, durante o breve momento em que a neblina subiu, não vi nenhuma canoa próxima ao longo do rio, muito menos ao lado do vapor. Mas o que tornava para mim inconcebível a ideia de ataque era a natureza do ruído, dos gritos que tínhamos ouvido. Não tinham o caráter feroz que anunciasse uma intenção hostil imediata. Por inesperados, selvagens e violentos que fossem, tinham me dado a impressão de uma irresistível tristeza. O vislumbre do vapor havia, por alguma razão, enchido aqueles selvagens de um lamento incontrolável. O perigo, se havia algum, expliquei, era estarmos próximos de uma grande paixão humana desenfreada. Mesmo a tristeza extrema pode acabar se manifestando como violência, embora assuma mais geralmente a forma de apatia...

— Vocês deviam ver a cara dos peregrinos! Não tinham disposição para sorrir, nem mesmo para me injuriar; mas acho que pensaram que eu tinha enlouquecido, de medo, talvez. Fiz um bom discurso. Meus caros rapazes, não adiantava nada se preocupar. Manter vigília? Bom, vocês podem imaginar que eu observava a névoa procurando sinais de que fosse subir, igual um gato observa um rato; mas nossos olhos não serviam para nada, como se estivéssemos enterrados a quilômetros de profundidade num monte de algodão. E a sensação era a mesma: sufocante, quente, abafada. Além disso, tudo o que falei, mesmo que pareça extravagante, é absolutamente fiel aos fatos. O que depois chamamos de ataque foi na realidade uma tentativa de nos afastar dali. A ação estava longe de ser agressiva, não era nem defensiva, no

sentido comum do termo: foi tomada sob a pressão do desespero e, em sua essência, era puramente de proteção.

— A coisa se desenvolveu, eu diria, duas horas depois que a neblina subiu, e começou num ponto, em termos gerais, a pouco mais de dois quilômetros abaixo da estação de Kurtz. Tínhamos acabado de avançar com dificuldade e feito uma curva quando vi uma ilhota, uma simples elevação gramada de um verde intenso, no meio do rio. Era única, mas quando diminuímos a distância percebi que era a ponta de um longo banco de areia, ou melhor, de uma cadeia de trechos rasos que se estendia pelo meio do rio. Eram descoloridas, ficavam à superfície, e dava para ver a cadeia toda logo abaixo da água, exatamente como a espinha dorsal de um homem percorre o meio das costas, debaixo da pele. Ora, no momento em que vi isso, podia ir pela direita ou pela esquerda. Claro que não conhecia nenhum dos dois canais. As margens pareciam bem semelhantes, a profundidade parecia a mesma; mas como eu tinha sido informado de que a estação ficava do lado oeste, segui naturalmente para a passagem oeste.



— Assim que entramos nela me dei conta de que era muito mais estreita do que eu supunha. À nossa esquerda havia o longo banco de areia contínuo e à direita uma margem alta, íngreme, profusamente coberta de arbustos. Acima dos arbustos, as árvores formavam fileiras serrilhadas. Ramos pendiam pesados sobre a correnteza e, de quando em quando, um grande galho de alguma árvore se projetava rigidamente sobre o rio. A tarde já estava bem avançada, a face da floresta era tristonha, e uma larga faixa de sombra já tinha caído sobre a água. Nessa sombra seguimos, muito devagar, como vocês podem supor. Rumei bem perto da margem, uma vez que a água era mais profunda perto da terra, conforme me informava a vara de sondagem.

— Um dos meus amigos famintos e pacientes sondava na proa logo abaixo de mim. Aquele vapor era exatamente como uma barça com convés. No convés, havia duas casinhas de madeira de teca, com portas e janelas. A caldeira ficava na parte dianteira, e a maquinaria na popa. Um telhado leve cobria tudo, sustentado por estacas. A chaminé se projetava através do teto, e em sua frente uma pequena cabana construída com tábuas frágeis servia de casa do leme. Continha um sofá, dois banquinhos de campanha, um rifle Martini-Henry carregado num canto, uma mesinha e o leme. Tinha uma porta larga na frente e aberturas grandes de cada lado. Tudo isso estava sempre aberto, claro. Eu passava os dias encarapitado ali na extremidade dianteira daquele telhado, diante da porta. À noite eu dormia, ou tentava dormir, no sofá. Um negro atlético pertencente a alguma tribo costeira e educado por meu pobre predecessor era o timoneiro. Ele exibia um par de brincos de latão, usava um pano azul amarrado na cintura até os tornozelos e se achava o melhor do mundo. Era o tipo de idiota mais instável que já vi. Ele pilotava com uma pose arrogante quando alguém passava por perto; mas se perdesse a pessoa de vista, caía instantaneamente vítima de um medo abjeto e deixaria aquela porcaria de vapor tomar conta dele num minuto.

— Eu estava olhando a vara de sondagem, e me sentindo muito irritado ao constatar que a cada verificação uma parte maior ficava emersa, quando vi meu vigia desistir da sondagem de repente e se estender no convés, sem se dar nem ao trabalho de recolher a vara. Mas a manteve segura e ela deslizava na água. Ao mesmo tempo, o foguista, que eu também podia ver abaixo de mim, sentou-se abruptamente diante da caldeira e baixou a cabeça. Fiquei intrigado. Então tive de olhar para o rio muito depressa porque havia um galho submerso à frente. Gravetos, pequenos gravetos, voavam por todo lado, cerrados: zuniam diante do meu nariz, caíam abaixo de mim, batiam atrás de mim, acertando a casa do leme. E esse tempo todo o rio, a margem, a mata, estavam muito quietos, perfeitamente quietos.

Eu só ouvia o pesado ruído do espadanar da roda de popa e o tamborilar daquelas coisas. Evitamos desajeitadamente o galho submerso. Flechas, por Deus! Estávamos sendo alvejados! Entrei depressa para fechar a persiana que dava para o lado da terra. Aquele timoneiro idiota, com a mãos nos raios do leme, erguia os joelhos, batia os pés, mordida ruidosamente a boca como um cavalo arreado. Maldito! E estávamos deslizando a três metros da margem. Tive de me debruçar para fora a fim de puxar a persiana pesada e vi um rosto entre as folhas nivelado com o meu, olhando para mim muito feroz e firme; e, de repente, como se um véu fosse tirado dos meus olhos, percebi, no fundo da penumbra emaranhada, peitos nus, braços, pernas, olhos penetrantes, a mata fervilhava de membros humanos em movimento, brilhando, cor de bronze. Os ramos sacudiam, cediam e farfalhavam, as flechas voavam de dentro deles, e então a persiana fechou. “Endireite o barco”, eu disse ao timoneiro. Ele manteve a cabeça rígida, o rosto voltado à frente, mas os olhos giravam nas órbitas, ele erguia e baixava os pés suavemente, a boca espumando um pouco. “Pare com isso!”, falei, furioso. Foi a mesma coisa que mandar uma árvore não balançar com o vento. Saí depressa. Abaixo de mim ouvi um grande ruído de passos no convés de ferro; exclamações confusas; uma voz gritou: “Não dá para voltar?” Percebi uma ondulação em forma de V à frente. O quê? Outro tronco submerso! Uma fuzilaria explodiu debaixo dos meus pés. Os peregrinos abriram fogo com suas winchesters e simplesmente esguichavam chumbo no mato. Uma grande nuvem de fumaça subiu e flutuou lentamente logo adiante. Praguejei. Agora eu não conseguia ver nem as ondas, nem o galho. Fiquei parado na porta, espiando, e as flechas vinham em enxames. Podiam estar envenenadas, mas pareciam incapazes de matar um gato. O mato começou a uivar. Nossos lenhadores lançaram um grito de guerra; o estouro de um rifle bem atrás de mim me deixou surdo. Olhei para trás e a casa do leme estava cheia de ruído e fumaça quando corri para o leme. Aquele negro idiota tinha largado tudo para abrir a veneziana e apontar para fora aquele Martini-Henry. Estava parado diante da grande abertura, olhando, e gritei para ele voltar enquanto endireitava a súbita virada do vapor. Não havia espaço para virar, mesmo que eu quisesse, o tronco submerso estava em algum ponto muito próximo naquela confusão de fumaça, não havia tempo a perder, então simplesmente joguei o barco para a margem, direto para a margem, onde eu sabia que a água era funda.



— Rasgamos devagar pelo teto de arbustos num turbilhão de ramos quebrados e folhas que voavam. A fuzilaria lá embaixo parou, como eu tinha previsto que aconteceria quando a munição acabasse. Joguei a cabeça para trás diante de um chiado reluzente que atravessou a casa do leme, entrou por uma janela e saiu pela outra. Ao olhar além do piloto louco que sacudia o rifle vazio e gritava para a margem, vi vagas formas de homens correndo curvados, saltando, deslizando, distintos, incompletos, evanescentes. Alguma coisa grande apareceu no ar diante da veneziana, o rifle caiu na água, e o homem deu um rápido passo para trás, me olhou por cima do ombro de um jeito extraordinário, profundo, familiar, e caiu aos meus pés. A lateral de sua cabeça bateu duas vezes no leme, e a ponta do que pareceu uma longa vara rolou, derrubando um banquinho de campanha. Provavelmente, depois de arrancar aquela coisa de alguém que estava na margem, ele havia perdido o equilíbrio com o esforço. A fumaça

rala tinha se dissipado, estávamos livres do galho, e, olhando à frente, vi que a menos de cem metros eu poderia desviar para longe da margem; mas meus pés estavam tão quentes e molhados que tive de olhar para baixo. O homem tinha rolado de costas e me encarava; segurava a vara com as duas mãos. Era o cabo de uma lança que, atirada ou enfiada pela abertura, o acertara no flanco, logo abaixo das costelas; a lâmina tinha desaparecido depois de fazer um corte assustador; meus sapatos estavam encharcados, e havia uma poça de sangue muito parada, brilhando em vermelho escuro abaixo do leme; os olhos dele tinham um brilho incrível. A fuzilaria explodiu de novo. Ele olhou para mim, ansioso, agarrado à lança como a uma coisa preciosa, como se temesse que eu fosse tomá-la dele. Tive de fazer um esforço para desgrudar meus olhos de seu olhar e cuidar do leme. Com uma das mãos, tateei acima da cabeça em busca da corda do apito a vapor e muito depressa fiz que soltasse um guincho depois do outro. O tumulto de gritos furiosos e guerreiros cessou de imediato, e então, do fundo da floresta, veio um gemido trêmulo e prolongado de medo pesaroso e desespero absoluto, como se pode imaginar depois de esgotada a última esperança na Terra. Houve uma grande comoção no mato; a saraivada de flechas parou, alguns disparos ainda soaram de supetão; e depois o silêncio, em meio ao qual o lânguido bater da roda de popa chegava claramente a meus ouvidos. Girei o leme firme para estibordo quando o peregrino de pijama cor-de-rosa, muito acalorado e agitado, apareceu na porta. “O gerente me mandou...”, começou em tom oficial e calou-se de repente. “Meu Deus!”, disse, olhando o homem ferido.

— Nós dois, brancos, estávamos acima do homem ferido, e seu olhar lustroso e inquiridor nos envolvia. Afirmando que ele parecia a ponto de nos fazer algumas perguntas numa língua inteligível, mas morreu sem emitir um som, sem mexer um membro, sem contrair um músculo. Só no último momento, como se reagisse a algum sinal que não víamos, a algum sussurro que não ouvíamos, ele franziu pesadamente a testa, e essa carranca atribuiu à sua negra máscara mortuária uma expressão inconcebivelmente sombria, preocupada e ameaçadora. O brilho do olhar inquiridor se apagou depressa num vazio vidrado. “Você sabe pilotar?”, perguntei ansioso ao agente. Ele pareceu muito hesitante, mas agarrei seu braço e ele entendeu de imediato que eu queria que ele pilotasse, soubesse ou não. Para dizer a verdade, eu estava morbidamente ansioso para trocar os sapatos e as meias. “Ele está morto”, murmurou o sujeito, muito impressionado. “Sem a menor dúvida”, respondi, puxando como louco os cadarços dos sapatos. “E a propósito, acho que o sr. Kurtz também deve estar morto a esta hora.”



— No momento, essa era a ideia dominante. Havia uma sensação de extremo desapontamento, como se eu tivesse descoberto que estava me empenhando por alguma coisa absolutamente sem substância. Não podia ficar mais desgostoso do que ter viajado tanto com o único propósito de conversar com o sr. Kurtz. Conversar com... Joguei na água um sapato e me dei conta de que era exatamente isso que eu esperava: uma conversa com Kurtz. Fiz a estranha descoberta de que nunca o imaginara em ação, sabem como é, mas em discurso. Eu não disse a mim mesmo: “Agora nunca mais vou ver o sr. Kurtz”, ou “nunca mais vou apertar a mão dele”, mas, sim, “agora nunca mais vou ouvir o sr. Kurtz”. O homem se apresentava como uma voz. Não que eu não o ligasse a algum tipo de atividade, claro. Pois não tinham me dito com todos os tons de inveja e admiração que ele havia recolhido, barganhado, contrabandeado ou roubado mais marfim que todos os outros agentes juntos? Não era essa a questão. A questão estava no fato de ele ser uma criatura dotada, e dentre todos os seus dotes o que se destacava com mais proeminência, que tinha em si uma sensação de presença real, era a sua capacidade de falar, suas palavras; o dom da expressão, o mais intrigante, mais iluminado, mais exaltado e mais desprezível, o pulsante jorro de luz, ou o enganoso fluxo do coração de trevas impenetráveis.

— O outro sapato voou para o deus-demônio daquele rio. Pensei: “Por Deus! Está tudo acabado. Demoramos demais, ele desapareceu... o dom desapareceu, por meio de alguma lança, flecha ou clava. Depois de tudo, nunca vou ouvir esse sujeito falar”, e meu lamento tinha uma surpreendente extravagância de emoção, como a que eu tinha notado nos gritos de tristeza daqueles selvagens no mato. De alguma forma, eu não sentiria maior desolação solitária do que se tivessem me roubado uma convicção ou se tivesse perdido meu destino na vida... Por que vocês suspiram desse jeito repulsivo? Hein? Absurdo? Bom, absurdo. Meu Deus! Um homem não pode nunca... Aqui, me dê aí um pouco de tabaco...

Houve uma pausa de profunda quietude, então um fósforo se acendeu, e o rosto magro de Marlow apareceu, cansado, encovado, com rugas profundas e pálpebras caídas, com um aspecto de atenção concentrada; e enquanto ele dava vigorosas baforadas no cachimbo, seu rosto parecia recuar e avançar dentro da noite, conforme a oscilação regular da miúda chama. O fósforo se apagou.

— Absurdo! — exclamou ele. — Isso é o pior de tentar contar... Você estão todos aqui, cada um ancorado em dois bons endereços, como um barco cargueiro com duas âncoras, um açougueiro numa esquina, um policial na outra, um apetite excelente e temperatura normal, estão ouvindo?, normal, ano após ano. E alguém diz “absurdo”? Pois o absurdo que se... dane! Absurdo! Meus caros

rapazes, o que vocês podem esperar de um homem que por simples nervosismo jogou na água um par de sapatos novos? Pensando bem agora, é incrível que eu não tenha chorado. Em vista das circunstâncias, estou bem orgulhoso da minha fortaleza. Mas me feriu profundamente a ideia de ter perdido o inestimável privilégio de ouvir o talentoso Kurtz. Claro que eu estava errado. O privilégio estava à minha espera. Ah, sim, ouvi mais que o suficiente. E eu tinha toda razão. Uma voz. Ele era muito pouco mais que uma voz. E eu ouvi... ele... ela... essa voz... outras vozes... todos eram tão pouco mais que vozes... e a lembrança desse tempo paira em torno de mim, impalpável, como uma vibração agonizante de um imenso falatório, bobo, atroz, sórdido, selvagem ou simplesmente mesquinho, sem nenhum sentido. Vozes, vozes... até a própria moça... agora...

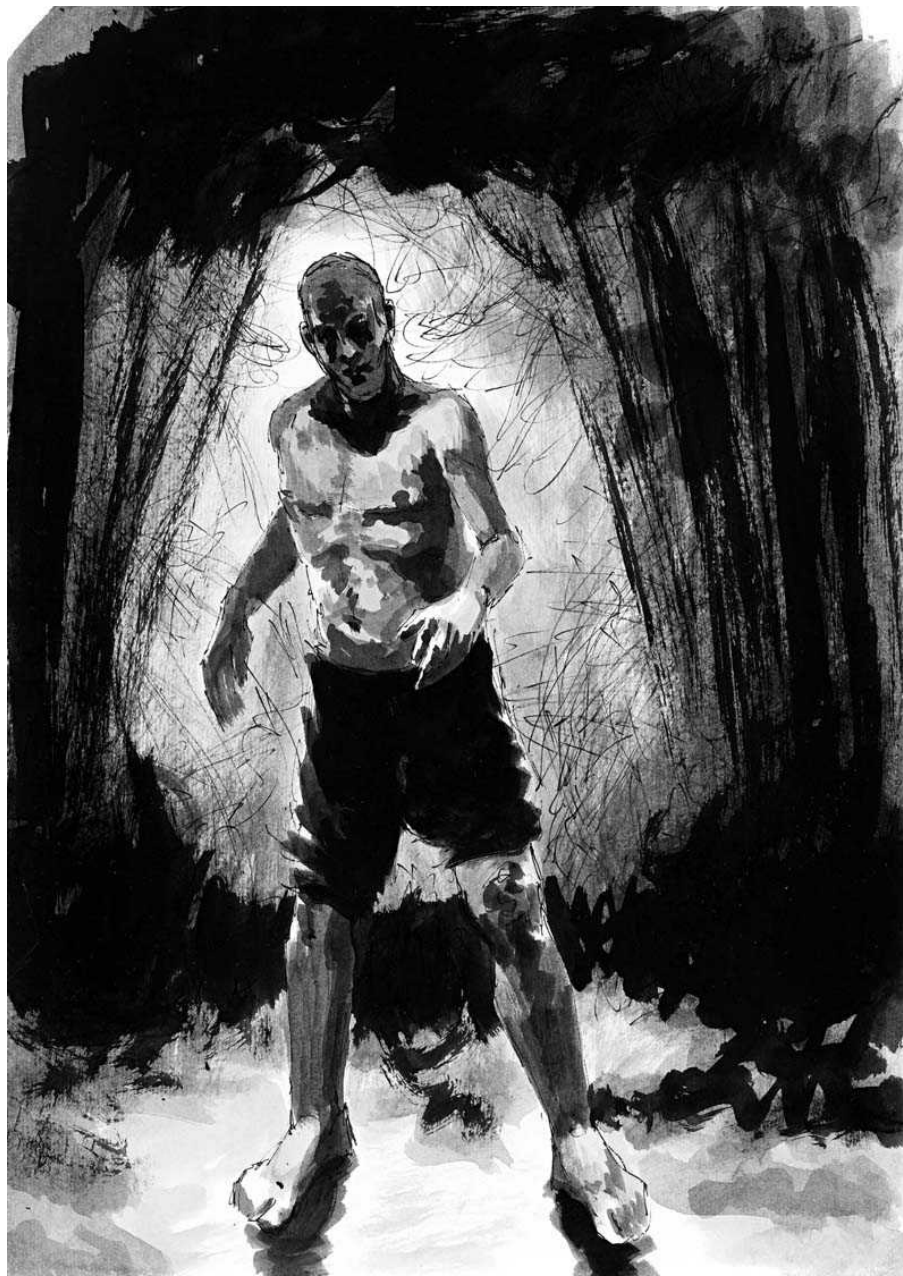
Ele ficou um longo tempo calado.

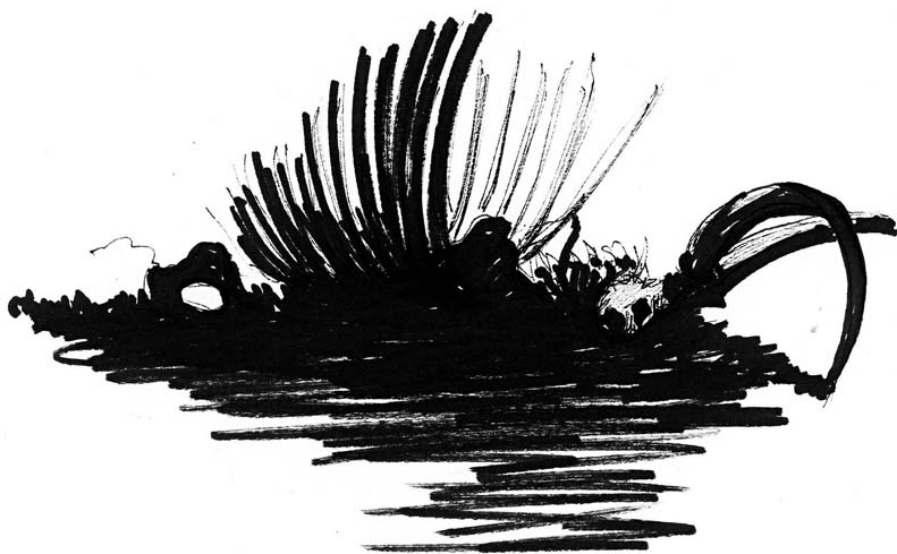
— Afinal, enterrei o fantasma dos seus dotes com uma mentira — começou a falar, de repente. — Moça! Como? Falei de uma moça? Ah, ela está fora disso... completamente. Elas... as mulheres, quero dizer... estão fora disso... deviam estar fora disso. Temos de ajudar as moças a ficar em seu lindo mundo próprio, para que o nosso não piore. Ah, ela precisava ficar de fora. Vocês tinham de ouvir o corpo desenterrado do sr. Kurtz dizendo: “Minha Prometida.” Vocês teriam entendido na mesma hora como ela estava completamente de fora. E o grandioso osso frontal do sr. Kurtz! Dizem que o cabelo continua crescendo às vezes, mas esse... hã... espécime era impressionantemente calvo. A selva tinha tocado sua cabeça, e, vejam só, ela era como uma bola, uma bola de marfim; a selva tinha acariciado esse homem, e ele... vejam!, tinha murchado; ela tinha arrebatado, amado, abraçado esse homem, penetrado em suas veias, consumido sua carne e selado sua alma para si com as inconcebíveis cerimônias de alguma iniciação diabólica. Ele era o favorito da selva, mimado e mal-acostumado. Marfim? Eu deveria ter pensado nisso. Montes de marfim, pilhas de marfim. A velha cabana de barro abarrotada de marfim. Dava para imaginar que não tinha sobrado uma única presa nem acima nem abaixo do solo de toda a região. “Quase tudo fóssil”, disse o gerente, desdenhoso. Não era mais fóssil do que eu, mas eles chamam o marfim de fóssil quando é desenterrado. Parece que aqueles negros enterravam mesmo as presas às vezes, mas evidentemente não conseguiram enterrar aquele volume tão fundo a ponto de salvar o talentoso sr. Kurtz do seu destino. Enchemos o vapor com o marfim e tivemos de empilhar uma porção no convés. Assim ele podia ver e apreciar enquanto pudesse enxergar, porque ele manteve até o fim a gratidão por esse favor. Vocês tinham de ouvir ele dizer “meu marfim”. Ah sim, eu ouvi. “Minha Prometida, meu marfim, minha estação, meu rio, meu...” Tudo era dele. Me fez prender a

respiração a expectativa de ouvir a mata explodir numa gargalhada prodigiosa capaz de sacudir as estrelas fixas em suas órbitas. Tudo pertencia a ele... mas isso era o de menos. O negócio era saber ao que ele pertencia, quantos poderes das trevas o reivindicavam. Era essa reflexão que apavorava. Era impossível, e não fazia nenhum bem, tentar imaginar. Ele tinha assumido um papel de destaque entre os diabos da terra, falo literalmente. Vocês não entendem. E como poderiam? Pisando em chão sólido, cercados de vizinhos gentis, prontos para te animar ou te aporrinhar, andando delicadamente entre o açougueiro e o policial, no sagrado terror do escândalo, da força, do hospício, como vocês podem imaginar a que regiões específicas das primeiras eras podem os pés desimpedidos levar um homem por meio da solidão, da solidão absoluta, sem a vigilância de um policial, por meio do silêncio, do silêncio absoluto, onde nenhuma voz de alerta de um vizinho bondoso pode ser ouvida sussurrando algo sobre a opinião pública? Essas pequenas coisas fazem toda a diferença. Quando elas desaparecem, você tem de retomar sua própria força inata, sua própria capacidade de ser fiel. Claro que você pode ser idiota a ponto de errar, tapado demais até para saber que está sendo atacado pela força das trevas. Pelo que entendo, nenhum idiota jamais vendeu a alma ao diabo; o idiota é idiota demais, ou o diabo é diabo demais, não sei qual dos dois. Ou você pode ser uma criatura tão trovejante e exaltada a ponto de ser totalmente surdo e cego para qualquer coisa que não sejam visões e sons celestiais. Nesse caso, a Terra para você é só um lugar para estar e não me atrevo a dizer aqui se isso é perda ou ganho. Mas a maioria de nós não é nem uma coisa, nem outra. A Terra, para todos nós, é um lugar para viver, onde temos de enfrentar visões, sons e até cheiros, por Deus!, o fedor de hipopótamo morto, digamos, e não se contaminar. E aí, entendam, entra a força de vocês, a fé na habilidade para cavar buracos minúsculos onde enterrar essas coisas, o poder de devoção, não a si mesmo, mas a um negócio obscuro e opressivo. E isso já é bem difícil. Vejam, não estou tentando desculpar, nem mesmo explicar; estou tentando esclarecer para mim mesmo o... o... sr. Kurtz... a sombra do sr. Kurtz. Esse espectro iniciado, surgido dos fundos de Lugar Nenhum, me honrou com sua incrível confiança antes de desaparecer por completo. Isso porque podia falar inglês comigo. O Kurtz original tinha sido parcialmente educado na Inglaterra e, como tinha a bondade de dizer ele mesmo, suas simpatias estavam no lugar certo. Sua mãe era meio inglesa, seu pai meio francês. A Europa inteira contribuiu para a criação de Kurtz; e vim a saber que, muito adequadamente, a Sociedade Internacional para a Supressão de Costumes Selvagens tinha confiado a ele a elaboração de um relatório, para uma orientação futura. E ele já tinha até escrito isso. Eu vi. Eu li. Era eloquente, vibrando de eloquência, mas muito

alvorçado, eu julguei. Ele tinha achado tempo para dezessete páginas de escrita miúda! Mas isso deve ter sido antes de os nervos dele... digamos... darem defeito, levando Kurtz a comparecer a certas danças da meia-noite que terminavam com ritos indescritíveis, que, como concluí, relutante, do que ouvi em vários momentos, eram dedicadas a ele, vocês entendem, ao próprio sr. Kurtz. Mas era uma bela obra de escritura. O parágrafo inicial, porém, à luz de informações posteriores, agora me parece de mau agouro. Ele começava com o argumento de que nós, os brancos, dado o ponto de desenvolvimento a que chegamos, “devemos necessariamente parecer para eles (os selvagens) seres sobrenaturais, abordando-os com a força de uma divindade”, e assim por diante. “Pelo simples exercício de nossa vontade, podemos exercer um poder de bem praticamente ilimitado” etc. etc. A partir daí ele alçava voo, e me levou com ele. A peroração era magnífica, embora difícil de lembrar, sabem? Me deu a noção de uma exótica Imensidão governada por uma augusta Benevolência. Me fez vibrar de entusiasmo. Era esse o poder sem limites da eloquência, das palavras, das palavras nobres e ardentes. Não havia indícios de ordem prática para interromper a corrente mágica das frases, a menos que uma espécie de nota ao pé da última página, rabiscada evidentemente muito depois, com mão trêmula, possa ser considerada como a exposição de um método. Era muito simples e, ao final daquele comovente apelo a todo sentimento altruísta, ficava gravada em você, luminosa e aterrorizante, como o brilho de um raio num céu sereno: “Exterminar todos os brutos!” A parte curiosa é que ele parecia ter esquecido totalmente aquele valioso pós-escrito, porque, mais tarde, quando de certa forma voltou a si, insistia que eu cuidasse bem do “meu panfleto” (como chamava), uma vez que certamente teria no futuro uma boa influência sobre sua carreira. Eu tinha total informação sobre todas essas coisas e, além disso, no final, viria a ser encarregado de cuidar de sua memória. Já fiz o bastante por ela a ponto de ter o direito indiscutível de, se eu quiser, deixar que descanse para sempre na lata de lixo do progresso, no meio de toda a sujeira e, figurativamente falando, de todos os gatos mortos da civilização. No entanto, como sabem, não tenho escolha. Ele não será esquecido. Fosse o que fosse, ele não era um homem comum. Tinha a capacidade de seduzir ou assustar almas rudimentares para que fizessem uma exacerbada dança ritual em sua honra; ele conseguia também encher as pequenas almas dos peregrinos com amargos receios: tinha ao menos um amigo devotado e havia conquistado uma alma no mundo que não era nem rudimentar, nem manchada pelo egoísmo. Não; não consigo esquecê-lo, mesmo não estando preparado para afirmar que o sujeito fosse exatamente digno da vida que perdemos ao chegar até ele. Eu sentia uma falta terrível do meu finado

timoneiro, sentia sua falta mesmo quando seu corpo ainda jazia na casa do leme. Talvez vocês achem mais que estranho lamentar assim por um selvagem que não era mais importante do que um grão de areia num Saara negro. Mas bom, vejam vocês, ele fazia uma coisa, ele pilotava; durante meses estava atrás de mim, uma ajuda, um instrumento. Era uma espécie de parceria. Ele manjava o leme; eu tinha de cuidar dele, me preocupava com suas deficiências, e assim se criou um elo sutil do qual só tomei consciência quando se rompeu de repente. E a profundidade íntima daquele olhar que me lançou quando foi ferido permanece até hoje na minha memória, como a reivindicação de um parentesco distante afirmado num momento supremo.







— Pobre idiota! Se ao menos tivesse deixado aquela persiana quieta. Ele não tinha nenhuma moderação, nenhuma moderação, igual a Kurtz, uma árvore agitada pelo vento. Assim que calcei um par de chinelos secos, puxei o homem para fora depois de arrancar a lança de seu torso, operação que, confesso, realizei com os olhos bem fechados. Seus calcanhares saltaram juntos pela soleira da porta; seus ombros estavam pressionados contra meu peito; o abracei por trás, desesperadamente. Ah!, ele era pesado, muito pesado; mais pesado que qualquer homem na Terra, imagino. Depois, sem mais demora, joguei seu corpo na água. Foi arrebatado pela correnteza como se fosse uma folha de relva, e vi seu corpo rolar duas vezes antes de perdê-lo de vista para sempre. Todos os peregrinos e o gerente estavam então reunidos no deque aberto junto à casa do leme, conversando como um bando de gralhas excitadas, e havia um murmúrio escandalizado sobre a minha prontidão desalmada. Não consigo entender por que eles pretendiam conservar o corpo ali. Para embalsamá-lo, talvez. Mas eu ouvi também outro murmúrio, e muito soturno, no deque inferior. Meus amigos lenhadores estavam igualmente escandalizados, e com a maior razão, embora eu admita que a razão em si era bastante inadmissível. Ah, sim! Eu tinha decidido que, se meu falecido timoneiro ia ser comido, seria apenas pelos peixes. Ele tinha sido um timoneiro de segunda classe muito bom em vida, mas agora que estava morto podia se transformar numa tentação de primeira classe e possível causa de alguma grande confusão. Além disso, eu estava ansioso para assumir o leme, já que o homem de pijama cor-de-rosa se mostrava um pateta inútil no assunto.



— Foi o que fiz imediatamente terminado o funeral singelo. Seguíamos a meia velocidade, mantendo o barco bem no meio do rio, e eu ouvia a conversa a meu respeito. Eles tinham desistido de Kurtz, tinham desistido da estação; Kurtz estava morto, a estação tinha sido queimada, e assim por diante. O peregrino ruivo estava fora de si com a ideia de que ao menos o pobre Kurtz tinha sido devidamente vingado. “Diga lá! Nós devemos ter feito uma matança gloriosa no mato. Hein? O que acha? Diga.” Ele dançava decididamente, o sanguinário ruivinho pedinte. Ele tinha quase desmaiado quando viu o homem ferido! Eu não pude deixar de responder: “De qualquer modo, vocês fizeram uma fumaceira gloriosa.” Eu tinha visto, pelo jeito como os arbustos farfalhavam e se mexiam, que quase todos os tiros tinham sido altos demais. Não dá para acertar nada a menos que se faça pontaria e se atire com a arma ao ombro; mas aqueles sujeitos apoiavam os rifles no quadril e atiravam com os olhos fechados. A retirada, insisti, e tinha razão, tinha sido por causa do guincho do apito de vapor. Com isso eles esqueceram Kurtz e começaram a uivar contra mim com protestos indignados.



— O gerente parou ao lado do leme, murmurando confidencialmente que era necessário ir bem adiante rio abaixo de qualquer maneira antes do anoitecer, quando vi ao longe uma clareira na margem e os contornos de algum tipo de construção. “O que é isso?”, perguntei. Ele bateu palmas, deslumbrado. “A estação!”, exclamou. Eu me aproximei imediatamente, ainda a meia velocidade.

— Com o binóculo vi a encosta de um morro entremeado com raras árvores e perfeitamente livre de qualquer mato. Uma construção comprida e decadente no topo da encosta estava meio enterrada na grama alta; os grandes buracos no telhado pontiagudo se escancaravam negros de longe; a selva e a mata constituíam o fundo. Não havia paliçada nem cerca de nenhum tipo; mas parecia ter havido, sim, porque perto da casa restava meia dúzia de estacas finas enfileiradas, grosseiramente aparadas e com as pontas superiores ornadas com bolas esculpidas. O parapeito, ou o que quer que tivesse

existido entre elas, tinha desaparecido. Claro que a floresta cercava aquilo tudo. A margem do rio estava livre, e junto à água vi um homem branco usando um chapéu que parecia uma roda de carroça, acenando insistentemente com o braço estendido. Ao examinar a borda da floresta para cima e para baixo, eu tinha quase certeza de ter visto movimentos: formas humanas deslizando aqui e ali. Segui adiante, de maneira prudente, depois desliguei os motores e deixei que o barco flutuasse. O homem na margem começou a gritar, insistindo para atracarmos. “Fomos atacados”, gritou o gerente. “Eu sei, eu sei. Tudo bem”, berrou de volta o outro, tão alegre quanto se pode esperar. “Venham. Está tudo bem. Que alegria.”



— O aspecto dele lembrava algo que eu tinha visto, alguma coisa engraçada que eu tinha visto em algum lugar. Enquanto manobrava para encostar, eu me perguntava: “O que esse sujeito parece?”. De repente, entendi. Ele parecia um arlequim. Sua roupa era feita de algum tecido que era provavelmente linho marrom, mas estava toda coberta de remendos, remendos coloridos, azuis, vermelhos e amarelos, remendos nas costas, remendos na frente, remendos nos cotovelos, nos joelhos; debruns coloridos em torno do paletó, bainhas escarlates na barra da calça; e a luz do sol fazia com que ele parecesse extremamente alegre e maravilhosamente arrumado em tudo, porque dava para ver como todos os remendos tinham sido bem-feitos. Um rosto infantil, sem barba, muito claro, sem traços marcantes, nariz descascando, olhos azuis pequenos, sorrisos e carrancas se alternando naquele semblante aberto, como sol e sombra numa planície agitada pelo vento. “Cuidado, capitão!”, gritou ele, “um tronco ficou preso ali ontem de noite.” O quê? Mais um tronco submerso? Confesso que soltei uma série de palavrões, vergonhosamente. Quase furei o meu barco defeituoso para encerrar aquela viagem encantadora. O arlequim na margem virou o narizinho arrebitado para mim. “Cê é inglês?”, perguntou, todo sorridente. “Você é?”, gritei do leme. Os sorrisos desapareceram, e ele sacudiu a cabeça como se lamentasse minha decepção. Então se reanimou. “Não importa!”, exclamou, animado. “Chegamos a tempo?”, perguntei. “Ele está lá em cima”, respondeu, com um gesto de cabeça para o alto do morro, e ficou triste de repente. Seu rosto parecia um céu de outono, encoberto num momento, claro no outro.

— Quando o gerente, escoltado pelos peregrinos, todos armados até os dentes, seguiu em direção à casa, aquele sujeito subiu a bordo. “Olha, não estou gostando disso. Esses nativos no mato”, eu disse. Ele me garantiu, muito sério, que estava tudo bem. “Eles são gente simples”, acrescentou; “bom, estou feliz que tenha vindo. Levei muito tempo para fazer com que eles ficassem longe.” “Mas você disse que estava tudo bem”, exclamei. “Ah, eles não têm más intenções”, respondeu ele, e, quando o encarei, se corrigiu: “Não exatamente.” Depois, com vivacidade: “Nossa, sua casa do leme precisa de uma limpeza!” Logo em seguida, ele me aconselhou a manter a caldeira com vapor suficiente para tocar o apito no caso de algum problema. “Um bom guincho do seu apito vai ser melhor para o senhor do que todos os seus rifles. São gente simples”, repetiu. Ele tagarelava com tamanha velocidade que me deixou tonto. Parecia que estava tentando compensar muitos silêncios, e de fato insinuou, rindo, que esse era o caso. “Você não conversa com o sr. Kurtz?”, perguntei. “Com esse homem não se fala, se escuta!”, exclamou ele com severa exaltação. “Mas agora...” Mexeu o braço e num piscar de olhos estava na mais

absoluta profundidade de desânimo. Em um momento se recobrou com um salto, tomou posse de minhas duas mãos que sacudia continuamente enquanto tagarelava: “Irmão marinheiro... honra... prazer... satisfação... me apresento... russo... filho de arcebispo... governo de Tambov... O quê? Tabaco! Tabaco inglês; o excelente tabaco inglês! Ora, isso é que é amizade. Fumar? Onde já se viu um marinheiro que não fuma?”

— O cachimbo o acalmou, e pouco a pouco fiquei sabendo que ele havia fugido da escola, se fez no mar num navio russo; fugiu de novo; serviu algum tempo em navios ingleses; e se reconciliou com o arcebispo. Insistiu nisso. “Mas quando a gente é jovem precisa ver coisas, ganhar experiência, ideias, expandir a mente.” “Aqui!”, interrompi. “Nunca se sabe! Aqui conheci o sr. Kurtz”, disse ele, com uma solenidade juvenil e reprovadora. Depois disso, calei a boca. Parece que ele tinha convencido uma casa de comércio holandesa da costa a equipá-lo com estoques e suprimentos, e partira para o interior de alma leve, sem mais ideia do que um bebê quanto ao que poderia lhe ocorrer. Tinha vagado por aquele rio durante quase dois anos, sozinho, isolado de tudo e todos. “Não sou tão jovem quanto pareço. Tenho vinte e cinco anos”, disse. “No começo, o velho Van Shuyten me mandava para o inferno”, contou, se divertindo, “mas eu grudei nele, falei e falei, falei mais que papagaio na areia quente, falei tanto que, finalmente, vencido pelo cansaço, ele me deu umas coisas baratas e umas armas, e disse que esperava nunca mais ver a minha cara de novo. O bom e velho holandês, Van Shuyten. Um ano atrás, mandei para ele um lote pequeno de marfim para ele não poder me chamar de ladrãozinho quando eu voltar. Espero que tenha recebido. E quanto ao resto, não me interessa. Empilhei um pouco de lenha para o senhor. Aquela era a minha casa velha. Viu?”

— Dei para ele o livro de Towson. Ele fez menção de me beijar, mas se controlou. “O único livro que tinha me sobrado e achei que tinha perdido”, disse ele, olhando o livro em êxtase. “Acontecem tantos acidentes com um homem que viaja sozinho, sabe. Canoas viram de vez em quando e às vezes você tem de ir embora muito depressa quando as pessoas ficam bravas.” Ele folheou as páginas. “Você fez anotações em russo?” perguntei. Ele fez que sim com a cabeça. “Achei que estavam escritas em código”, observei. Ele riu, depois ficou sério. “Tive muito trabalho para manter essa gente longe”, respondeu ele. “Eles queriam te matar?”, perguntei. “Ah, não!”, exclamou ele, e calou-se. “Por que eles nos atacaram?”, insisti. Ele hesitou e disse, envergonhado: “Não querem que ele vá embora.” “Não querem?”, perguntei, curioso. Ele acenou com a cabeça, um gesto cheio de mistério e sabedoria. “Vou lhe dizer”, exclamou, “esse homem abriu a minha cabeça.” E espaçou bem os braços, fixando em

mim os olhinhos azuis perfeitamente redondos.

III

— Olhei para ele, perdido em assombro. Ali, na minha frente, com sua roupa colorida, como se tivesse fugido de uma trupe de mímicos, entusiasmado, fabuloso. Sua própria existência era improvável, inexplicável e absolutamente intrigante. Ele era um problema insolúvel. Era inconcebível que ele existisse, como tinha conseguido chegar tão longe, como tinha conseguido permanecer, por que não tinha desaparecido instantaneamente. “Fui um pouco mais longe”, contou, “depois mais longe ainda, até estar tão longe que nem sei mais como voltar. Não importa. Tem muito tempo. Eu me viro. Você leva Kurtz embora bem depressa, depressa, estou dizendo.” O encanto da juventude envolvia seus trapos coloridos, sua penúria, sua solidão, a desolação essencial de seu inútil vagar. Durante meses, anos, sua vida não valia um centavo; mas ali estava ele, galante e impensadamente vivo, sob todos os aspectos, indestrutível, em virtude apenas dos poucos anos de vida e de sua audácia irrefletida. Eu me vi seduzido por algo parecido com admiração, inveja. O fascínio o impulsionava, o fascínio o mantinha incólume. Com toda certeza, ele não queria nada da mata além de espaço para respirar e seguir em frente. Sua necessidade era existir e prosseguir com o maior risco possível e o máximo de privação. Se algum dia o espírito de aventura absolutamente puro, imprevidente, nada prático, governou algum ser humano, esse ser humano foi aquele jovem remendado. Eu quase sentia inveja por ele possuir aquela chama modesta e clara. Parecia ter consumido tão completamente toda ideia de si que, mesmo enquanto falava, você esquecia que era ele, o homem diante de seus olhos, que havia passado por todas aquelas coisas. No entanto, eu não tinha inveja dele pela devoção a Kurtz. Ele não tinha meditado a respeito. Era algo que lhe aconteceu e ele aceitou, com uma espécie de fatalismo impaciente. Devo dizer que a mim pareceu a coisa mais perigosa que ele tinha enfrentado até então, sob todos os aspectos.

— O encontro deles tinha sido inevitável, como dois navios em calmaria, um ao lado do outro, começam a roçar as laterais. Suponho que Kurtz quisesse uma plateia, porque em certa ocasião, quando acampado na floresta, tinham falado a noite inteira, ou mais

provavelmente Kurtz tinha falado. “Falamos de tudo”, contou ele, bem emocionado diante da lembrança. “Esqueci que existia uma coisa chamada sono. A noite pareceu durar menos de uma hora. De tudo! Tudo!... De amor também.” “Ah, ele te falou de amor?”, perguntei, me divertindo. “Não é o que o senhor está pensando”, exclamou ele, quase apaixonadamente. “Era no geral. Ele me fez ver coisas... coisas.”

— Ele ergueu os braços. Estávamos no convés àquela hora, e o chefe dos meus lenhadores, parado ali perto, voltou para ele os olhos pesados e cintilantes. Observei em torno e não sei por quê, mas garanto a vocês que nunca, nunca antes, esta terra, este rio, esta selva, o próprio arco deste céu ardente, me pareceram tão agourentos e sombrios, tão impenetráveis ao pensamento humano, tão impiedosos à fraqueza humana. “E desde então você está com ele, certo?”, perguntei.

— Ao contrário. Aparentemente a relação deles foi muitas vezes interrompida por várias causas. Ele me informou, orgulhoso, que tinha conseguido cuidar de Kurtz durante duas doenças (ele mencionou isso como se menciona alguma proeza arriscada), mas, de modo geral, Kurtz mergulhava sozinho, longe, nas profundezas da floresta. “Muitas vezes, quando chegava nesta estação, eu tinha de esperar dias e dias até ele aparecer”, disse o rapaz. “Ah, e valia a pena esperar!... Às vezes.” “Mas o que ele estava fazendo? Explorando ou o quê?”, perguntei. “Ah, sim, claro.” Ele havia descoberto uma porção de aldeias e um lago também, ele não sabia exatamente em qual direção; era perigoso perguntar demais, no entanto suas expedições eram sobretudo em busca de marfim. “Mas ele não tinha suprimentos para trocar nessa época”, protestei. “Sobrou uma boa quantidade de cartuchos até agora”, respondeu ele, desviando os olhos. “Para falar a verdade, ele assaltou esta terra”, disse eu. Ele assentiu com a cabeça. “Não sozinho, claro!” Resmungou alguma coisa sobre as aldeias em torno daquele lago. “Kurtz fez a tribo ir com ele, foi isso?”, sugeri. Ele se agitou um pouco. “Adoravam ele”, respondeu. O tom dessas palavras foi tão extraordinário que lhe lancei um olhar penetrante de volta. Eu estava curioso, queria ver sua mistura de empenho e relutância ao falar de Kurtz. O homem preencheu sua vida, ocupou seus pensamentos, abalou suas emoções. “O que o senhor quer?”, ele explodiu. “O sr. Kurtz ia para cima deles como raios e trovões, sabe... e eles nunca tinham visto nada parecido... e muito terrível. Ele era capaz de ser muito terrível. Não se pode julgá-lo como se julga um homem comum. Não, não, não! Agora, para o senhor ter uma ideia, não me importo em contar, ele queria me dar um tiro, é, sim, um dia... mas eu não o condeno.” “Um tiro em você?”, exclamei, “Por quê?” “Então, eu tinha um lote pequeno de marfim que o chefe daquela aldeia perto da minha casa tinha me dado. Sabe, eu caçava a

tiros para eles. Bem, ele queria o marfim e não aceitava nenhum argumento. Falou que ia me dar um tiro se eu não desse o marfim para ele e depois fosse embora, porque ele podia fazer isso, e tinha vontade de fazer isso, e não havia nada no mundo que o impedisse de matar quem bem quisesse. E era verdade mesmo. Eu lhe entreguei o marfim. Que me importa! Mas não fui embora. Não, não. Não podia deixá-lo. Tinha de tomar cuidado, claro, durante algum tempo, até ficarmos amigos de novo. E então ele teve a segunda doença. Depois disso, tive de ficar longe; mas não liguei. Ele passava a maior parte do tempo nas aldeias do lago. Quando vinha até o rio, às vezes vinha me encontrar e às vezes era melhor eu tomar cuidado. Esse homem sofreu demais. Ele detestava isso tudo, mas de algum jeito não conseguia ir embora. Quando tive uma chance, implorei para que tentasse ir embora enquanto havia tempo; me ofereci para voltar com ele. Ele concordava, mas depois continuava aqui; partia em outra caça ao marfim; desaparecia durante semanas; se perdia no meio dessa gente, se perdia de si mesmo, sabe.” “Ora! Ele ficou louco”, eu disse. Ele protestou, indignado. O sr. Kurtz não era louco. Se, apenas dois dias antes, eu ouvisse como falava, não ousaria nem insinuar uma coisa dessas... Eu tinha pegado meu binóculo enquanto falávamos e estava olhando a margem, varrendo o limite da floresta de cada lado e os fundos da casa. A consciência de que havia gente naquele mato, tão silenciosa, tão parada... tão silenciosa e parada quanto a casa em ruínas no morro, me deixava inquieto. Na face da natureza, não havia sinal dessa história incrível que me era menos narrada do que sugerida com exclamações desoladas, completadas com dar de ombros, frases interrompidas, insinuações que terminavam com suspiros profundos. A selva não se comovia, tal uma máscara pesada como a porta fechada de uma prisão, e nos olhava com seu ar de conhecimento oculto, de expectativa paciente, de silêncio inacessível. O russo estava me explicando que só muito recentemente o sr. Kurtz descera até o rio, levando com ele todos os guerreiros daquela tribo do lago. Tinha se ausentado durante vários meses, fazendo-se adorar, creio eu, e descera de surpresa, com a intenção, ao que tudo indicava, de coordenar um ataque do outro lado do rio ou rio abaixo. Evidentemente o apetite por mais marfim tinha levado a melhor sobre... como dizer?... aspirações menos materiais. Mas de repente ele piorou bastante. “Soube que ele estava deitado, desamparado, e então vim, arrisquei”, contou o russo. “Ah, ele está mal, muito mal.” Voltei o binóculo para a casa. Não havia sinal de vida, mas o teto da casa arruinado, o longo muro de barro espiando acima do mato, com três janelinhas quadradas, nenhuma do mesmo tamanho da outra; tudo posto ao alcance da minha mão, por assim dizer. Então fiz um movimento brusco, e uma das estacas daquela cerca desaparecida

saltou no campo de meu binóculo. Vocês se lembram que contei ter ficado surpreso a distância com certas tentativas de ornamentação, bastante notáveis, no aspecto arruinado do lugar. Agora, porém, eu tinha uma visão mais próxima, e o primeiro resultado disso foi jogar minha cabeça para trás como se tivesse levado um soco. Então fui cuidadosamente de estaca a estaca com o binóculo e percebi o meu erro. Aqueles acabamentos redondos não eram ornamentais, mas simbólicos; eram expressivos e intrigantes, incríveis e perturbadores; alimentavam ideias e também abutres, se houvesse algum no céu, olhando para baixo; de qualquer modo, alimentavam as formigas que fossem competentes o bastante para subir as estacas. Elas seriam ainda mais impressionantes, aquelas cabeças nas estacas, se os rostos não estivessem voltados para a casa. Só uma, a primeira que vi, olhava na minha direção. Não fiquei tão chocado quanto vocês podem imaginar. O recuo que dei não era realmente nada além de um movimento de surpresa. Eu esperava ver um acabamento de madeira ali, entendem? Voltei deliberadamente para a primeira que tinha visto, e lá estava, negra, seca, encovada, de olhos fechados; uma cabeça que parecia dormir no alto daquele poste, e com os lábios secos retraídos, mostrando uma estreita linha branca de dentes, sorria, sorria, sim, continuamente para algum sonho jocoso e interminável naquele sono eterno.

— Não estou revelando nenhum segredo comercial. Na verdade, o gerente disse depois que os métodos do sr. Kurtz tinham arruinado o distrito. Não tenho opinião a respeito, mas quero que vocês entendam com toda clareza que não havia nada exatamente vantajoso naquelas cabeças ali. Elas demonstravam apenas que o sr. Kurtz não se continha na gratificação de suas várias paixões, que havia alguma coisa errada com ele, alguma pequena questão que, quando surgia, não se limitava até mesmo em sua magnífica eloquência. Não sei dizer se ele próprio sabia dessa questão. Acho que o conhecimento dela acabou lhe vindo no final, mas só muito no final. A mata o tinha encontrado logo e assumira nele uma terrível vingança pela invasão fantástica. Acho que devia ter lhe sussurrado coisas que ele não sabia a respeito de si próprio, coisas que concebia até se aconselhar com aquela grande solidão, e o sussurro tinha se mostrado irresistivelmente fascinante. Ecoava forte dentro dele, porque ele era oco até o mais fundo... Baixei o binóculo, e a cabeça que antes parecia tão próxima, a ponto de conversar com ela, repentinamente deu a impressão de saltar para longe de mim a uma distância inacessível.



— O admirador do sr. Kurtz estava um pouco cabisbaixo. Com voz apressada e indistinta, começou a me garantir que não tinha ousado tirar esses... digamos, símbolos... do lugar. Ele não tinha medo dos nativos; eles não se mexeriam enquanto o sr. Kurtz não desse a ordem. Sua ascendência era excepcional. O acampamento dessa gente cercava o local, e os chefes iam vê-lo todos os dias. Eles rastejavam... “Não quero saber nada das cerimônias usadas para se aproximar do sr. Kurtz”, gritei. É curioso o sentimento que me dominou de que esses detalhes seriam mais intoleráveis do que aquelas cabeças secando nas estacas diante das janelas do sr. Kurtz. Afinal de contas, aquilo era apenas uma visão selvagem, enquanto me parecia ser transportado para alguma região sem luz de horrores sutis, onde a selvageria pura e sem complicações era um verdadeiro alívio, algo que tinha um direito de existir, evidentemente, ao sol. O rapaz me olhou surpreso. Acho que não lhe ocorreu que o sr. Kurtz não era um ídolo para mim. Ele esqueceu que eu não tinha ouvido nenhum daqueles esplêndidos monólogos sobre... o que mesmo?... amor, justiça, conduta de vida e sei lá mais o quê. Se a questão era rastejar diante do sr. Kurtz, ele rastejava tanto quanto o mais verdadeiro daqueles selvagens. Ele disse que eu não fazia ideia das condições: aquelas eram cabeças de rebeldes. E ficou muito chocado quando eu ri. Rebeldes! Qual seria a próxima definição que eu ia ouvir? Houvera inimigos, criminosos, trabalhadores, e aqueles eram rebeldes. Aquelas cabeças rebeldes me pareciam muito submissas em suas estacas. “O senhor não sabe como uma vida dessas pode testar um homem como Kurtz”, exclamou seu último discípulo. “Bom, e você?”, perguntei. “Eu! Eu! Sou um homem simples. Não tenho grandes ideias. Não quero nada de ninguém. Como pode me comparar com...?” Sua fala foi dominada pelos sentimentos e, de repente, sucumbiu. “Eu não entendo”, resmungou ele. “Venho fazendo o melhor para mantê-lo vivo, e isso basta. Não tenho nada a ver com isso. Não tenho habilidades. Há meses não existe uma gota de remédio nem um punhado de comida para doentes aqui. Ele estava vergonhosamente abandonado. Um homem desses, com essas ideias. É uma vergonha! Uma vergonha! Eu... eu... não dormi as últimas dez noites...”

— Sua voz se perdeu na calma do anoitecer. As sombras longas da floresta tinham deslizado morro abaixo enquanto conversávamos, indo muito além da cabana arruinada, além da simbólica fileira de estacas. Tudo isso estava em penumbra enquanto nós, lá embaixo, ainda estávamos ao sol, e o trecho de rio à frente da clareira cintilava em esplendor calmo e fascinante, com uma curva escura e sombreada acima e abaixo. Não se via vivalma na margem. Os arbustos não se mexiam.

— De repente, um grupo de homens apareceu no canto da casa,

como se tivesse brotado do chão. Vadeavam, mergulhados até a cintura no mato, num grupo compacto, levando uma maca improvisada entre eles. Instantaneamente, no vazio da paisagem, subiu um grito agudo que penetrou no ar como uma flecha afiada, seguindo diretamente para o próprio coração da Terra. E, como por encanto, rios de seres humanos, de seres humanos nus, com lanças nas mãos, com arcos, escudos, olhares loucos e movimentos selvagens, foram despejados na clareira pela floresta de face escura e pensativa. Os arbustos sacudiram, o mato ondulou por algum tempo, então tudo ficou quieto em atenta imobilidade.

— “Agora, se ele não falar a coisa certa para eles, estamos acabados”, disse o russo a meu lado. O aglomerado de homens com a maca tinha parado a meio caminho do vapor, como se petrificados. Vi o homem da maca sentar-se, fraco e com o braço erguido acima dos ombros dos carregadores. “Vamos esperar que o homem que fala tão bem do amor em geral encontre alguma razão especial para nos poupar dessa vez”, eu disse. Lamentava amargamente o perigo absurdo da nossa situação, como se estar à mercê daquele fantasma atroz fosse uma necessidade desonrosa. Eu não ouvia nem um som, mas através do binóculo via o braço fino estendido em comando, o maxilar inferior se movimentando, os olhos daquela aparição brilhando escuros naquela cabeça ossuda que sacudia com movimentos grotescos. Kurtz... Kurtz... quer dizer curto em alemão, não é? Bom, o nome era tão verdadeiro quanto tudo o mais em sua vida, e morte. Ele parecia ter mais de dois metros de altura. A coberta tinha caído, e seu corpo emergiu de dentro dela, lamentável, horrendo, como de uma mortalha. Vi a caixa de suas costelas toda agitada, os ossos de seu braço acenando. Era como se uma imagem animada da morte, esculpida em marfim antigo, estivesse sacudindo a mão com ameaças a uma multidão imóvel de homens feitos de bronze escuro e lustroso. Vi quando abriu muito a boca, o que lhe deu um aspecto estranhamente voraz, como se quisesse engolir todo o ar, toda a terra, todos os homens diante de si. Uma voz profunda chegou tenuemente até mim. Ele devia estar gritando. De repente, caiu para trás. A maca sacudiu quando os carregadores oscilaram para a frente outra vez, e quase ao mesmo tempo notei que a multidão de selvagens estava desaparecendo sem qualquer movimento perceptível de retirada, como se a floresta que tinha ejetado esses seres tão de repente os tragasse de volta para dentro, como o ar é puxado numa longa aspiração.



— Alguns dos peregrinos atrás da maca levavam suas armas: duas espingardas, um rifle pesado e uma carabina leve, os raios daquele Júpiter lamentável. O gerente curvou-se sobre ele, murmurando enquanto caminhava ao lado de sua cabeça. Eles o deitaram em uma das pequenas cabines, com espaço apenas para uma cama e um ou dois banquinhos de campanha, sabem. Tínhamos trazido sua correspondência atrasada, e uma porção de envelopes rasgados e cartas abertas cobriam sua cama. Sua mão deslizou, fraca, por esses papéis. Me impressionaram o fogo em seus olhos e a languidez serena de sua expressão. Não era tanto a exaustão da doença. Ele não parecia sentir dor. Essa sombra parecia satisfeita e calma, como se, por ora, estivesse saciado de todas as emoções.

— Ele mexeu em uma das cartas, olhou diretamente para meu rosto e disse: “Que bom.” Alguém tinha escrito para ele a meu respeito. Essas recomendações especiais estavam aparecendo de novo. O volume de voz que ele emitia sem esforço, quase sem se dar ao trabalho de mexer os lábios, me surpreendeu. Uma voz! Uma voz! Era grave, profunda, vibrante, enquanto o homem não parecia capaz nem de um sussurro. Mas ele tinha força suficiente, sem dúvida fictícia, para praticamente acabar conosco, como vocês vão ver agora.

— O gerente apareceu na porta, calado; eu saí de imediato, e ele fechou a cortina quando passei. O russo, examinado com curiosidade

pelos peregrinos, olhava para a margem. Segui a direção de seu olhar.

— Era possível ver formas humanas escuras a distância, movimentando-se indistintamente contra a fronteira sombria da floresta, e, perto do rio, duas figuras de bronze, apoiadas em altas lanças, paradas ao sol com fantásticos adornos de pele malhada na cabeça, com aparência beligerante e mesmo assim em repouso como estátuas. E da direita para a esquerda da margem iluminada, avançava uma aparição selvagem e deslumbrante de mulher.



— Caminhava a passos medidos, vestida com panos listrados e franjados, pisava a terra, orgulhosa, com um ligeiro tilintar e brilho de ornamentos bárbaros. Cabeça erguida, o cabelo penteado em forma de capacete, tinha perneiras de latão até os joelhos, pulseiras de fio de latão até o cotovelo, uma mancha roxa na face bronzeada, inúmeros colares de contas de vidro no pescoço, coisas bizarras, talismãs, presentes de feiticeiros que, pendurados nela, cintilavam e tremiam a cada passo. Ela devia ter sobre o corpo o valor de várias presas de elefante. Era selvagem e soberba, magnífica e tinha os olhos

arregalados, havia algo ameaçador e imponente em seu avanço deliberado. E, no silêncio que caiu de repente sobre toda a terra triste, a mata imensa, o colossal corpo da vida fecunda e misteriosa parecia olhar para ela, pensativo, como se estivesse olhando para a imagem de sua própria alma tenebrosa e apaixonada.

— Ela se emparelhou com o vapor, parou e olhou para nós. Sua sombra alongada se estendia à beira d'água. O rosto tinha o aspecto trágico e feroz de tristeza louca e dor surda misturadas ao medo de alguma determinação difícil e ainda em resolução. Ela ficou olhando para nós sem se mexer e, como a própria mata, tinha um ar de quem medita sobre um propósito inescrutável. Passou-se todo um minuto, e então ela deu um passo à frente. Houve um tilintar baixo, um brilho de metal amarelo, um oscilar de panos franjados, e ela parou como se o seu coração tivesse falhado. O jovem a meu lado resmungou. Os peregrinos murmuraram às minhas costas. Ela olhou para todos nós como se sua vida dependesse da firmeza inabalável de seu olhar. De repente, abriu os braços nus e lançou-os, rígidos, acima da cabeça, como se num desejo incontrolável de tocar o céu, e, ao mesmo tempo, as sombras rápidas lançaram-se sobre a terra, alastrando-se sobre o rio, envolvendo o vapor num abraço escuro. Pairava sobre a cena um silêncio impressionante.

— Ela se virou devagar, seguiu em frente, seguiu a margem e entrou nos arbustos à esquerda. Por um momento, somente os olhos dela brilharam para nós no escuro do mato, antes que desaparecesse.

— “Se ela tivesse se oferecido para subir a bordo, acho que eu realmente teria tentado lhe dar um tiro”, disse o homem dos remedos, nervoso. “Há quinze dias arrisco a minha vida para ela não chegar perto da casa. Ela entrou um dia e armou uma confusão por causa dos trapos miseráveis que peguei do depósito para remendar minha roupa. Eu não estava decente. Pelo menos, deve ter sido isso, porque ela falou com Kurtz furiosa durante uma hora, apontando para mim de vez em quando. Não entendo o dialeto da tribo dela. Por sorte, acho que naquele dia Kurtz estava doente demais para se importar, senão poderia ter acontecido alguma confusão. Eu não entendo... Não, é demais para mim. Ah, bom, agora acabou tudo.”

— Nesse momento, ouvi a voz grave de Kurtz atrás da cortina: “Me salvar?... Salvar o marfim, você quer dizer. Não diga isso. *Me* salvar? Ora, eu que precisei salvar você. Você está interrompendo meus planos agora. Doente! Doente! Não tão doente quanto você gostaria. Não importa. Ainda vou realizar minhas ideias... eu hei de voltar. Vou lhe mostrar o que pode ser feito. Você com suas ideias miúdas... você está me atrapalhando. Eu vou voltar. Eu...”

— O gerente saiu. Ele me deu a honra de me pegar pelo braço e me levar de lado. “Ele está muito abatido, muito abatido”, disse.

Considerou necessário suspirar, mas não teve o cuidado de ficar consistentemente triste. “Fizemos todo o possível por ele, não fizemos? Mas não há como encobrir o fato: o sr. Kurtz fez mais mal do que bem para a Companhia. Ele não percebeu que não era hora para atitudes vigorosas. Cautela, cautela: eis o meu princípio. Devemos ser cautelosos ainda. O distrito está fechado para nós por um tempo. É deplorável! No geral, o comércio vai sofrer. Não nego que existe uma quantidade incrível de marfim, quase todo fóssil. Precisamos proteger isso, de qualquer jeito, mas veja como é precária a situação, e por quê? Porque o método é insalubre.” “Você considera o método insalubre?”, perguntei, olhando para a margem. “Sem nenhuma dúvida”, exclamou, veemente. “O senhor não?...” “Não é método nenhum, absolutamente”, murmurei depois de um momento. “Exatamente”, exultou ele. “Eu havia previsto isso. Revela completa ausência de juízo. É meu dever apontar a situação para as autoridades devidas.” “Ah”, eu disse, “aquele sujeito... como é o nome dele?... o fabricante de tijolos, fará para o senhor um relatório legível.” Ele pareceu confuso por um momento. Senti que nunca tinha respirado uma atmosfera tão vil e me volvei mentalmente para Kurtz em busca de alívio, definitivamente de alívio. “Apesar de tudo, acho que o sr. Kurtz é um homem notável”, falei com ênfase. Ele se sobressaltou, deitou em mim um olhar pesado, disse muito baixo, “ele *era*”, e me virou as costas. Meu momento de prestígio havia terminado; me vi associado a Kurtz, como partidário de métodos cujos momentos ainda não tinham chegado: eu era insalubre! Ah, mas já era alguma coisa ao menos poder escolher meus pesadelos.

— Eu tinha me voltado para a mata, na realidade, não para o sr. Kurtz, que, eu estava pronto a admitir, já estava praticamente enterrado. E por um momento me pareceu que eu também estava enterrado em um vasto túmulo cheio de segredos inconfessáveis. Senti um peso intolerável oprimindo meu peito, o cheiro de terra úmida, a presença invisível de corrupção vitoriosa, as trevas de uma noite impenetrável... O russo tocou meu ombro. Ouvi que murmurava e gaguejava algo como: “irmão marinheiro... não posso esconder... conhecimentos de coisas que poderiam afetar a reputação do sr. Kurtz.” Esperei. Para ele, evidentemente, o sr. Kurtz não estava no túmulo; desconfio que para ele o sr. Kurtz era um dos imortais. “Bom!”, falei, enfim, “diga logo. No fim das contas, sou amigo do sr. Kurtz... de certa forma.”

— Ele afirmou com uma boa dose de formalidade que se não fôssemos “da mesma profissão”, ele teria calado sobre o assunto sem pensar nas consequências. Ele desconfiava que havia “uma ativa má vontade em relação a ele da parte daqueles homens brancos que...” “Você tem razão”, falei, lembrando de certa conversa que eu tinha

ouvido. “O gerente acha que você devia ser enforcado.” Ele demonstrou uma preocupação com essa informação que de início me divertiu. “É melhor eu sair do caminho, discretamente”, disse ele, sincero. “Não posso fazer mais nada pelo sr. Kurtz agora, porque eles logo encontrariam alguma desculpa. O que pode detê-los? Existe um posto militar a quinhentos quilômetros daqui.” “Bom, de fato”, eu disse, “talvez seja melhor você ir embora, se tiver algum amigo entre os selvagens próximos daqui.” “Muitos”, respondeu ele. “São gente simples, e eu não quero nada, sabe.” Ficou ali, mordendo o lábio, e então falou: “Não quero que aconteça nada de ruim com esses brancos daqui, mas claro que eu estava pensando na reputação do sr. Kurtz; só que o senhor é um irmão marinheiro e...” “Tudo bem”, falei depois de algum tempo. “A reputação do sr. Kurtz está a salvo comigo.” Eu não sabia o quanto era verdade o que acabara de dizer.

— Baixando a voz, ele me informou que o sr. Kurtz é que havia ordenado o ataque ao vapor. “Às vezes, ele detestava a ideia de ser levado embora... e por outro lado... mas eu não entendo desses assuntos. Sou um homem simples. Ele achou que ia assustar o senhor, que o senhor ia desistir, pensando que ele estava morto. Eu não consegui impedir. Ah, passei um mau momento neste último mês.” “Muito bem”, eu disse. “Agora ele está bem.” “E-e-e-está”, murmurou ele, aparentemente sem muita convicção. “Obrigado”, falei, “vou ficar de olhos abertos.” “Mas calado, hein?”, ele insistiu, ansioso. “Seria terrível para a reputação dele se alguém aqui...” Prometi total discrição com a maior seriedade. “Tenho uma canoa e três negros esperando não muito longe daqui. Vou agora. Será que o senhor poderia me dar alguns cartuchos para o Martini-Henry?” Eu podia e dei, com o devido segredo. Piscando para mim, ele se serviu de um punhado de tabaco. “Entre marinheiros, sabe, o bom tabaco inglês.” E, na porta da casa do leme, virou-se: “Aliás, o senhor não tem um par de sapatos que possa me emprestar?”. Ergueu uma perna. “Olhe.” As solas estavam amarradas debaixo dos pés descalços com cordões como de sandálias. Desenterrei um par velho, para o qual ele olhou com admiração antes de pôr debaixo do braço esquerdo. Um de seus bolsos (vermelho vivo) estava cheio de cartuchos, de dentro do outro (azul-escuro) escapava uma ponta do livro do Towson, *Investigação* etc. etc. Ele parecia achar que estava muito bem equipado para um renovado encontro com a mata. “Ah! Nunca, nunca mais vou encontrar um homem igual a esse. Devia ouvir como ele recita poesia, dele mesmo, claro, ele me disse. Poesia!” Revirou os olhos ao lembrar desses deleites. “Ah, ele abriu a minha cabeça!” “Até logo”, eu disse. Ele apertou minha mão e desapareceu na noite. Às vezes, me pergunto se realmente tinha me encontrado com ele, se era possível encontrar um fenômeno desses!...

— Quando acordei, logo depois da meia-noite, me veio à mente o alerta que ele me dera, uma insinuação de perigo que parecia, na estrelada escuridão, real a ponto de me fazer levantar para dar uma olhada em torno. No morro, ardia uma grande fogueira, iluminando, vacilante, um canto torto da sede da estação. Um dos agentes, junto com um grupo de alguns dos nossos negros, armados para a ocasião, mantinha guarda do marfim; mas, no fundo da floresta, o fulgor vermelho que oscilava, que parecia afundar e dele subir entre as confusas formas de colunas de um intenso negrume, indicava a posição exata do acampamento onde os adoradores do sr. Kurtz mantinham uma inquieta vigília. O bater monótono do tambor enchia o ar com choques abafados e uma vibração duradoura. Um zumbido constante, de muitos homens entoando para si mesmos algum feitiço estranho, vinha da muralha negra, chata, da floresta, como o zumbido de abelhas vem da colmeia, e tinha um estranho efeito narcótico sobre os sentidos semidesertos. Acho que cochilei encostado à amurada, até uma repentina explosão de gritos, um opressivo tumulto de frenesi contido e misterioso, me despertar com uma intrigada surpresa. O ruído interrompeu-se de repente e com zunir baixo continuou com um efeito de silêncio audível e tranquilizador. Olhei despreocupadamente para a pequena cabine. Havia uma luz acesa lá dentro, mas o sr. Kurtz não estava lá.

— Acho que eu teria começado a gritar se tivesse acreditado em meus olhos. Mas de início não acreditei; a coisa parecia impossível. O fato é que eu estava completamente enervado com um medo absolutamente vazio, um terror abstrato, puro, não conectado a nenhuma forma nítida de perigo físico. O que tornava essa emoção tão dominante era, como posso definir?, o choque moral que recebi, como se alguma coisa absolutamente monstruosa, intolerável ao pensamento e odiosa à alma, tivesse sido jogada de forma inesperada em cima de mim. É claro que isso durou apenas uma mera fração de segundo, e então o senso usual de perigo corriqueiro, mortal, o cenário possível de súbita matança e massacre, ou algo desse tipo, que vi iminente, foi definitivamente bem recebido e calmante. Me pacificou, de fato, de tal forma que não gritei.

— Havia um agente abotoado dentro de um sobretudo, dormindo numa cadeira no convés a um metro de onde eu estava. Os gritos não o acordaram; ele roncava muito de leve; deixei que ficasse com seu sono e desci para a terra. Eu não traí o sr. Kurtz, tinha ordens de nunca trair o sr. Kurtz, estava escrito que eu devia ser leal ao pesadelo de minha escolha. Eu estava ansioso para lidar com essa sombra sozinho, e até hoje não sei por que era tão cioso em compartilhar com alguém o negrume peculiar daquela experiência.

— Assim que cheguei à margem, vi uma trilha, uma larga trilha na

relva. Me lembro da exultação com que disse a mim mesmo: “Ele não pode andar, está de quatro, está na minha mão.” A relva estava molhada de orvalho. Caminhei depressa com punhos cerrados. Acho que tinha uma vaga ideia de cair em cima dele e lhe dar uma surra. Não sei. Eu tinha uns pensamentos imbecis. A velha que tricotava com o gato se intrometeu em minha memória como a pessoa mais imprópria para estar sentada na outra ponta dessa questão. Vi uma fileira de peregrinos esguichando chumbo para o ar com suas winchesters apoiadas nos quadris. Pensei que nunca mais voltaria ao vapor e me imaginei vivendo sozinho e sem armas na floresta, até uma idade avançada. Coisas tão bobas... vocês sabem. E me lembro que confundi as batidas do tambor com as batidas do meu coração, e fiquei contente com sua calma regularidade.



— Mas continuei na trilha, depois parei para ouvir. A noite estava muito clara; um espaço azul-escuro, cintilando com orvalho e estrelas, no qual coisas negras se mantinham muito quietas. Achei ter visto

algum movimento à minha frente. Eu estava estranhamente seguro naquela noite. Na realidade, saí da trilha e corri num largo semicírculo (sinceramente, acho que estava rindo comigo mesmo) para chegar à frente daquela agitação, daquele movimento que tinha visto, se é que de fato tinha visto alguma coisa. Estava contornando Kurtz como se fosse uma brincadeira de meninos.

— Cheguei até onde ele estava e, se ele não tivesse me ouvido chegar, eu teria caído em cima dele, mas Kurtz se levantou a tempo. Levantou-se, trôpego, esguio, pálido, indistinto como um vapor exalado da terra, oscilando ligeiramente, enevoadado e silencioso diante de mim, enquanto às minhas costas as fogueiras subiam entre as árvores, e da floresta vinha o murmúrio de muitas vozes. Eu tinha cortado o seu caminho habilmente, mas, quando nos confrontamos de fato, parece que voltei a mim; vi o perigo com sua devida proporção. Ainda estava longe de ter acabado. E se ele comesse a gritar? Embora mal conseguisse ficar de pé, havia muito vigor em sua voz. “Vá embora, se esconda”, disse ele com aquele tom grave. Era muito assustador. Olhei para trás. Estávamos a uns trinta metros da fogueira mais próxima. Um vulto negro se pôs de pé, deu passos com suas longas pernas negras, agitando longos braços negros na luminosidade do fogo. Na cabeça tinha chifres, chifres de antílope, creio. Algum feiticeiro, algum bruxo, sem dúvida; parecia bastante amigável. “Sabe o que está fazendo?”, sussurrei. “Perfeitamente”, respondeu ele, erguendo a voz para aquela única palavra: ela me soou distante e ao mesmo tempo alta, como uma saudação num megafone. “Se ele armar confusão, estamos perdidos”, pensei comigo. Claramente não era o caso de uma troca de socos, mesmo sem levar em conta a aversão muito natural que eu sentia em bater naquela Sombra, aquela coisa vaga e atormentada. “Você vai se perder”, eu disse, “se perder totalmente.” Às vezes, a gente tem um lampejo de inspiração, sabem. Eu disse de fato a coisa certa, embora ele de fato não pudesse estar mais irrecuperavelmente perdido do que estava naquele momento, quando as fundações de nossa intimidade se assentavam, para perdurar, perdurar, até o fim mesmo... até mais além.

— “Eu tinha planos imensos”, murmurou ele, irresoluto. “É”, eu disse, “mas se tentar gritar, esmago sua cabeça com...” Não havia nem vara, nem pedra por perto. “Eu te estrangulo”, me corrigi. “Eu estava no limiar de grandes coisas”, insistiu ele, com uma voz ansiosa, com um tom melancólico que fez meu sangue gelar. “E agora, por causa desse malandro idiota...” “Seu sucesso na Europa está garantido de qualquer jeito”, assegurei, resoluto. Eu não queria estrangulá-lo, vocês entendem, e de fato não seria muito útil para nenhuma finalidade prática. Tentei quebrar o feitiço, o feitiço pesado, surdo da mata, que parecia puxar Kurtz para o seu seio impiedoso pelo despertar de

instintos esquecidos e brutais, pela lembrança de paixões monstruosas e gratificadas. Eu estava convencido de que apenas isso o levava ao limiar da floresta, aos arbustos, ao brilho das fogueiras, ao pulsar dos tambores, ao zumbido de estranhos encantamentos; só isso tinha atraído sua alma sem lei para além dos limites de aspirações permitidas. E, vejam bem, o terror dessa posição não estava em levar um golpe na cabeça, embora eu tivesse uma sensação muito viva de correr esse risco, mas sim no fato de ter que lidar com esse ser com quem era impossível apelar em nome de qualquer coisa, acima ou abaixo da terra. Assim como os negros, eu tinha de invocar a ele, a ele próprio, a sua própria degradação exaltada e incrível. Não havia nada acima nem abaixo dele, e eu sabia disso. Ele mesmo havia se desprendido da terra. Maldito seja! Tinha chutado e despedaçado a própria terra. Ele estava sozinho, e, diante dele, eu não sabia se pisava no chão ou flutuava no ar. Estou contando a vocês o que nós dissemos, repetindo as frases que pronunciávamos, mas de que adianta? Eram palavras comuns e corriqueiras, os sons familiares, vagos, trocados a cada dia da vida. Mas e daí? Na minha cabeça, havia por trás desses sons as palavras terrivelmente sugestivas que se ouve em sonhos, frases ditas em pesadelos. Alma! Se houve alguém que um dia lutou com uma alma, esse sou eu. E não estava discutindo com um lunático, não. Acreditem ou não, a inteligência dele estava perfeitamente clara, concentrada sobre si mesma, é fato, com horrível intensidade, mas clara; e ali estava a minha única chance, a não ser matá-lo ali mesmo, o que não era tão bom, por conta do barulho inevitável. Mas a alma dele estava louca. Sozinha na mata, tinha olhado para dentro de si mesma e, por Deus!, juro mesmo, tinha enlouquecido. Acho que talvez por causa de meus pecados, eu precisava enfrentar a provação de olhar dentro de mim mesmo. Nenhuma eloquência podia ser tão destruidora para as crenças de alguém na humanidade como a sua explosão final de sinceridade. Ele lutou consigo mesmo; eu vi, eu ouvi. Eu vi o mistério inconcebível de uma alma que não conhecia limites, fé ou medo, mas que lutava cegamente consigo mesma. Mantive a lucidez, mas quando o coloquei finalmente deitado no sofá, enxuguei a testa e minhas pernas tremiam como se eu tivesse carregado meia tonelada nas costas morro abaixo. E, no entanto, tudo que eu tinha feito era carregar aquele homem, seu braço ossudo em torno do meu pescoço, e ele não era muito mais pesado que uma criança.

— Quando partimos no dia seguinte, ao meio-dia, a multidão de cuja presença atrás da cortina de árvores eu tinha estado consciente o tempo todo jorrou da floresta de novo, encheu a clareira, cobriu a encosta com uma massa de corpos de bronze nus, respirando, vibrando. Naveguei um pouco rio acima, depois rio abaixo, e dois mil olhos acompanharam as evoluções do espadanar, dos baques do feroz

demônio do rio que batia a água com sua cauda terrível expirando fumaça negra no ar. À frente da primeira fileira ao longo da margem, três homens, rebocados da cabeça aos pés com terra vermelho vivo, marchavam de forma pomposa para frente e para trás, inquietos. Quando viramos de frente outra vez, eles olhavam o rio, batiam os pés no chão, balançavam as cabeças com chifres, oscilavam os corpos escarlates; sacudiam para o feroz demônio do rio um feixe de penas negras, uma pele nojenta com rabo pendurado, algo que parecia uma cabaça seca; gritavam de vez em quando sequências de palavras incríveis que não pareciam com nenhum som de língua humana; e o murmúrio grave da multidão, interrompido de repente, parecia o responsório de alguma litania satânica.

— Tínhamos carregado Kurtz para a casa do leme: ali era mais arejado. Deitado no sofá, ele olhou pela janela aberta. Houve uma onda na massa de corpos humanos, e a mulher com o penteado de capacete e faces bronzeadas saiu correndo para a borda do rio. Estendeu as mãos, gritou alguma coisa, e todo aquele louco batalhão repetiu o grito no rugido de um coro de vozes articuladas, rápidas, sem fôlego.

— “Você entende isso?”, perguntei.

— Ele continuou olhando para fora, para além de mim, com olhos ardentes, saudosos, com uma mistura de expressões que combinava melancolia e raiva. Não respondeu nada, mas vi um sorriso, um sorriso de sentido indefinível, aparecer nos lábios sem cor que um momento depois se agitaram convulsivamente. “Pois não entendo?”, respondeu, ofegante, como se as palavras tivessem sido arrancadas de sua boca por um poder sobrenatural.

— Puxei o cordão do apito e fiz isso porque vi os peregrinos pegando seus rifles com ares de quem espera uma alegre travessura. Com o guincho repentino, um movimento de terror abjeto percorreu aquela massa de corpos aglomerados. “Não! Não assuste eles”, gritou alguém no convés, desconsolado. Puxei o cordão mais uma vez e mais outra. Eles se espalharam e correram, agacharam, desviaram, driblaram o terror voador do som. Os três sujeitos vermelhos tinham caído de cara para baixo na margem, como se tivessem levado um tiro. Só a soberba mulher bárbara não se moveu e estendeu tragicamente os braços nus para nós sobre o rio sombrio e cintilante.

— E então aquela turba imbecil no convés começou sua brincadeirinha, e não consegui ver mais nada por causa da fumaça.

— A correnteza marrom corria depressa para longe do coração das trevas, nos levava na direção do mar, duas vezes mais rápida do que nossa viagem rio acima; e a vida de Kurtz se esgotava depressa também, vazando, vazando de seu coração para o mar do tempo inexorável. O gerente estava muito plácido, não tinha agora nenhuma

ansiedade vital, e nos envolveu com um olhar compreensivo e satisfeito: “o caso” tinha se resolvido da melhor forma possível. Vi chegar o momento em que eu me veria livre do grupo do “método insalubre”. Os peregrinos me olhavam com desagrado. Me contavam, por assim dizer, entre os mortos. Estranho como eu aceitei essa sociedade inesperada, essa escolha de pesadelos imposta a mim naquela terra tenebrosa, invadida por aqueles fantasmas mesquinhos e gananciosos.

— Kurtz discursou. Uma voz! Uma voz! Soava absolutamente profunda. Ela sobrevivia a seus esforços para esconder nas magníficas dobras da eloquência as áridas trevas de seu coração. Ah! Ele lutou! Ele lutou! Os resíduos de seu cérebro cansado eram agora assolados por imagens sombrias, imagens de riqueza e fama girando obsequiosas em torno do dom inextinguível de nobre e altiva expressão. Minha Prometida, minha estação, minha carreira, minhas ideias... eram temas para a manifestação ocasional de sentimentos elevados. A sombra do Kurtz original frequentava o leito daquela impostura vazia, cujo destino era ser enterrado agora na matriz da terra primeva. Mas tanto o amor diabólico como o ódio sobrenatural dos mistérios que tinha penetrado lutavam pela posse daquela alma saciada de emoções primitivas, ávida de mentirosa fama, de falsa distinção, de todas as aparências de sucesso e poder.

— Às vezes, ele era de uma infantilidade desprezível. Ele desejava que reis fossem ao seu encontro em estações de trem ao voltar de um fantasmagórico Lugar Nenhum, onde pretendia realizar grandes coisas. “Você mostra a eles que tem em si algo que é realmente lucrativo e não haverá limites para o reconhecimento de sua habilidade”, dizia ele. “Claro que é preciso tomar cuidado com as motivações, as motivações certas, sempre.” As longas retas que eram como uma só reta, as curvas monótonas que eram exatamente iguais, deslizavam pelo rio com sua multidão de árvores seculares que observavam pacientemente aquele encardido fragmento de um outro mundo, o precursor da mudança, da conquista, do comércio, de massacres, de bênçãos. Eu olhava à frente, pilotando. “Feche a persiana”, disse Kurtz, de repente, um dia, “não suporto mais olhar para isso.” Eu fechei. Fez-se um silêncio. “Ah, mas ainda esmago o seu coração!”, ele exclamou para a mata invisível.

— Enguiçamos, conforme eu esperava, e tivemos de atracar na cabeça de uma ilha para fazer reparos. Essa demora foi a primeira coisa que abalou a segurança de Kurtz. Uma manhã, ele me deu um pacote de papéis e uma fotografia, tudo amarrado com um cordão de sapato. “Guarde isto para mim”, disse. “Esse idiota abominável”, referindo-se ao gerente, “é capaz de espiar minhas caixas quando não estou olhando.” À tarde, olhei para ele. Estava deitado de costas, com

os olhos fechados, e me retirei discretamente, mas ouvi que ele murmurava: “Viva direito, morra, morra...”, eu ouvi. Mais nada. Estaria ensaiando algum discurso no sono ou seria um fragmento de uma frase para algum artigo de jornal? Ele havia escrito para jornais e pretendia fazer isso de novo, “para divulgar minhas ideias. É um dever”.

— Suas trevas eram impenetráveis. Eu olhava para Kurtz como se olha para um homem que está caído no fundo de um precipício onde nunca brilha o sol. Mas não tinha muito tempo para ele, porque estava ajudando o mecânico a consertar os cilindros que vazavam, a endireitar um eixo de conexão torto e outras coisas assim. Eu vivia numa confusão infernal de ferrugem, limalha, porcas, pinos, chaves de fenda, martelos, alavancas de perfuração, coisas que eu abominava porque não me dou bem com elas. Cuidei da pequena forja que felizmente tínhamos a bordo; me esforçava, fatigado, num monte de sucatas, a não ser quando tinha tremores demais para suportar.

— Uma noite, ao entrar com uma vela, me surpreendi quando ouvi que ele dizia, um tanto trêmulo: “Estou aqui deitado esperando a morte.” A luz estava a trinta centímetros de seus olhos. Fiz um esforço para murmurar: “Ah, bobagem!”, e parei ao lado dele, como se paralisado.

— Nunca vi nada parecido com a mudança que se deu em sua expressão e espero não ver nunca mais. Ah, não fiquei comovido. Fiquei fascinado. Era como se um véu se rasgasse. Vi naquele rosto de marfim a expressão de orgulho sombrio, de poder impiedoso, de terror covarde, de um intenso e irremediável desespero. Ele estava revivendo sua vida em cada detalhe de desejo, tentação e entrega durante aquele momento supremo de conhecimento completo? Ele bradava num sussurro a alguma imagem, alguma visão. Ele gritou duas vezes, um grito que era quase um suspiro:



— “O horror! O horror!”

— Apaguei a vela e saí da cabine. Os peregrinos estavam jantando no refeitório e tomei meu lugar diante do gerente, que ergueu um olhar questionador para mim, ignorado com sucesso. Ele se esticou para trás, sereno, com aquele sorriso peculiar dele, selando a profundidade oculta de sua perversidade. Uma chuva contínua de pequenas moscas caía sobre o lampião, sobre o pano, sobre nossas mãos e sobre nossos rostos. De repente, o menino do gerente pôs sua cabeça insolente na porta e disse num tom de ferino desdém:

— “Sinhô Kurtz... ele morreu.”

— Todos os peregrinos correram para olhar. Eu fiquei no refeitório e continuei meu jantar. Acho que fui considerado brutalmente insensível. Mas não comi muito. Havia um lampião ali, aceso, vejam bem, e lá fora estava tão bestialmente, bestialmente escuro. Nunca mais cheguei perto do homem notável que havia pronunciado um juízo sobre as aventuras de sua alma nesta terra. A voz tinha ido embora. O que mais tinha havido ali? Mas eu sei, claro, que no dia seguinte os peregrinos enterraram alguma coisa num buraco de lama.

— E então chegaram muito perto de me enterrar também.

— Porém, como vocês veem, não me juntei a Kurtz naquele momento. Não. Fiquei para sonhar o pesadelo até o fim e mostrar minha lealdade a Kurtz mais uma vez. Destino. Meu destino! Que coisa engraçada é a vida, esse arranjo misterioso de lógica impiedosa e propósito fútil. O máximo que se pode esperar dela é algum conhecimento de si mesmo, que vem tarde demais, uma seara de remorsos inextinguíveis. Eu lutei com a morte. É a disputa menos excitante que se pode imaginar. Que tem lugar no cinza impalpável, sem nada abaixo, sem nada em torno, sem espectadores, sem clamor, sem glória, sem o grande desejo de vitória, sem o grande medo da derrota, numa atmosfera doentia de morno ceticismo, sem muita convicção de nosso próprio direito e ainda menos do da adversária. Se essa é a forma da sabedoria derradeira, então a vida é um enigma maior do que alguns de nós podemos supor. Estive a um fio da última oportunidade de pronunciamento e descobri, humilhado, que provavelmente não tinha nada a dizer. Por essa razão é que afirmo que Kurtz era um homem notável. Ele tinha algo a dizer. E disse. Desde que espiei por sobre o limiar de mim mesmo, entendo melhor o sentido do olhar dele, que não conseguia ver a chama da vela, mas era amplo a ponto de abarcar todo o universo, penetrante a ponto de varar todos os corações que pulsam nas trevas. Ele tinha sintetizado, tinha julgado. “O horror!” Era um homem notável. Afinal de contas, isso era a expressão de algum tipo de crença; tinha candura, tinha convicção, tinha uma nota vibrante de revolta em seu sussurro, tinha o rosto hediondo de uma verdade vislumbrada: a estranha mistura de

desejo e ódio. E não é do meu próprio extremismo que me lembro melhor, uma visão do cinzento sem forma cheio de dor física, e um desprezo descuidado pela evanescência de todas as coisas, até mesmo dessa própria dor. Não! É o extremismo dele que aparentemente eu vivi. Verdade, ele tinha dado aquele último passo, tinha ultrapassado a borda, enquanto eu me permitia retirar meu pé hesitante. E talvez esteja nisso toda a diferença; talvez toda a sabedoria, toda a verdade, toda a sinceridade, apenas comprimidas naquele momento inestimável de tempo em que ultrapassamos o limiar do invisível. Talvez! Gosto de pensar que o meu relato não teria sido uma palavra de desprezo indiferente. Melhor o grito dele, muito melhor. Era uma afirmação, uma vitória moral paga com inúmeras derrotas, com terrores abomináveis, com satisfações abomináveis. Mas era uma vitória! Por isso permaneci leal a Kurtz até o fim e, mesmo além, quando muito tempo depois ouvi mais uma vez, não a sua própria voz, mas o eco de sua magnífica eloquência lançada a mim por uma alma tão translucidamente pura como um rochedo de cristal.

— Não, eles não me enterraram, embora haja um período de que me lembro nebulosamente, com um trêmulo assombro, como uma passagem por algum mundo inconcebível que não tinha nem esperança, nem desejo. Me vi de volta à cidade sepulcral, ressentido com a visão de pessoas correndo pelas ruas para surrupiar um dinheirinho uns dos outros, para devorar sua infame culinária, para tragar sua cerveja insalubre, para sonhar seus sonhos insignificantes e bobos. Elas invadiam meus pensamentos. Eram intrusas cujo conhecimento da vida era para mim uma pretensão irritante, porque eu tinha certeza de que não podiam saber as coisas que eu sabia. Sua conduta, que era simplesmente a conduta de indivíduos comuns cuidando de seus negócios na certeza de perfeita segurança, me era ofensiva como injuriante ostentação de loucura diante do perigo que eram incapazes de compreender. Eu não tinha nenhum desejo de esclarecer essa gente, mas tinha certa dificuldade em me conter para não rir na cara deles, tão cheios de estúpida importância. Devo dizer que eu não estava muito bem nessa época. Cambaleava pelas ruas, havia diversas questões a acertar, sorrindo com amargura para aquelas pessoas perfeitamente respeitáveis. Admito que meu comportamento era indesculpável, mas por outro lado minha temperatura raramente era normal nessa época. O empenho de minha querida tia para “zelar por minhas forças” parecia completamente equivocado. Não era minha força que precisava de cuidados, era minha imaginação que precisava de calma. Guardei a pilha de papéis que Kurtz me deu, sem saber exatamente o que fazer com ela. Sua mãe tinha morrido havia pouco, aos cuidados, pelo que eu soube, de sua Prometida. Um homem sem barba, de modos formais, com óculos de aro dourado, me

procurou um dia e fez perguntas de início evasivas, depois um tanto insistentes, inquirindo sobre o que ele gostava de chamar de certos “documentos”. Não me surpreendeu, porque ainda lá eu tinha tido duas discussões com o gerente a esse respeito. Tinha me recusado a entregar a menor parcela daquele pacote e tomei a mesma atitude com o homem de óculos. Ele acabou se tornando ameaçador e, muito acalorado, argumentou que a Companhia tinha direito a toda e qualquer informação sobre seus “territórios”. E disse: “O conhecimento que o sr. Kurtz tinha de regiões inexploradas devia ser necessariamente extenso e peculiar, devido a suas grandes habilidades e às deploráveis circunstâncias em que ele foi colocado: portanto...” Eu garanti a ele que o conhecimento do sr. Kurtz, por extenso que fosse, não versava sobre os problemas de comércio ou administração. Ele invocou então o nome da ciência. “Seria uma perda incalculável se...” etc. etc. Ofereci a ele o relatório sobre a Supressão dos Costumes Selvagens, com o posfácio rasgado. Ele o pegou avidamente, mas terminou erguendo o nariz com ar de desprezo. “Isto não é o que nós temos o direito de esperar”, observou. “Só que não tem mais nada”, eu disse. “Só cartas privadas.” Ele se retirou com a ameaça de algum processo legal e não o vi de novo; mas outro sujeito, dizendo-se primo de Kurtz, apareceu dois dias depois, ansioso para saber todos os detalhes dos últimos momentos de seu querido parente. Incidentalmente, ele me deu a entender que Kurtz tinha sido essencialmente um grande músico. “Estava a caminho de um grande sucesso”, disse o homem, que era um organista, acho, com o cabelo grisalho escorrido caindo por cima da gola ensebada do casaco. Eu não tinha por que duvidar de sua afirmação, e até hoje não sou capaz de dizer qual era a profissão de Kurtz, se é que teve alguma, qual era o seu maior talento. Eu o tinha tomado por um pintor que escrevia para jornais, ou então um jornalista que pintava, mas mesmo o primo (que cheirou rapé durante a conversa) não conseguiu me dizer exatamente o que ele tinha sido. Era um gênio universal, e sobre esse ponto eu concordei com o sujeito que então assoou ruidosamente o nariz num grande lenço de algodão e mergulhou em agitação senil, levando algumas cartas familiares e memorandos sem importância. Por fim, apareceu um jornalista ansioso por saber alguma coisa do destino de seu “caro colega”. Esse visitante me informou que a esfera adequada para Kurtz teria sido a política, “do lado popular”. Ele tinha sobrancelhas retas e fartas, cabelos espetados e curtos, usava um monóculo preso em uma faixa larga e, ao se tornar expansivo, confessou a opinião de que Kurtz não sabia escrever nada, “mas, nossa!, como falava. Ele eletrizava grandes reuniões. Tinha convicção, veja o senhor, tinha uma convicção. Era capaz de se fazer acreditar em qualquer coisa, qualquer coisa. Podia ter sido um esplêndido líder

para um partido extremista.” “Qual partido?”, perguntei. “Qualquer partido”, respondeu. “Ele era um... um... extremista.” Se eu concordava? Respondi que sim. Ele perguntou, com um súbito relance de curiosidade, se eu sabia “o que tinha induzido Kurtz a ir para lá”. “Sei”, respondi, e logo entreguei a ele o famoso Relatório para que ele publicasse, caso achasse conveniente. Ele deu uma olhada rápida, resmungando o tempo todo, considerou que “servia, sim” e foi embora com os despojos.

— Então fiquei, finalmente, com um pequeno pacote de cartas e o retrato da moça. Ela me parecia linda; quer dizer, tinha uma expressão linda. Sei que a luz do sol pode ofuscar a visão, sim, mas sentia-se que nenhuma manipulação de luz e da pose poderia revelar o tom delicado de sinceridade daqueles traços. Ela parecia pronta para ouvir sem reserva moral, sem desconfiança, sem pensar em si mesma. Concluí que eu iria pessoalmente devolver a ela o retrato e aquelas cartas. Curiosidade? Sim, e talvez algum outro sentimento. Tudo o que tinha sido de Kurtz havia passado para as minhas mãos: sua alma, seu corpo, sua estação, seus planos, seu marfim, sua carreira. Restavam apenas sua memória e sua Prometida, e eu queria entregar isso também ao passado, de certa forma, entregar pessoalmente o que restava dele em mim àquele esquecimento final que é a última palavra e nosso destino comum. Não me defendo. Eu não tinha uma percepção clara do que eu realmente queria. Talvez fosse um impulso de lealdade inconsciente, ou a satisfação de uma daquelas icônicas necessidades que espreitam nos fatos da existência humana. Eu não sei. Não posso dizer. Mas fui.

— Achei que a memória de Kurtz era como as outras memórias dos mortos que se acumulam na vida de todo homem, uma vaga impressão no cérebro de sombras que caíram sobre ele na rápida passagem final; mas, diante da alta e pesada porta, entre as altas casas de uma rua, tão imóveis e decentes como a alameda bem cuidada de um cemitério, tive uma visão dele na maca, a boca aberta, voraz, como se para devorar a Terra com toda a sua humanidade. Ele viveu então diante de mim; ele viveu como jamais tinha vivido: uma sombra insaciável de aparências esplêndidas, de assustadoras realidades; uma sombra mais escura que a sombra da noite e vestida nobremente com as dobras de uma suntuosa eloquência. A visão pareceu entrar na casa comigo: a maca, os carregadores fantasmas, a louca multidão obediente de adoradores, a escuridão da floresta, o brilho do trecho entre as curvas lodosas, a batida do tambor, regular e abafada como a batida de um coração, o coração das trevas dominantes. Era um momento de triunfo da mata, um fluxo invasor e vingativo do qual, assim me parecia, eu teria de manter a distância sozinho para a salvação de outra alma. E a memória do que eu tinha ouvido ele dizer

lá longe, com os vultos de chifres agitados atrás, na luminosidade das fogueiras, dentro da paciente floresta, aquelas frases soltas me voltaram, foram de novo ouvidas em sua agourenta e aterrorizadora simplicidade. Eu me lembrei de suas súplicas abjetas, suas ameaças abjetas, da escala colossal de seus desejos vis, a maldade, o tormento, a tempestuosa angústia de sua alma. E mais tarde pareceu-me ver seus modos lânguidos e controlados quando disse um dia: “Esse lote de marfim agora é realmente meu. A Companhia não pagou por ele. Eu recolhi tudo isso com grande risco pessoal. Mas temo que aleguem como deles. Hum. É um caso difícil. O que acha que eu devo fazer? Resistir? Hein? Não quero nada mais além de justiça”... Ele não queria nada mais além de justiça... nada mais além de justiça. Toquei a campainha da porta de mogno do primeiro andar e, enquanto esperava, parecia que ele me encarava pelo painel de vidro, me encarava com aquele olhar amplo e imenso que abarca, condena, abomina todo o universo. Tive a impressão de ouvir o grito sussurrado: “O horror! O horror!”.

— Caía a tarde. Tive de esperar em uma sala alta com três janelas compridas do chão ao teto que pareciam três colunas frisadas e luminosas. As pernas e encostos curvos e dourados da mobília brilhavam em curvas indistintas. A alta lareira de mármore exibia uma brancura fria e monumental. Um piano de cauda repousava maciço num canto, com brilhos escuros nas superfícies lisas como um sarcófago sombrio e polido. Uma porta alta se abriu, fechou. Eu me levantei.

— Ela se aproximou toda de preto com o rosto pálido flutuando em minha direção na penumbra. Estava de luto. Mais de um ano depois da morte dele, mais de um ano desde a chegada da notícia; ela dava a impressão de que não ia esquecê-lo nunca, e manteria seu luto para sempre. Pegou minhas duas mãos e murmurou: “Soube que o senhor vinha.” Notei que não era muito jovem, quer dizer, não era uma garota. Tinha uma capacidade madura de fidelidade, de crença, de sofrimento. A sala pareceu ficar mais escura, como se toda a triste luz da tarde nublada tivesse se refugiado na testa dela. Aquele cabelo claro, aquele rosto pálido, aquela testa pura, pareciam cercados por um halo de cinzas do qual os olhos escuros me encaravam. A expressão deles era inocente, profunda, segura e confiante. Ela erguia a cabeça triste como se tivesse orgulho daquela tristeza, como se dissesse: “Eu, só eu, sei chorar por ele como ele merece.” Mas enquanto estávamos ainda apertando as mãos, um ar de tamanha desolação surgiu em seu rosto, e percebi que ela era uma dessas criaturas que se recusam a ser domadas pelo Tempo. Para ela, ele tinha morrido ontem mesmo. E, por Deus!, a impressão era tão poderosa que para mim também parecia que ele tinha morrido ontem

mesmo. Não, naquele mesmo instante. Vi os dois no mesmo instante de tempo, a morte dele e a tristeza dela, vi a tristeza dela no mesmo instante da morte dele. Vocês entendem? Vi os dois juntos, ouvi os dois juntos. Ela havia dito, com uma respiração profunda, “eu sobrevivi”, enquanto meu ouvido exausto parecia ouvir distintamente, misturado ao seu tom de desesperado lamento, o sussurro em que Kurtz resumia sua eterna condenação. Perguntei a mim mesmo o que estava fazendo ali, com uma sensação de pânico no coração, como se eu tivesse caído num lugar de mistérios cruéis e absurdos, inadequados para a contemplação de qualquer ser humano. Ela me indicou uma cadeira. Nos sentamos. Coloquei delicadamente o pacote na mesinha, e ela pôs a mão em cima dele... “O senhor o conhecia bem”, murmurou ela depois de um minuto de silêncio pesaroso.



— “Lá, a intimidade cresce depressa”, eu disse. “O conheci o quanto é possível um homem conhecer outro.”

— “E tinha admiração por ele”, afirmou ela. “Era impossível conhecê-lo e não ter admiração por ele. Não era?”

— “Era um homem notável”, respondi, incerto. Então, diante do olhar fixo dela, que parecia implorar por mais palavras da minha boca, continuei: “Era impossível não...”

— “Amá-lo”, ela finalizou, firme, me submetendo a uma mudez horrorizada. “Verdade! Verdade! Mas quando se pensa que ninguém o conhecia tão bem quanto eu! Eu tinha toda a sua nobre confiança. Eu o conhecia melhor que ninguém.”

— “A senhora o conhecia melhor que ninguém”, repeti. E talvez fosse verdade. Mas a cada palavra a sala ficava mais escura, e só a testa dela, lisa e branca, continuava iluminada pela inesgotável luz da convicção e do amor.

— “O senhor era amigo dele”, continuou ela. “Amigo dele”, repetiu, um pouco mais alto. “Devia ser, se ele deu isso ao senhor e mandou que viesse até mim. Sinto que posso falar com o senhor e, ah!, eu vou falar. Quero que o senhor, o senhor que ouviu as últimas palavras dele, saiba que fui digna dele... Não é orgulho... Sinto orgulho, sim, por saber que o entendia melhor que qualquer pessoa da Terra, ele próprio me disse isso. E desde que a mãe dele morreu não tinha ninguém... ninguém... para... para...”

— Eu ouvi. O escuro ficou mais profundo. Eu nem tinha certeza se ele havia me dado o pacote certo. Desconfio muito que ele quisesse me encarregar de uma outra pilha de seus papéis que, depois de sua morte, vi o gerente examinando à luz do lampião. E a moça falava, apacando sua dor com a certeza de minha compreensão, falava como homens sedentos bebem. Tinha ouvido dizer que seu noivado com Kurtz havia sido malvisto pela família dela. Ele não era suficientemente rico ou algo assim. E de fato não sei se não havia sido pobre a sua vida inteira. Ele tinha me dado alguma razão para inferir que sua impaciência com uma relativa pobreza é que o tinha levado até lá.

— “Quem não ficava seu amigo depois de ouvi-lo falar?”, ela estava dizendo. “Ele atraía homens com o que tinham de melhor.” Olhou para mim com intensidade. “É o dom dos grandes”, continuou, e o som de sua voz baixa, cheia de mistério, desolação e tristeza, parecia ter o acompanhamento de todos os outros sons que eu jamais tinha ouvido: a ondulação do rio, o rumor das árvores agitadas pelo vento, o murmúrio das multidões, o toque tênue de palavras incompreensíveis gritadas de longe, o sussurro de uma voz que fala do outro lado do portal de trevas eternas. “Mas o senhor o ouviu! O senhor sabe!”, exclamou ela.

— “É, eu sei”, respondi com uma espécie de desespero em meu coração, mas de cabeça baixa diante da fé que havia nela, diante da grande e salvadora ilusão que brilhava com luminosidade espectral na escuridão, nas trevas triunfantes das quais eu não podia defendê-la, das quais eu não podia defender nem a mim mesmo.

— “Que perda para mim... para nós!”, ela se corrigiu com generosidade linda, e depois acrescentou num murmúrio: “Para o mundo.” Nos últimos raios do crepúsculo vi o brilho em seus olhos, cheios de lágrimas, lágrimas que não caíam.

— “Fui muito feliz... tive muita sorte.... senti muito”, prosseguiu ela. “Tive sorte demais. Fui feliz demais por um breve período. E agora sou infeliz para... para sempre.”

— Ela se levantou; o cabelo claro parecia captar toda a luz que restava num reflexo de ouro. Eu me levantei também.

— “E de tudo isso”, ela continuou, lamentosa, “de toda essa promessa, de toda essa grandeza, de sua mente generosa, de seu nobre coração, nada resta... nada além de uma lembrança. O senhor e eu...”

— “Nós vamos lembrar dele para sempre”, completei depressa.

— “Não!”, ela exclamou. “É impossível que tudo isso se perca... que uma vida dessas seja sacrificada sem deixar nada... além de tristeza. O senhor sabe dos vastos planos que ele tinha. Eu sabia deles também... talvez não fosse capaz de entender... mas outros sabiam. Alguma coisa deve restar. As palavras dele, pelo menos, não morreram.”

— “As palavras dele vão permanecer”, eu disse.

— “E o exemplo”, ela sussurrou para si mesma. “Homens o admiravam... sua bondade brilhava em cada ato. Seu exemplo...”

— “É verdade”, eu disse, “o exemplo dele também. É, o exemplo. Tinha esquecido disso.”

— “Mas eu não. Não posso... não posso acreditar... não ainda. Não posso acreditar que nunca mais vou vê-lo, que ninguém nunca mais o verá, nunca, nunca, nunca mais.”

— Ela estendeu os braços como se na direção de uma figura que se afastava, estendendo-os negros com as mãos pálidas crispadas contra a luz mortiça e estreita da janela. Não vê-lo nunca mais! Eu o vi claramente então. Hei de ver esse fantasma eloquente enquanto eu viver, e verei também a ela, uma Sombra trágica e familiar, parecida, nesse gesto, a uma outra, também trágica e dotada de encantos impotentes, estendendo escuros braços nus para o brilho do rio infernal, o rio das trevas. De repente, ela falou, muito baixo: “Ele morreu como viveu.”



— “O fim dele”, eu disse, com uma raiva abafada se agitando dentro de mim, “foi sob todos os aspectos digno da sua vida.”

— “E eu não estava com ele”, murmurou ela. Minha raiva cedeu diante de uma sensação de infinita piedade.

— “Tudo o que poderia ser feito...”, murmurei.

— “Ah, mas eu acreditei nele mais do que qualquer um na Terra... mais do que a própria mãe dele, mais do que... ele próprio. Ele precisava de mim! De mim! Eu teria valorizado cada suspiro, cada palavra, cada gesto, cada olhar.”

— Senti uma espécie de garra fria no peito. “Não”, eu disse com voz abafada.

— “Desculpe. Eu... eu lamentei durante tanto tempo em silêncio... em silêncio... O senhor esteve com ele... até o final? Penso na solidão dele. Ninguém próximo que o entendesse como eu teria entendido. Talvez ninguém para ouvir...”

— “Até o final”, respondi, trêmulo. “Ouvi suas últimas palavras...” E me calei, assustado.

— “Repita”, murmurou ela em tom dolorido. “Eu quero... eu quero... alguma coisa... alguma coisa... para... para... para viver comigo.”

— Eu estava a ponto de gritar para ela: “Você não consegue escutá-las?”. A penumbra as repetia num sussurro insistente, em toda a nossa volta, um sussurro que parecia inchar ameaçadoramente como o primeiro sussurro de um vento que chega. “O horror! O horror!”

— “Sua última palavra... para viver comigo”, insistiu a moça. “Não entende que eu amava Kurtz... amava... amava!”

— Eu me controlei e falei devagar.

— “A última palavra que ele pronunciou foi... o seu nome.”

— Ouvi um leve suspiro e então meu coração parou, parou detido por um grito terrível, exultante, pelo grito de inconcebível triunfo e dor indizível. “Eu sabia... eu tinha certeza!”... Ela sabia. Tinha certeza. Ouvi seu choro; ela escondeu o rosto com as mãos. Me pareceu que a casa ia desmoronar antes que eu pudesse escapar, que o céu ia cair sobre a minha cabeça. Mas nada aconteceu. O céu não cai por uma bobagem dessas. Me pergunto se teria caído se eu aplicasse a Kurtz a justiça que merecia. Ele não tinha dito que queria apenas justiça? Mas eu não podia. Não podia contar para ela. Teria sido muito sombrio... absolutamente muito sombrio...

Marlow calou-se e foi sentar-se afastado, indistinto e silencioso, na pose de um buda em meditação. Ninguém se mexeu durante algum tempo. “Perdemos a primeira maré”, disse o Diretor de repente. Ergui a cabeça. Ao longe, um bloco de nuvens negras tapava a visão, e a tranquila via marítima que levava aos confins da Terra corria escura sob um céu encoberto... parecia levar ao coração de trevas imensas.



COLONIZAÇÃO E LOUCURA

por

CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER

Coração das trevas, o livro de Joseph Conrad, é composto por três peças publicadas inicialmente em separado, como um folhetim, e reunidas em um único volume em 1902. São duas narrativas, uma dentro da outra. Na primeira, o narrador está partindo de Londres para uma expedição à África a bordo de uma escuna de cruzeiro, após receber conselhos e preparações médicas para a viagem. Quando está deixando o porto de Gravesend, o experiente marinheiro Charles Marlow conta a sua aventura africana para os outros tripulantes — a segunda narrativa do livro. Notemos aqui um pequeno detalhe que nos introduz ao suspense e à indeterminação que atravessam toda a novela. *Grave*, em inglês, significa “sepultura”, o que nos remete a *graveyard*, “cemitério”; o verbo *send* quer dizer “enviar, mandar”; logo, o nome do ponto de partida indica um destino: *Envio para a sepultura*.

A maior parte do relato tem Marlow como narrador, mas ao final e em dois momentos críticos, no auge da trama, somos lembrados de que tudo não passa de uma história dentro de outra história. Podemos nos perguntar, então: por que Conrad resolveu criar esta narrativa moldura em vez de simplesmente nos deixar ouvir a respeito da viagem de Marlow?

Talvez porque procurasse um efeito de enquadramento importante. Se uma história pode existir dentro de outra, não seria possível que uma história dentro da história dentro da história estivesse acontecendo? Isso nos traria para o desdobramento espaço-temporal que cria o cenário onde o enredo se desenvolve: estariam os tripulantes procurando Kurtz, o enigmático senhor das trevas que se tornou líder e senhor de populações africanas, as quais deliberadamente trabalham para ele, em estado de devoção e temor, na extração do marfim? Ou, a busca por Kurtz não seria uma metáfora da investigação sobre a gênese da loucura humana, contida em nosso coração escuro, o qual faz parte de nós mas não conseguimos enxergar?

E se a história da procura por Kurtz fosse a história da loucura humana realizada por meio do empreendimento colonial, que em nome da civilização e do progresso conduziu povos inteiros ao sacrifício e à servidão? Neste caso, o recurso da moldura narrativa tem

uma finalidade interna ao livro. Ele nos convida a determinar, por nós mesmos, afinal do que se trata esta incursão ao coração da África. É um convite para criar e talvez encontrar nosso próprio sr. Kurtz.

Lembremos que o título em inglês é *Heart of Darkness*, cuja tradução para *Coração das trevas* é correta, mas deixa certas nuances de lado. *Heart* é “coração”, mas também, em um uso raro atualmente em português, quer dizer “essência” ou “âmago” de um problema ou assunto. Diz-se que a parte germinativa de uma semente é seu coração, assim como em alemão se diria o cerne ou o coração de nosso ser: *Kern unseres Wesens*.

“Trevas” traduz *darkness*, mas deixando de lado a força da palavra *dark*, literalmente “negro”, “escuro” ou “preto”, assim como a referência à expressão *dark continent*, usada para se referir à África não só porque é um continente habitado majoritariamente por negros, mas também porque encerra um mistério, representado por imensas áreas inexploradas ou desconhecidas.

Por fim, a preposição “das” no título não traduz perfeitamente a indeterminação da partícula *of* em *Heart of Darkness*, que poderia remeter tanto a *Coração das trevas*, indicando o lugar central de escuridão e desconhecimento, quanto a *Coração nas trevas*, sugerindo incapacidade de sentir e de perceber afetivamente os outros e a nós mesmos.

Isso indica uma indeterminação genitiva da partícula “das”, pois no primeiro caso devemos ler que as trevas têm um centro, um núcleo duro e essencial, enquanto no segundo caso é o próprio coração que possui trevas, que é sombrio e pouco iluminado.

Freud dizia que a mulher era o *dark continent* da psicanálise, porque, mesmo após anos de pesquisas e estudos, ele não conseguia saber a forma exata de seu desejo e os caminhos pelos quais a feminilidade se constrói.

Toda a exposição do livro de Conrad está coordenada por esta espécie de metáfora transversal, ou oposição reguladora, entre o visível e iluminado e o obscuro e negro, como nesta observação fortuita:

Nós vivemos no relâmpago... que ele dure enquanto a velha Terra continuar rodando! Mas as trevas estavam aqui ontem.

Lembremos que estamos em 1902, e a Inglaterra da rainha Vitória (1837-1901) havia se tornado o império no qual o sol nunca se põe. Ou seja, o império onde as sombras e a noite nunca acontecem. Foi o apogeu das ideias iluministas, outro signo solar da prevalência das luzes sobre a escuridão, conforme a grande imagem que domina o processo de conhecimento como um processo de tornar visível, de de-

obscurer, de desencantar os mistérios do mundo.

Assim como a ignorância deveria ser conquistada pela razão, o continente africano seria conquistado pelo progresso iluminador. Esta metanarrativa define o que se poderia chamar de ideologia do colonialismo. Ela justifica a exploração e a escravidão por meio da necessidade de introduzir bons costumes, cultura e esclarecimento às populações bárbaras, pagãs, animistas e fetichistas. Muito já se observou que a colonização, inclusive a portuguesa no Brasil, envolve um processo brutal de rendição das populações nativas em nome de nobres valores, mas também em nome de novos mercados consumidores e da busca de novos produtos e pessoas a serem explorados.

A narrativa de *Coração das trevas* se organiza a respeito do crescente suspense em torno de quem é Kurtz, afinal, e como ele teria adquirido tanto poder e tanta fama. À medida que a dúvida e a inquietação prosperam e que pistas desesperadoras e hipóteses inconclusivas se acumulam, o texto captura o leitor. A qualidade das perguntas começa a ultrapassar em muito a densidade das respostas, o que concorre para a produção de um efeito de estranhamento que Freud descreveu por meio do termo alemão *Unheimlich*, que nos remete ao conceito de infamiliar¹ tanto pela negação da experiência de estar em casa quanto pela desconfiança criada pela distância de casa, assim como pela revelação de algo que deveria permanecer oculto ou ainda pela passagem da morte para a vida.

Todas as negações da identidade definida pela experiência familiar são postas em ação pelo trabalho de Conrad. Partir em viagem para a África é sair de casa. A distância entre diferentes formas de vida atravessa o romance e define, principalmente, sua segunda parte. A revelação de algo que deveria permanecer oculto estrutura o enigma representado por Kurtz. Finalmente a passagem entre morte e vida terá um papel crucial na aventura.

A combinação improvável, a ambiguidade e o deslocamento inversivo entre luzes e trevas é a estratégia fundamental da exposição, mas esta se une ao efeito fundamental de estranhamento e inquietude — as duas traduções mais correntes de *Unheimlich* —, ou seja, um tipo específico de angústia, a que somos levados pela leitura desta novela.

Neste enquadramento, o coração das trevas é a lenta e angustiante descoberta de que, no mais íntimo de nosso ser iluminado e racional, habita um estranho, representado por desejos recalçados, pulsões não reconhecidas e hostilidades insuspeitas.

Contudo, se invertemos o enquadramento da alma girando a colonização de nós mesmos para a colonização do outro, veremos que o livro torna-se uma metáfora crítica de sua época de modo muito específico. Lembremos que a companhia para a qual Marlow trabalha

tem negócios no rio Congo, e é para lá que ele é enviado.

Na década de 1870, o imperador Leopoldo da Bélgica, à época uma monarquia parlamentar, iniciou estudos para adquirir ele mesmo, em nome e interesse próprios, uma colônia.² O empreendimento é sem igual em se tratando de fins do século XIX, pois não era uma questão de expandir os domínios belgas adquirindo verdadeiras colônias, mas algo mais parecido com um rei comprar o território de um vizinho para fazer ali sua casa de campo ou seu condomínio particular de praia. Depois de examinar vários lugares no mundo, Leopoldo chegou à região semi-inexplorada do rio Congo, cuja foz não havia sido perfeitamente mapeada, servindo assim como uma das últimas fronteiras geográficas do mundo. Realmente não se sabia com precisão quem vivia ali e como; não se tinha ideia das riquezas ou das dificuldades da região.

Estamos no coração das trevas, sinônimo do Real como desconhecido. Isso nubla o fato de que é apenas para os brancos, colonizadores cristãos e ocidentais, que aquela é uma terra sem nome, pois muitos já a habitavam, mas estes são postos na penumbra etnocêntrica. Joseph Conrad trabalhou na marinha mercante, tendo passado pelo Congo e testemunhado a barbárie que permanecia “no escuro” para a maior parte dos europeus. De fato, é assim que Conrad descreve a colonização:

Mas esses sujeitos não eram grande coisa na verdade. Não eram colonizadores; a administração deles era mera exploração, mais nada, eu acho. Eram conquistadores e para isso é preciso apenas força bruta, nada para se orgulhar uma vez que a sua força é um mero acidente que brota da fraqueza dos outros. Eles agarravam o que podiam só porque estava ali. Era apenas roubo com violência, agravado por assassinato em massa, e homens partindo em direção a isso às cegas, como é bem apropriado aos que enfrentam a escuridão.

Leopoldo contratou o grande explorador inglês Stanley para descer o rio Congo dizimando populações e fazendo os líderes locais assinarem documentos de venda perpétua da terra em troca de ternos, tecidos e garrafas de gim. Estes escreviam apenas um “x” no local indicado, e assim o rei belga tornou-se — ele próprio, pessoa física —, proprietário de um território um pouco maior do que a Índia.

Para lá ele mobilizou tropas do governo que supervisionavam a extração de marfim, o que logo o tornou uma das pessoas mais ricas do mundo. Os soldados, como funcionários pessoais do rei, eram submetidos a um regime tão austero que deveriam apresentar uma mão cortada por cada bala empregada nos massacres ali realizados.

Este capítulo da colonização africana, provavelmente o mais sangrento e ignóbil, foi sobejamente aplaudido pelas potências

europeias e americanas graças à astúcia de Leopoldo.³ Primeiro, ele fundou a Associação Internacional Africana, com o objetivo de “unir” as forças do continente. Depois, sendo reconhecido como “protetor das nações africanas”, ele substituiu esta sociedade fantasma por outra de propriedade exclusiva sua.

Sem mencionar este “detalhe”, Leopoldo conseguiu que o governo norte-americano reconhecesse sua colônia. Em 1884, na Partilha da África, realizada pelas grandes potências em Berlim, ele escapa ileso como dono do Estado do Congo, graças ao seu discurso “civilizatório” e favorável ao “livre mercado”, como antes havia se declarado fervorosamente contra a escravidão no Brasil.

Fica claro, então, quem é o protótipo do misterioso Kurtz, este cidadão meio inglês, meio francês e de nome alemão. Mas há uma segunda trama que atravessa a barbárie realizada em nome das luzes, um enredo mais sutil que descreve o processo de enlouquecimento daqueles que se embrenham na escuridão. Aqui, o continente negro é formado pelo próprio europeu que perde o seu discernimento, a sua relação com ideais, e torna-se uma espécie de contrário de si mesmo. Antes de partir para a sua aventura, Charles Marlow recebe conselhos da tia e passa por um médico alienista. Este lhe mede o crânio e diz:

“Eu sempre peço permissão, no interesse da ciência, para medir o crânio dos que estão indo para lá”, disse. “E quando voltam também?”, perguntei. “Ah, nunca vejo ninguém na volta”, ele observou; “e, além disso, as mudanças acontecem por dentro, sabe.”

Os alienistas, dos quais Machado de Assis nos dá um retrato brasileiro em 1882, vinte anos antes de Conrad, eram médicos que entendiam a loucura como uma forma de alienação, ou seja, de suspensão provisória da capacidade humana de reconhecer-se como uma consciência e de ter consciência de suas próprias alteridades.

Alienação ocorre quando não nos reconhecemos no produto de nossos atos, mas também quando não reconhecemos o estrangeiro como semelhante a nós, ou ainda quando não reconhecemos o estrangeiro que habita em nós; vale dizer, o coração de nossas trevas interiores.

O alienista de Conrad mede as circunvoluções do crânio porque cientistas da época, como Lavater, Fowler e Lombroso acreditavam que era possível prever e diagnosticar a loucura em função do formato específico do crânio de uma pessoa. Ele pergunta a Marlow se há antecedentes de loucura na família porque as teorias de Morel afirmavam que a degenerescência familiar era a principal causa da loucura.

Isso devia-se a uma curiosa interpretação antropológica da

hierarquia entre as raças e das formas humanas. A partir do positivismo de Auguste Comte e da incorporação das ideias de Darwin à teoria social, formou-se o consenso de que assim como as raças humanas evoluíam do estágio mágico-animista para o religioso, e do religioso para o científico, as pessoas desenvolveriam sua razão, desde a infância até a vida adulta, abandonando formas de pensamento mais regredidas e assumindo formas de pensamento mais evoluídas como a ciência.

O evolucionismo social, a ciência padrão mais aceita na época, era uma das peças fundamentais do empreendimento colonizador porque alegava que as populações nativas, não europeias, da África, da América ou da Ásia eram apenas povos que ainda não tinham evoluído tanto quanto os europeus brancos e cristãos.

Se as colonizações dos séculos XVI e XVII estavam baseadas na salvação das almas pagãs e impuras, às quais era uma bênção e um dever levar o cristianismo, as colonizações dos séculos XVIII e XIX estavam baseadas no esclarecimento e na dominação em nome das luzes e da razão. Daí os conselhos do alienista antes da viagem: evite muito sol, os trópicos deixam as pessoas irritadas, é preciso manter a calma quando chegar lá.

Quando sai da consulta, Marlow sente “uma estranha sensação de que eu era um impostor”, ou seja, começa a duvidar da sua própria autenticidade, signo da loucura, mas também signo de que, ao reconhecer sua própria loucura, o sujeito está recuperando sua razão. Essa sensação vai se intensificando ao longo da história, à medida que o narrador vai tendo contato com a violência da colonização: “Havia um toque de loucura no processo, uma sensação de brincadeira lúgubre no que se via”, que poderia levar ao suicídio, ou o “olho fraco de uma loucura ávida e impiedosa” ou os que lutavam contra a dominação da loucura, de modo irrisório, tentando preservar o alinhamento do seu vestuário ou simplesmente a sustentação da rotina.

O encontro com a loucura representada pelas trevas podia ser adiado pela quietude, mas o ideal mesmo é que “quem vem para cá não pode ter entranhas”. Em meio a este autêntico naufrágio da razão, há alguém que se destaca como gênio universal, capaz de misteriosamente manter um nível de produtividade acima de todas as expectativas, um verdadeiro facho de luz em meio a uma terra de miséria e doença: Kurtz.

Não seria exagero comparar o enigma de Kurtz ao mistério que cercava os haitianos antes da revolta de São Domingos, que os levou a decretar o fim da escravidão naquela colônia francesa em 1793. Guiados pelos ideais iluministas e liderados por Toussaint Louverture, o Napoleão Negro, os haitianos derrotaram as tropas francesas naquela que era uma das mais produtivas colônias de uma república

nos moldes republicanos levados a cabo pela Revolução Francesa.⁴

O efeito do desastre causado pela retaliação das potências europeias e americanas a este ato inaugural de submissão foi devastador sobre a até então próspera ilha. Com o resíduo desta operação formou-se um mito sincrético, afro-americano, sobre a origem da riqueza. Afinal, como alguém se torna rico?

Para os sobreviventes deste massacre colonial, um rico tem o segredo que faz os outros trabalharem de graça para ele, o segredo da confecção de zumbis. Um zumbi é feito da seguinte maneira: quando alguém morre em estado de solidão, seu corpo fica disponível para ser reaproveitado. O rico sabe como reavivar os mortos e fazê-los trabalhar para si. Como estão mortos, seus espíritos não reivindicam nem se rebelam; eles não dão trabalho, pois apenas obedecem. Contando com seres deste tipo, e graças à sabedoria para produzir zumbis, os ricos se tornam ricos, simplesmente porque têm outros não humanos ou semi-humanos que trabalham para eles.

Kurtz tem um segredo que faz com que seus protegidos trabalhem para ele. Por isso bate todas as metas e por isso tornou-se um mito no coração das trevas. O enigma de Kurtz pode ser agora enunciado: “Não sei por que nos comportamos como loucos.” A busca pelo coração das trevas torna-se cada vez mais o horizonte e o destino pelo qual “seguíamos em frente, na direção de Kurtz”.

Na segunda parte do livro, há a descida do rio Congo, rumo ao inexplorado. Mas onde estaria este rio? Na alma, na África, na barbárie colonizatória? É aqui que a loucura se confunde com o empreendimento de introspecção pelo qual Kurtz torna-se uma espécie de obsessão para o protagonista, que não percebe que sua inquietação com o outro é na verdade a inquietação, não reconhecida, consigo mesmo.

Mas a forma mais saliente de loucura como alienação se dá com a falta de percepção, por parte de Marlow, de que sua tripulação, formada por negros nativos, está passando fome. Isso fica insinuado pela carne de hipopótamo apodrecida ou pela “massa semicozida, de um arroxeadado sujo”, e pela abrupta revelação de canibalismo: “‘Pega eles. Dá eles pra nós.’ ‘Para vocês, é?’, perguntei; ‘e o que vão fazer com eles?’ ‘Nós come!’” Vivendo em um barco a vapor por dias a fio, o protagonista não havia se dado conta de seu estado faminto. Os adjetivos mudam de sentido e os afetos começam a proliferar no texto: medo, apatia, tristeza, desespero e melancolia. Contudo, a figura fundamental da loucura não está nem na desrazão nem na errância dos afetos, mas na voz. Kurtz lentamente passa a se confundir com uma voz, que por sua vez confunde o leitor ao sobrepor a cena da viagem pelo rio Congo e a cena da lembrança destes acontecimentos na partida da *Nellie* de Gravesend.

Ouvir vozes sempre foi o critério clínico fundamental da loucura. Vozes que confundem e perturbam nosso entendimento de quem é o narrador e, no final, de quem é o eu que governa nossa história, nossos sentidos e nossa razão. Tudo isso é trazido à tona por meio do recurso literário das vozes narrativas indeterminadas, no tempo e no espaço, nesta parte do texto:

(...) andando delicadamente entre o açougueiro e o policial, no sagrado terror do escândalo, da prisão e do hospício, como vocês podem imaginar a que regiões específicas das primeiras eras podem os pés desimpedidos levar um homem por meio da solidão.

A solidão de Marlow se denuncia quando está entre a “lata de lixo do progresso” e os “gatos mortos da civilização”, ou seja, em meio à loucura da realização do projeto colonial. Este é Kurtz, o branco solitário a quem somos levados na terceira parte da viagem. O “volume de voz”, “o murmúrio de muitas vozes” da floresta, sozinho na mata a “alma dele estava louca”, e a morte nada mais seria do que a partida da voz e o eco por ela deixado.

Coração das trevas é a história de uma dupla viagem: a do homem até as trevas de seu próprio coração, a voz mais íntima de sua loucura, mas também a do europeu rumo ao desconhecido africano em sua empreitada de colonização. Quando Francis Ford Coppola filmou uma versão desta história, reproduzida no morticínio americano provocado na Guerra do Vietnã, descobrimos que a colonização não terminou, que ela recomeça cada vez que queremos levar o bem e a salvação ao outro, a quem destituímos de sua língua e de seu marfim branco e reluzente; cada vez que nos tornamos imunes e insensíveis à sua fome; e cada vez que construímos nossa solidão nas trevas para onde queríamos levar a luz.

CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER é psicanalista, articulista, youtuber e professor titular da Universidade de São Paulo. Em 2012, recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro de Psicologia e Psicanálise.

1 FREUD, S. *O infamilliar [das Unheimliche]*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

2 GALVÃO, Walnice Nogueira. Para não esquecer o rei Leopoldo. *Revista trópico*, São Paulo, abr. 2007. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/>

tropico/html/textos/2854,1.shl.

3 HOCHSCHILD, Adam. *Les Fantômes du Roi Léopold — Un holocauste oublié*. Paris: Belfond, 1998.

4 BUCK-MORRS, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: N-1, 2017.

DA FOZ À NASCENTE: UMA JORNADA PARA TODOS OS TEMPOS

por

ANA MARIA BAHIANA

Escrito na mesma época em que o cinema nascia — a última década do século XIX —, *Coração das trevas* é uma narrativa que parece ter a missão de ser imagem em movimento. O argumento parece simples. Um barco, um rio, um grupo de homens exaustos num lugar hostil, onde a própria natureza parece inquieta, furiosa, irritada com a presença deles. Tudo isso aliado ao ponto de vista de Marlow, um narrador formidável, prodigioso, repleto de detalhadas memórias, comentários, alusões e referências.

Assim como Marlow e *Coração das trevas*, toda a obra de Joseph Conrad cativa, oferecendo aquilo que uma narrativa visual pede: o detalhe exterior e interior, a riqueza de personagens, o jogo de pontos de vista.

Mas entraremos nisso daqui a pouco. Agora, como Marlow, sentado em um barco atracado no estuário do Tâmis, já engolfado pela escuridão que será o guia e a metáfora-mãe de sua história, vamos tentar a viagem ao revés, da foz à nascente. Que, como a viagem de Conrad/Marlow, é uma jornada tanto no espaço quanto no tempo — outro elemento que une tão intimamente este texto ao cinema.

A obra cinematográfica que mais diretamente bebe na fonte de *Coração das trevas* é *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola, 1979. Não é a mais recente, já que em 1993 o diretor britânico Nicolas Roeg (*Performance*, *O homem que caiu na Terra*) fez uma adaptação direta do livro de Conrad para o canal norte-americano TNT, com John Malkovich interpretando sr. Kurtz e Tim Roth no papel de Marlow. O filme de Roeg não entusiasmou críticos nem plateias, mas tem seus momentos de intensa proximidade com Conrad: os relances inesperados, os encontros misteriosos, os gestos inacabados.

Apocalypse Now, por sua vez, é o marco da relação de *Coração das trevas* com o cinema, porque ecoa perfeitamente as ideias e os sentimentos que levaram Conrad a escrever sua história. O livro e o filme são como duas imagens desenhadas em transparências, que, colocadas uma sobre a outra, tornam-se completas, em perspectiva.

Coração das trevas nasceu da experiência de Conrad como

tripulante e capitão de um vapor fluvial no rio Congo, em 1890, no auge da chamada Partilha da África, quando as nações europeias, privadas de suas colônias nas Américas, tramavam entre si a divisão do continente africano. Já *Apocalypse Now* nasceu do fascínio do escritor, roteirista e diretor John Milius com o livro de Conrad, que leu quando estudava cinema na University of Southern California, nos anos 1960, e logo viu a justaposição entre o Congo colonial do século XIX e o Vietnã em chamas pelo embate de dois sistemas de governo — capitalismo e comunismo — em meados do século XX.

Em ambos os casos, Milius notou, os donos da narrativa eram aqueles que ambicionavam ser donos das terras e dos povos, enquanto o verdadeiro drama era exatamente o fato de a vida dessas terras e desses povos estar em jogo.

Como Conrad, Milius era (e ainda é) um conservador. Na universidade, para zoar com os hippies que haviam criado o slogan “Nirvana Now”, Milius imaginou sua antítese: “Eu adorava a ideia de um cara andando por aí com um button com uma nuvem nuclear e as palavras ‘Apocalypse Now’. Tipo, nada funciona, vamos destruir tudo mesmo.”

É fácil imaginar que Milius se identificou com o sr. Kurtz. Na verdade, seu “vamos destruir tudo” ecoa diretamente o “exterminar todos os brutos” do pós-escrito de Kurtz em seu relatório para a fictícia Sociedade Internacional para a Supressão de Costumes Selvagens.

Mas com certeza ele se identificou também com o narrador, o dono da história, o copioso e detalhista Marlow.

A suprema ambiguidade moral de *Coração das trevas*, o pulsar entre a repulsa aos delírios de poder de Kurtz e o racismo corriqueiro, o registro ambivalente dos maus-tratos aos habitantes locais — às vezes com horror, às vezes com completo distanciamento — também influenciaram Milius. Ao longo de sua carreira como roteirista, ele oscilou entre a adoração da violência — como em *Conan, o bárbaro*, *Perseguidor implacável* e *Magnum 44* — e a reverência à liberdade e à responsabilidade individuais, e as consequências dessas escolhas — casos de *Mais forte que a vingança* e *Gerônimo: uma lenda americana*.

Curiosamente, os melhores amigos de Milius na faculdade eram mais próximos da turma dos hippies: os futuros diretores George Lucas e Francis Ford Coppola. Foi Lucas quem primeiro se interessou pela proposta de Milius — um filme livremente baseado em *Coração das trevas*, situado em pleno campo de batalha do Vietnã, reverberando tanto a obra de Conrad quanto outros textos favoritos de Milius, como a *Odisseia* de Homero e o *Inferno* de Dante.

Lucas jamais conseguiu dirigir o que viria a ser *Apocalypse Now* (o título existia antes mesmo de o roteiro ter sido escrito). Com o sucesso

do seu primeiro longa, *Loucuras de verão*, ele finalmente tinha conseguido emplacar um projeto que vinha desenvolvendo com paixão há anos: *Star Wars*.

Coppola assumiu o posto do amigo, e as brigas começaram. A ambiguidade da obra de Conrad — uma das favoritas de Coppola, também — repercutiu na personalidade dos dois criativos; a complicada esfinge da narrativa de Marlow provocava pontos de vista diversos entre aqueles que ousavam interpretá-la.

A visão de Milius — que Lucas abraçava — era mais próxima de *A batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo: um meio caminho entre ficção e realidade, em preto e branco, incorporando material documental colhido no Vietnã. Coppola imediatamente tirou do bolso *Aguirre, a cólera dos deuses*, de Werner Herzog — que não deixava de ser um voo sobre os temas e gatilhos estéticos de *Coração das trevas*, com o rio Amazonas fazendo o papel do rio Congo e o Aguirre de Klaus Kinski reverberando o sr. Kurtz.

Dessa maneira, *Apocalypse Now* passou de um semidocumentário para uma ópera. E uma ópera antiguerra, seguindo a visão de Coppola, algo que enfureceu Milius de vez. Numa entrevista de 1976 para a revista *Film Comment*, quando Coppola já tinha terminado sua versão do roteiro e começava a pré-produção de *Apocalypse Now*, Milius não poupou palavras: “Francis Coppola tem essa obsessão com salvar a humanidade, mas é um fascista furioso, o Mussolini de São Francisco.”

O filme finalmente chegou às telas em 1979, depois de anos de luta, várias crises, um infarto, um tufão e muito mais (todos devidamente registrados no documentário *Francis Ford Coppola — o apocalipse de um cineasta*, que contém material filmado por sua esposa, Eleanor Coppola). De todas as adaptações da obra de Joseph Conrad, é a que melhor a traduziu em profundidade, e fez todas as conexões necessárias para que o brilho de sua escuridão alcançasse a realidade da segunda metade do século XX.

Há cenas tiradas diretamente do livro — a chegada do barco do capitão Willard (Martin Sheen) ao “reino” de Kurtz (Marlon Brando, obeso, inicialmente oculto pelo enquadramento e pela iluminação de Vittorio Storaro); a narração em off de Willard, o Marlow do século XX (escrita por um veterano da guerra do Vietnã, o notável Michael Herr), conduzindo a trama; o russo que se transforma no fotógrafo de Dennis Hopper — “(Kurtz) é um poeta guerreiro, cara!” substituindo “inteligência superior, ampla comisseração e unicidade de propósito” do texto de Conrad; o barco, o rio, o conceito de tempo levando os personagens por portais da experiência humana, do (lindo, terrível) bombardeamento da ponte ao vilarejo pré-histórico e delirante de Kurtz.

Na primeira das versões revistas do filme, *Apocalypse Now: Redux*, de 1999, Coppola adicionou um longo segmento com Willard e sua tripulação na casa-grande de uma família francesa, descendente dos primeiros ocupadores da então Indochina na era colonial. O clima de sonho/alucinação reforça a noção de que estamos indo rio adentro, rumo ao passado.

Sobretudo, o esteio central de *Coração das trevas* está intacto: a premissa de que o horror que praticamos sob a bandeira da civilização e do progresso é mais bestial que as próprias bestas — para quem civilização e progresso não têm a menor importância — e igualmente nos fascina, estimula, repulsa e destrói.

Há uma simetria elegante e cruel aqui: o colonialismo ibérico na América do Sul de *Aguirre*, o colonialismo belga na África Central de *Coração das trevas*, o intervencionismo norte-americano no Sudeste Asiático com a Guerra do Vietnã de *Apocalypse Now*.

Com *Redux* e, agora, *Apocalypse Now: Final Cut* — versão lançada este ano que inclui o material de *Redux* revisto, reeditado e transposto em brilhante Ultra HD —, o projeto de uma interpretação do século XX da obra de Conrad se resolve, pleno. Mas não é difícil achar respingos desta narrativa em muitas outras manifestações da cultura de massa.

No radioteatro houve uma adaptação de *Coração das trevas*, escrita e interpretada por Orson Welles, em 1938, que por pouco não foi transformada em filme um ano depois — a ideia era filmar a história inteiramente do ponto de vista de Marlow. Em 1958, foi gravado um especial da rede CBS com Roddy McDowall no papel de Marlow e Boris Karloff como Kurtz. Em 2014, Paul Lawrence publicou o livro *Hearts of Darkness*, que, seguindo o comentário de Marlow logo no início da obra de Conrad — “este também foi um dos lugares sombrios da Terra” —, transpõe a narrativa para o Tâmis no ano de 1666. A série britânica *Taboo*, estrelada por Tom Hardy em 2017, e as recentes refilmagens de King Kong têm uma clara influência de *Coração das trevas*.

Há também a versão de John Milius da história, *Uma vida de rei*, de 1989, na qual um soldado norte-americano (interpretado por Nick Nolte) escapa de um campo de prisioneiros em Bornéu, durante a Segunda Guerra Mundial, e cria um reino próprio na selva.

Além disso, há uma peça de teatro e uma ópera de um ato, estreada em 2011 na Royal Opera House de Londres, composta por Tarik O'Regan com libreto de Tom Phillips encenando a trama de Conrad. A ópera, nas palavras de O'Regan, é propositalmente pequena em elementos de cena e grande em emoção, “exatamente como o pequeno e poderoso livro de Joseph Conrad”. No mercado de videogames, *Far Cry 2*, *Spec Ops: The Line* e *Victoria II* foram

influenciados por *Coração das trevas*.

Na poesia, T.S. Eliott abre seu poema “Hollow Men” [“Os homens ocos”], de 1925, em grande parte sobre a lenta agonia da Europa colonial no período pós-Primeira Guerra Mundial, com a frase do “menino do gerente” de Conrad: “Mistah Kurtz, he dead.” [“Sinhô Kurtz... ele morreu”].

De certa forma, pode-se dizer que qualquer filme ou série — de ação, drama ou comédia — que ponha um grupo razoavelmente complexo de personagens num barco, num rio, com uma missão difícil e possivelmente fatal, ecoa Conrad e *Coração das trevas*.

Há algo em Joseph Conrad que fala profundamente a todos nós, mais de um século depois. Conrad inspirou obras tão diversas como faixas do álbum *Desire*, de Bob Dylan, um episódio dos Simpsons e o personagem de quadrinhos Corto Maltese, de Hugo Pratt.

Vários de seus livros, além de *Coração das trevas*, foram adaptados para o cinema: *Vitória* foi o primeiro, em 1919, dirigido por Maurice Tourneur; *Sabotagem*, uma adaptação de *O agente secreto*, foi dirigido por Alfred Hitchcock em 1936 e é considerado o primeiro thriller de suspense da história do cinema (o tema incrivelmente atual — espionagem, terrorismo, identidades secretas — levou a uma refilmagem em 1996 e a uma nova produção em série, da BBC, em 2016); *Lord Jim* foi adaptado para o cinema em 1925, dirigido por Victor Fleming e intitulado *Maldição gloriosa* no Brasil, e novamente em 1965, estrelado por Peter O'Toole e dirigido por Richard Brooks, mantendo o título do livro; *The Shadow Line*, de 1976, foi dirigido por um ilustre compatriota de Conrad, o polonês Andrzej Wajda; *Os duelistas*, uma adaptação de *O duelo* por Ridley Scott, é de 1977.

No total, há 28 adaptações de obras de Conrad para cinema e TV, por realizadores de todos os cantos do mundo. Ele mesmo era um viajante, um marinheiro, vivendo o conflito entre abraçar e rejeitar o mundo colonial, que para ele era também ambíguo. Nascido em uma família polonesa na Ucrânia, que havia sido parte da Polônia e era, em 1857, parte do Império Russo, Conrad cresceu entre Áustria, França, África e Ásia.

O mundo já era pequeno no final do século XIX, e iria se tornar ainda menor nas décadas seguintes, nas quais suas histórias de deslocamento, estranheza e desconfiança fariam cada vez mais sentido.

E quando o mundo já tinha encolhido mais do que ele poderia imaginar, Conrad foi além. Fã do escritor desde seu primeiro filme, Ridley Scott batizou a nave de *Alien: o oitavo passageiro* com o título de outra obra de Conrad, *Nostromo*, na qual o pano de fundo é a tensão entre oligarcas e trabalhadores, como os donos da nave espacial e seus funcionários.

Para que não houvesse dúvidas, Scott também deu o nome Narciso ao pod de fuga de *O oitavo passageiro*, referência a *The Nigger of the Narcissus*, uma das primeiras novelas de Conrad, na qual um mal fatal ataca a tripulação de um navio. Continuando a cadeia, James Cameron deu o nome Sulaco — uma cidade do país fictício de *Nostromo* — à nave de *Aliens: o resgate*, e David Fincher escolheu o nome Patna, o navio de *Lord Jim*, para a espaçonave de *Alien 3*.

Assim, não mais confinadas aos trópicos, as especulações de Conrad sobre a natureza humana chegaram, finalmente, ao espaço.

ANA MARIA BAHIANA é escritora e jornalista com mais de trinta anos de atuação. Atualmente é editora do site goldenglobes.com.

IMPERIALISMO, COLONIZAÇÃO E RACISMO

por

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA

Tomai o fardo do Homem Branco —
Continua pacientemente
Encubra-se o terror ameaçador
E veja o espetáculo do orgulho;
Pela fala suave e simples
Explicando centenas de vezes
Procura outro lucro
E outro ganho do trabalho.

(Trecho do poema “O fardo do homem branco”, de Rudyard Kipling)

Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831) foram os pensadores que definiram o ideário filosófico do Ocidente. Suas filosofias deram o contorno às principais concepções de moral e de política, à filosofia do direito e à teoria do Estado; sedimentaram as bases do liberalismo político e econômico e das concepções estéticas. Com suas obras, ajudaram a estabelecer o conceito de “humanidade”.

Mas para a inteira compreensão de como se dá a configuração do “humano” em Kant (o vértice mais sofisticado da modernidade filosófica) e em Hegel (o ponto de não retorno da filosofia contemporânea), é importante saber o que estes autores achavam dos não europeus, particularmente dos africanos.

Em *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*,¹ publicado em 1764, Kant escreve que “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo”. Neste mesmo texto, o filósofo alemão demonstra pleno acordo com as afirmações do escocês David Hume, que afirmava categoricamente que entre os negros, mesmo aqueles postos em liberdade, “não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão”. O mesmo não se daria entre os brancos, que “mesmo saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes”. Para Kant, a diferença “essencial” entre brancos e negros não se resumia às “cores”, mas estava, principalmente, nas “capacidades mentais de cada raça”. No fim das contas, nos subterrâneos da paz perpétua e da moralidade

universal há uma Conferência de Berlim (1884-1885), dividindo a África entre os invasores europeus.

Já Hegel, em “Lições sobre a filosofia da história”,² de 1831, afirma que “a África propriamente dita” é terra que permaneceu fechada, “sem laços com o resto do mundo” e “debruçada sobre si mesma, terra da infância que, além do surgimento da história consciente, está envolvida na cor negra da noite”. Desse modo, Hegel conclui que os negros, filhos desta terra obscura, fechada, “sem história”, que é a África, não têm uma consciência capaz de conduzi-los a nenhuma “objetividade firme”, como “Deus” (cristão) ou o “Direito”. Vemos, então, que o negro é, para Hegel, pura selvageria, incapaz, portanto, de qualquer respeito ou moralidade. Para ele, não se pode encontrar nada no caráter do negro “que possa lembrar o homem”.

O que essas passagens de Kant e Hegel sobre África demonstram? Que o humanismo e o universalismo europeus foram pacientemente construídos a partir de uma oposição irreduzível entre “humanos e não humanos”, em que os primeiros são os homens brancos oriundos das fantasias que a Europa criou sobre si mesma, e os segundos são os *radicalmente outros*; aqueles que não se pode compreender, seres mergulhados na escuridão e na irracionalidade, com suas feitiçarias, animismos, transe, composições familiares imorais, roupas extravagantes, temperamento irascível e lascivo, verdadeiros animais.

No projeto de civilização europeia, definir-se humanos era separar-se do conjunto da natureza e viver de acordo com regras civilizatórias, o que implicava na diferenciação do “Outro” (no sentido daquele cuja existência opositora me constitui enquanto sujeito e me dá sentido existencial), no estabelecimento de diversas linhas demarcatórias na forma de leis, fronteiras, hábitos, gostos e características físicas e culturais.

Para isso, o homem branco e civilizado tomou para si a tarefa de estabelecer essas linhas entre humanos e não humanos, já que os africanos e outros povos não brancos, segundo esta visão, não teriam condições de desempenhá-la. A tarefa de civilizar o mundo, de espalhar a racionalidade da economia de mercado, do direito e do cristianismo e, assim, tirar a humanidade de sua infância, é um fardo que cabe ao homem branco — e somente a ele — carregar. Os perigos são imensos ao homem branco: a África seria, nessa visão distorcida, um abismo que, ao ser olhado, pode trazer à tona tudo que a civilização ocidental lutou para soterrar, como os irracionaisismos, as superstições e os barbarismos.

A África foi construída pelo medo branco e descrita como a grande noite da humanidade. É como se, nas fantasias do mundo dito civilizado, Deus tivesse criado um abismo na Terra para que os homens se lembrassem da ausência que lhes constituía a alma — o

pecado — e, como era importante estar perto da luz, cuja tocha era a cultura europeia. Esta nos ensinou que olhar para a África é imiscuir-se na ignorância em seu estado bruto. E os aventureiros estejam avisados: a loucura e o horror podem aparecer em seu caminho, como ocorreu com o capitão Marlow e, especialmente, com o sr. Kurtz, em *Coração das trevas*.

Coração das trevas foi escrito no século XIX, no auge das empreitadas coloniais europeias. E apesar das críticas aos horrores do imperialismo — particularmente o belga, que sob o comando de Leopoldo II massacrou dez milhões de congoleses — percebe-se no livro a reprodução do medo da África produzido pela máquina de delírios e fantasmagorias de que se serve o *imperialismo*, como observaram Chinua Achebe em “Racism in Conrad’s Heart of Darkness” e Edward Said em “Two Visions in Heart of Darkness”.

O imperialismo marcou o início da dominação colonial, fato desencadeado pela primeira grande crise do capitalismo, de 1873, que levou à expansão comercial para além das fronteiras nacionais. Portanto, “O Grande Pânico” — como ficou conhecida a crise — não apenas alterou a organização econômica e financeira do capitalismo, como também redefiniu o equilíbrio político e militar global, o que, anos mais tarde, levaria à Primeira Grande Guerra (1914-1919).³

A ideologia imperialista baseou-se no racismo e na ideia eurocêntrica de progresso. No século XIX, a fusão entre a crença na existência de raças e a ideia de progresso resultou no chamado *racismo científico*, e teve papel de destaque na naturalização da espoliação, dos assassinatos e da destruição promovida pelos países da Europa no continente africano.⁴

A empreitada colonial e a expansão do capitalismo (“mistura de morte e negócio”⁵) têm no racismo um fator determinante. Por isso, o humanismo da civilização europeia nunca pôde abrir mão das mistificações racistas que ainda hoje dão forma e figura ao nosso mundo.

Peguemos como exemplo desse processo o homem branco europeu. Ele é resultado de profundas contradições sociais, sendo ele mesmo uma contradição. Como já dissemos antes, o projeto civilizatório europeu se objetiva na medida em que avança por (e destrói) tudo aquilo que estiver a sua frente, como já denunciaram Adorno e Horkheimer em *Dialética do esclarecimento*.⁶ Dessa forma, para que “as luzes da razão” pudessem ser vislumbradas, foi constituído um território de sombras, escuridão e irracionalidade, a fim de servir-lhe como *oposto complementar*, território que ocupado e dominado seria chamado de *colônia*.

Assim, a fundação de uma alteridade radical entre civilizados e incivilizados exigiu três condições especiais, todas bastante

relacionadas entre si. A primeira delas foi uma *condição política*, dada pelo *Estado*, cujo funcionamento como máquina de guerra permitiu a destruição dos territórios colonizados a fim de que suas formas de organização política, suas instituições e práticas econômicas não pudessem ser alternativas ao modelo imposto pelos colonizadores. O Estado contemporâneo opera para o capitalismo o que em astrofísica e geofísica se chamaria *terraformação*, o que significa a preparação de um território para servir aos interesses de novos ocupantes, invasores ou, no caso, colonizadores. A devastação promovida pela violência do Estado colonial agora confirma materialmente que ali, na colônia, não havia história ou o que pudesse se assemelhar a uma civilização. Está criado o imaginário sobre a África.

A segunda condição é *antropológica*. Os indivíduos do lugar em que será instalada a colônia não podem ser tratados como se dentro dos limites da humanidade estivessem. Devem ser vistos como seres diferentes, exóticos e irracionais que em nada se assemelham ao homem civilizado. A cor de sua pele, seus traços físicos e suas práticas culturais devem ser considerados “sintomas” de uma deformação moral que, não podendo ser modificada, deve ao menos ser contida pelo processo civilizador. Eis que surge o *Negro* como encarnação daquilo que a civilização mais teme, como resultado da negação da humanidade aos não europeus.

A terceira é a *condição epistemológica*. As fantasmagorias sobre o território africano e sobre as populações que lá habitam só funcionariam se a realidade fosse turvada por um maquinário de produção de sentidos que eliminasse as diferenças, que apagasse a memória, que simplificasse os conflitos a disputas irracionais, “tribais”, muitas vezes orientadas por magia e superstição (como se conflitos motivados por religião não fossem comuns em território europeu).

Para que esse processo funcionasse, a complexidade da vida em África deveria ser tratada como algo simplório, típico de “selvagens”, e reduzida a termos pretensamente científicos e a considerações estéticas, dos quais diversas conclusões sejam tiradas somente para reforçar a ideia de que as trevas são parte da África, da alma e da pele dos africanos. Daí nasce a *Raça*,⁷ essa “loucura codificada”, como diz Achille Mbembe, simplesmente a criação mais sofisticada do processo de constituição de sujeitos-objeto (trabalhadores-mercadoria, trabalhadores precarizados, corpos matáveis) no espaço colonial.

Por tais motivos, a colônia não pode ser definida como um lugar ou como uma situação tão somente. Apesar de ser um fenômeno histórico, a colônia instituiu uma lógica de dominação que ultrapassou até mesmo os processos de independência resultantes das lutas coloniais ocorridas na segunda metade do século XX. A descolonização

é mais do que a retirada do dominador do território, uma vez que a colonização produziu formas de ver o mundo e criou uma forma particular — e colonial — de economia do desejo. O próprio colonizado enquanto sujeito foi forjado dentro do horizonte da colonização, no seio de violências inomináveis, mas também com sofisticação acadêmica e muitas sutilezas estéticas. É interessante notar como a cultura, mesmo com a intenção de denunciar a tragédia do colonialismo e do racismo, termina muitas vezes por reafirmar a tragédia em outros termos, como bem notou Frantz Fanon em “Racismo e Cultura”.⁸

A descolonização⁹ é, portanto, o processo de reorientação das formas de vida produzidas pelo imperialismo e pelas práticas coloniais. Trata-se de um caminhar em direção a uma libertação que, mais do que jurídica ou política, é existencial. É mister que a memória dos horrores coloniais seja reconstituída para que um novo caminho possa ser aberto diante da encruzilhada em que as lutas pela independência colocaram os povos colonizados. Novas formas de organização social, novos modos de pensar, novas relações econômicas, novas formas de relacionar-se com os outros e com o mundo circundante, e novos parâmetros estéticos são imperativos para uma real libertação do jugo colonial. Já dissemos aqui: a colônia é uma forma de gestão diretamente relacionada a reprodução econômica e técnicas de morte, destruição, controle e humilhação. Por constituir uma tecnologia da morte, sustentada por uma ideologia racista, o modelo da colônia pode ser reconfigurado para outros contextos de dominação além das *plantations*, sempre que, diante de uma crise, for necessário administrar a morte e o descarte de vidas, como se observa atualmente nas periferias, nas favelas, nos guetos e nos presídios de várias partes do mundo, e até dentro do território europeu, como é exemplo histórico a Alemanha Nazista

Por isso, a necessidade de uma leitura crítica de *Coração das trevas*. Livro absolutamente fundamental pelos seus valores estético-literários, mas também porque traz consigo profundas contradições e dilemas que ainda chegam a nosso tempo na forma da normalização do racismo, da morte e da miséria.

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA é doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É professor da Fundação Getúlio Vargas e da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente, é também presidente do Instituto Luiz Gama.

- 1 KANT, I. *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*. Norderstedt: Hansebooks, 2017. Ver: *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime. Ensaio Sobre as Doenças Mentais*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- 2 HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970. Ver: HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. 2a ed. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- 3 COGGIOLA, O. *As grandes depressões (1873-1896 e 1929 - 1939): fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 104.
- 4 A população da 'África negra' era, no século XIX, de três a quatro vezes menor do que no século XVI. A conquista colonial capitalista (com uso de artilharia contra, no máximo, fuzis coloniais), o trabalho forçado multiforme e generalizado, a repressão das numerosas revoltas por meio do ferro e do fogo, a subalimentação, as diversas doenças locais, as doenças importadas e a continuação do tráfico negreiro oriental reduziram ainda mais a população que baixou para quase um terço. Idem, Ibidem, p. 118.
- 5 MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018, p. 105.
- 6 ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- 7 Ver ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- 8 FANON, F. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa, Portugal: Livraria Sá da Costa, 1980.
- 9 MBEMBE, A. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. São Paulo: Vozes, 2019.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C754c Conrad, Joseph

Coração das trevas / Joseph Conrad ;
traduzido por José Rubens Siqueira ;
ilustrado por Cláudio Dantas.
– Barra da Tijuca, RJ : Antofágica, 2019.

Tradução de: Heart of Darkness

ISBN: 978-65-80210-04-6

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Siqueira, José Rubens.
II. Dantas, Cláudio. III. Título.

CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

Literatura inglesa : Romance 823
Literatura inglesa : Romance 821.111-31

Todos os direitos desta edição reservados à

Antofágica
prefeitura@antofagica.com.br
facebook.com/antofagica
instagram.com/antofagica
Rio de Janeiro — RJ

ESSA VIAGEM FOI UM OFERECIMENTO DA MARINHA ANTOFAGENSE.

A jornada de Marlow foi composta cuidadosamente em Warnock e Wremena.